

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE ENFERMAGEM

ALESSANDRA MARTINS DOS REIS

**O sentido do movimento estudantil contemporâneo pela voz dos
estudantes da saúde**

São Paulo
2007

ALESSANDRA MARTINS DOS REIS

**O sentido do movimento estudantil contemporâneo pela voz dos
estudantes da saúde**

Dissertação apresentada à Escola de
Enfermagem da Universidade de São Paulo
para obtenção do título de mestre em
enfermagem.

Área de concentração: Enfermagem em saúde coletiva
Orientadora: Prof^a Dr^a Cássia Baldini Soares

São Paulo
2007

Folha de aprovação

Alessandra Martins dos Reis

O sentido do movimento estudantil contemporâneo pela voz dos estudantes da saúde

Dissertação apresentada à Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo para obtenção do título de mestre.

Área de concentração: saúde coletiva

Aprovada em: _____

Banca examinadora

Prof. Dr. _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

A meu pai, Francisco, que me faz acreditar
nas pessoas e na luta por um mundo mais
solidário e a quem devo todas as coisas
boas que aconteceram na minha vida.

A minha mãe, Isabel.

As minhas irmãs queridas, Lilian e Paula.

A todos os militantes do movimento
estudantil e movimentos sociais que com
persistência continuam acreditando em um
mundo mais justo.

Agradecimentos

Agradeço especialmente a Débora e Carina, minhas queridas amigas, companheiras de movimento e na vida; Kátia e Jorginho pelo apoio fundamental em Campinas; aos estudantes que me ajudaram durante o CONEB, sem vocês não seria possível...

As Professoras Cássia e Célia, pela paciência e pelos momentos de construção e crescimento que vocês sempre proporcionam aos estudantes.

Minha irmã Paula que me ajudou bastante nos últimos instantes...

Agradeço a todos os estudantes que participaram da pesquisa e colaboraram para a compreensão do movimento estudantil dessa geração.

Quero a utopia, quero tudo e mais
Quero a felicidade nos olhos de um pai
Quero a alegria muita gente feliz
Quero que a justiça reine em meu país
Quero a liberdade, quero o vinho e o pão
Quero ser amizade, quero amor, prazer
Quero nossa cidade sempre ensolarada
Os meninos e o povo no poder, eu quero ver
São José da Costa Rica, coração civil
Me inspire no meu sonho de amor Brasil
Se o poeta é o que sonha o que vai ser real
Bom sonhar coisas boas que o homem faz
E esperar pelos frutos no quintal
Sem polícia, nem a milícia, nem feitiço, cadê poder ?
Viva a preguiça viva a malícia que só a gente é que sabe ter
Assim dizendo a minha utopia eu vou levando a vida
Eu viver bem melhor
Doido pra ver o meu sonho teimoso, um dia se realizar

Coração Civil. Milton Nascimento e Fernando Brant

O que foi feito, amigo,
de tudo que a gente sonhou
O que foi feito da vida,
o que foi feito do amor
Quisera encontrar aquele verso menino
Que escrevi há tantos anos atrás
Falo assim com saudade,
falo assim por saber
Se muito vale o já feito,
mas vale o que será
Mas vale o que será
E o que foi feito é preciso
conhecer para melhor prosseguir
Falo assim sem tristeza,
falo por acreditar
Que é cobrando o que fomos
que nós iremos crescer
Nós iremos crescer,
outros outubros virão
Outras manhãs, plenas de sol e de luz
(...)
O que foi feito deverá. Milton Nascimento

Resumo

O objeto deste trabalho é o movimento estudantil contemporâneo. O objetivo foi caracterizar os estudantes que participam do movimento estudantil contemporâneo, identificar os principais temas discutidos pelo movimento na atualidade, caracterizar as práticas e formas de organização do movimento estudantil e analisar as concepções de saúde tomadas pelo movimento. Trata-se de pesquisa descritiva em que a exposição do objeto se deu, tanto pela via qualitativa, como pela via quantitativa. A coleta dos dados quantitativos ocorreu durante o conselho nacional de entidades de base (CONEB) da União Nacional dos Estudantes (UNE) entre os dias 13 e 16 de abril de 2006; os dados qualitativos foram colhidos entre os meses de abril e novembro de 2006 em Campinas e São Paulo (SP). A população foi constituída de estudantes universitários que participam de centros acadêmicos e outras entidades estudantis. Foram distribuídos aos participantes do CONEB questionários com perguntas fechadas combinando: informações acerca do estudante; questões acerca das condições sociais de suas famílias; questões acerca da participação política e social dos estudantes. Num segundo momento, foram entrevistados apenas estudantes da área da saúde e da UNE. Esse foi o momento em que, através de questões abertas, os estudantes se manifestaram acerca dos temas, do sentido e do impacto do ME, sua relação com os partidos políticos, limites e possibilidades no encaminhamento das organizações estudantis, bem como informações sobre a concepção de saúde e prática relativa às questões de saúde. Foram entrevistados dois representantes da UNE e um representante de cada executiva da saúde: biomedicina, educação física, enfermagem, farmácia, fisioterapia, fonoaudiologia, medicina, nutrição, odontologia, psicologia, serviço social, terapia ocupacional e veterinária (1 de cada curso), totalizando 15 entrevistas. Valeu-se da técnica de entrevista semi-estruturada. Resultados: os estudantes que fazem parte do movimento estudantil são em sua maioria homens, jovens brancos, solteiros, naturais do eixo sul-sudeste; quando consideradas a situação de trabalho dos pais, renda familiar, posse de moradia familiar, fontes de renda e gastos pessoais, prevalecem condições de existência relativamente estáveis. Os estudantes consideram o movimento estudantil um espaço de organização da juventude para lutar pela transformação social, espaço de formação política em que são discutidos diversos temas, sendo prevalentes os temas da educação e universidade, é um espaço também de disputa política com inserção importante dos partidos políticos. Os estudantes avaliam que o movimento está fragmentado entre executivas de curso e União Nacional dos Estudantes, apesar da sobreposição de atividades desenvolvidas pelas entidades. A concepção de saúde mais enfatizada entre as lideranças estudantis foi a multicausal, representada notadamente por fatores relacionados à esfera do consumo. Sobressaem também concepções que se aproximam do pensamento hegemônico “pós-moderno” centradas no indivíduo, na subjetividade e de caráter idealista. Poucos estudantes consideraram nas suas formulações, de maneira organizada, a categoria da reprodução social na determinação do processo saúde-doença. Pode-se concluir que na área da saúde os estudantes tendem a reproduzir os conceitos da saúde pública, fundamentados na concepção funcionalista da saúde-doença que propõe como intervenção a responsabilização do indivíduo pela sua saúde.

Palavras - chave: movimento estudantil, participação, juventude, saúde coletiva

Abstract

The subject of this paper is the student movement. The goal was defining the students who take part of the student movement, identifying themes currently discussed by them, defining the practices and organizational ways of the student movement and analyzing the perception of health they have. It's a describing research in which the exposure of the subject was done by both qualitative and quantitative ways. The collecting of quantitative data was done during the National Council of Student Societies (CONEB) organized by National Union of Students (UNE) from April, 13th to April 16th, 2006; qualitative data were collected from April to November 2006 in Campinas and São Paulo (SP). Population was formed by university students who take part of a student society and other student organizations. Firstly, questionnaires were given to the participants of CONEB with open questions matching: information about the student; questions about the social conditions of their families; questions about their social and political initiatives. Secondly, natural science students and students from UNE were interviewed. At this moment, through open questions, students made themselves known about the themes, about the goal and impact of student movement, their involvement with political parties, limits and possibilities in student organizations, also, information about their perception of health and practices related to health issues. Two representatives of UNE and one representative of each regional society of natural science students were interviewed: biomedicine, physical education, nursing, pharmaceuticals, physiotherapy, phonoaudiology, medicine, nutrition, dentistry, psychology, social work, occupational therapy and veterinarian medicine (1 of each field), totalizing 15 interviews. The technique of semi-structured interviews was used. Results: students who take part of student movement are most men, young Caucasians, single, from the Southeast; when parents' jobs are taken into consideration, family income, owning a family dwelling, sources of income and personal expenses, relatively stable living conditions prevail. Students consider student movement an opportunity for youth organization fight against social changes, an opportunity for political constitution by the discussion of several themes, prevailing educational and university ones, it's also a space of political dispute and the inserting of parties. Students believe that student movement is fragmented among regional societies of each science and National Student Union, despite the overlaying of activities developed by societies. The most mentioned perception of health was the multi-causal, clearly represented by factors related to consumption. Also, perceptions centered in the individual, related to "post modern" hegemony overlay, in subjectivity and idealistically. Few students take into consideration, in an organized way, the category of social reproduction while determining health-sickness process. We can conclude that in natural science field, students tend to believe public health concepts, based on functional conception of health-sickness that suggests the responsibility of each of us for our health as an intervention.

Key-words: student movement, participation, youth, population health.

Sumário

Apresentação.....	10
1 Introdução.....	14
1.1 Uma revisão da literatura sobre o movimento estudantil.....	17
1.2 Conclusões.....	21
2 Considerações teóricas.....	22
2.1 Teoria dos movimentos sociais.....	22
2.2 Juventude universitária e movimento estudantil.....	26
2.3 Valores “pós-modernos” e juventude.....	29
3 Pressupostos do estudo e questões norteadoras.....	33
3.1 Questões relacionadas ao perfil geral do estudante que participa do movimento estudantil.....	34
3.2 Questões relacionadas ao conteúdo do movimento estudantil exposto sob a ótica do estudante.....	34
4 Objetivo geral.....	35
4.1 Objetivos específicos.....	35
5 Procedimentos metodológicos.....	36
5.1 Tipo de pesquisa.....	36
5.2 Campo ou contexto de estudo: o movimento estudantil.....	36
5.3 População de estudo, instrumentos de coleta de dados e coleta de dados.....	39
5.4 Análise dos dados.....	40
5.5 Aspectos éticos.....	42
5.6 A apresentação dos resultados aos sujeitos e a definição de estratégias de ação.....	43
6 Resultados.....	44
6.1 Um perfil do estudante do movimento estudantil contemporâneo a partir de uma amostra dos participantes do CONEB.....	44
6.1.1 Dados gerais de identificação dos estudantes vinculados ao movimento estudantil: homens, jovens brancos, solteiros, naturais do eixo sul-sudeste.....	44
6.1.2 Os estudantes vinculados ao movimento estudantil e a situação de trabalho dos pais, renda familiar, posse de moradia familiar, fonte de renda e gastos pessoais.....	48
6.1.3 Os estudantes vinculados ao movimento estudantil e as condições gerais de moradia.....	53
6.1.4 Os estudantes vinculados ao movimento estudantil e seu perfil educacional.....	55
a) A escolaridade dos pais.....	55
b) Região e Estado de estudo.....	56
c) Área e cursos freqüentados, tipo de financiamento – público ou privado, condições de matrícula e período do curso.....	58
6.1.5 Os estudantes vinculados ao movimento estudantil e sua participação política e social.....	60
a) a militância no interior do movimento estudantil.....	60
b) a militância no espaço político partidário.....	61
c) a militância em outros movimentos sociais.....	63
d) a participação em ONGs.....	65
e) a participação em outras atividades.....	66
6.2 Um perfil das lideranças do movimento estudantil contemporâneo partir de uma amostra dos estudantes entrevistados.....	67
6.2.1 Dados gerais de identificação dos estudantes entrevistados: homens, jovens brancos, solteiros, naturais do eixo sul-sudeste.....	67

6.2.2 Os estudantes entrevistados e a situação de trabalho dos pais, renda familiar, posse de moradia familiar, fonte de renda e gastos pessoais.....	68
6.2.3 Os estudantes entrevistados e as condições gerais de moradia.....	69
6.2.4 Os estudantes entrevistados e seu perfil educacional.....	70
a) A escolaridade dos pais.....	70
b) Região e Estado de estudo.....	70
c) Área e cursos freqüentados, tipo de financiamento – público ou privado, condições de matrícula e período do curso.....	70
6.2.5 Os estudantes entrevistados e sua participação política e social.....	71
a) a militância no interior do movimento estudantil.....	71
b) a militância no espaço político partidário.....	71
c) a militância em outros movimentos sociais.....	72
d) a participação em ONGs.....	72
e) a participação em outras atividades.....	72
6.3 O movimento estudantil pela voz dos estudantes entrevistados.....	73
6.3.1 Movimento estudantil como sujeito de transformações sociais.....	74
6.3.2 Movimento estudantil como espaço de formação política.....	78
6.3.3 Movimento estudantil como espaço de discussão sobre formação profissional.....	90
6.3.4 Organização do movimento estudantil.....	92
6.3.5 Concepções de saúde.....	108
6.3.5.1 Concepção multicausal.....	108
6.3.5.2 Concepção de saúde sob a égide da consciência “pós-moderna”.....	110
6.3.5.3 Concepção de saúde como processo social: uma aproximação.....	112
7 Discussão.....	114
7.1 A amostra dos participantes do CONEB e entrevistados.....	114
7.1.1 Os estudantes vinculados ao movimento estudantil a partir da amostra estudada: homens, jovens brancos, solteiros, naturais do eixo sul-sudeste.....	114
7.1.2 A situação de trabalho dos pais, renda familiar, posse de moradia familiar, fontes de renda, gastos pessoais: prevalecendo condições de existência relativamente estáveis.....	116
7.1.3 Condições gerais de moradia: bem acomodados e próximos da família.....	116
7.1.4 Perfil educacional.....	117
7.1.5 Participação política e social.....	117
7.2 O movimento estudantil pela voz dos estudantes entrevistados.....	119
8 Considerações finais.....	127
Referências bibliográficas.....	129
Anexos.....	139

Apresentação

Política é o processo social através do qual poder coletivo é gerado, organizado, distribuído e usado nos sistemas sociais. Na maioria das sociedades, é organizada sobre tudo em torno da instituição do Estado, embora este fenômeno seja relativamente recente. Nas sociedades feudais, por exemplo, o Estado era muito fraco e subdesenvolvido, e o poder político cabia principalmente aos nobres, vassalos e clero, cujas esferas de influência eram bem definidas pela extensão de suas terras.

Embora seja associado com mais frequência a instituições de governo, nos níveis internacional, nacional e comunitário, o conceito de política pode ser aplicado a virtualmente todos os sistemas sociais nos quais o poder representa papel importante. Podemos, por conseguinte fazer perguntas sobre a política da vida familiar e da sexualidade, a “política” de escritório, a política universitária ou mesmo a política da arte e da música. Este último argumento tem expressão especial porque chama atenção para o fato de que todos os sistemas sociais têm uma ESTRUTURA DE PODER, e não apenas aqueles cujas funções são formalmente definidas em termos de poder. (Johnson, 1997:178)

O interesse pelo estudo do movimento estudantil foi se conformando em função de minha militância como estudante de enfermagem, no período de 1999 a 2001, junto ao centro acadêmico e à executiva nacional dos estudantes de enfermagem.

Desde então, mesmo após a conclusão do curso, venho acompanhando discussões e ações organizadas no interior das nossas organizações estudantis e mantendo contato com outros graduados que, como eu, não deixaram para trás a riqueza de experiências acumuladas no exercício da militância acadêmica ao longo da graduação, muito menos o compromisso de integrar os espaços coletivos de luta pela construção de uma sociedade em que justiça, liberdade e solidariedade sejam balizas da transformação.

De forma geral, os estudantes que participam do movimento estudantil o classificam como um espaço privilegiado de discussão e aprendizado, apontado, muitas vezes, como único instrumento de formação política na universidade, espaço em que afloram atitudes que vão traduzindo a progressiva consciência da responsabilidade e do compromisso social do estudante com a escolha por uma dada profissão.

Foracchi (1972:57) argumenta que a universidade é o local em que o jovem busca identificar-se e encontrar espaço para exercer sua liberdade, contestando a sociedade e manifestando o seu descontentamento com o sistema, uma vez que observa os resultados da pressão que a crise de uma *sociedade tecnológica e pluralista* impõe à própria universidade:

A formação técnica e profissional é colocada no lugar da formação humanizadora e crítica e a substitui ao invés de suplementá-la. Com isso, a universidade falha em criar um corpo estudantil que respeite valores intelectuais, que os encontre nela criados ou nela formulados, para não ter que procurá-los ou formá-los em setores extra-universitários.

O projeto político da universidade encastela-se, ora na pesquisa, ora na escalada acadêmica, e passa por picos de intensa atividade e expressão, alternados por refluxos conjunturais, caso dos movimentos de professores e de funcionários associados em suas entidades de representação. Os espaços formais da universidade estão contaminados pela política e não estão eles especialmente alheios, ao contrário, neles se gestam, p.ex., estratégias de reação ao que pleiteia o movimento estudantil.

Em 2001, um grupo de estudantes vinculadas à gestão do centro acadêmico se juntou com o intuito de resgatar a história do centro acadêmico através de documentos que compõem o acervo da entidade. Nas atas de reuniões, jornais, cartas, relatórios, entre tantas preciosidades, que diziam respeito não só à agremiação da enfermagem, mas ao diretório central dos estudantes e à união nacional dos estudantes encontrei motivação para, mesmo depois de formada, sistematizar um estudo mais aprofundado e que pudesse qualificar e trazer à tona o sentido da militância estudantil no conjunto da formação universitária.

O movimento estudantil difere de outros movimentos sociais pela condição transitória de participação do estudante e pela dependência da adesão ativa, militante e contínua de novos estudantes para que o movimento continue a existir.

O exame dos mencionados documentos permitiu perceber que - seguindo o rumo do movimento estudantil em nível nacional e internacional - o movimento da enfermagem foi marcado por períodos de “efervescência” - p. ex. nas décadas de 60 e 70 - e por períodos de “calmaria” – particularmente nas décadas de 80 e 90 - sempre relacionados às inflexões da realidade social, contaminados pelo embate de forças na sociedade organizada em torno das mais diversas bandeiras de luta.

De outro lado, a história recente dos movimentos estudantis na área da saúde (década de 90) - marcada por discussões muitas vezes técnicas e corporativistas, focalizadas nas preocupações com a profissão e com o mercado de trabalho - mostra uma forte sintonia com o desenvolvimento e fortalecimento de suas entidades representativas em torno dos interesses acadêmicos próprios dos diferentes cursos, reduzindo-se a sua concentração em torno dos temas que originalmente mobilizaram os jovens na luta pela renovação da universidade e pela transformação social. Essa mudança de orientação é alimentada pelas tentativas cada vez mais atrativas de engessamento do movimento, caso da inserção de suas lideranças em espaços institucionalizados - conselhos de saúde e alguns projetos de formação, iniciativas conjuntas com o Ministério da Saúde.

O movimento estudantil, que nas suas origens, fortaleceu-se como uma voz ativa, vem se nutrindo e se beneficiando, na atualidade, da sua aproximação de outros movimentos sociais - como o MST (movimento dos trabalhadores rurais sem terra) e MMM (marcha mundial de mulheres) – o que repercute positivamente no processo de formação política dos estudantes.

Tal como na década de 60, quando os estudantes organizados – sobretudo os uspianos - ganhavam espaço para suas lutas a partir dos debates à esquerda, (Santos, 1988), também se nota contemporaneamente uma proximidade aos partidos políticos de esquerda, o que por um lado pode trazer ganhos na formação política, mas que, de outro, pode limitar a discussão e a

ação ao âmbito de disputas partidárias, restringindo a pauta do movimento, oportunizando apenas a participação de setores do estudantado mais afeitos a essa dimensão da prática política.

Tais suposições e constatações aguçaram ainda mais o meu interesse em estudar com profundidade os caminhos do movimento estudantil, particularmente os que vêm sendo trilhados pela parcela de estudantes organizados a partir das instituições educacionais universitárias na área da saúde.

1 Introdução

Este estudo toma como objeto o movimento estudantil na área da saúde.

Para que tenha sentido e impacto sobre os problemas enfrentados no interior da sociedade, o trabalho em saúde, como em qualquer esfera que se relacione aos direitos sociais e coletivos, requer não só o desenvolvimento de habilidades e conhecimentos técnico-científicos, mas também uma postura ético-política, como extraído das lições de Queiroz, Salum (2001), pois os futuros estudantes, como postulava Paulo Freire (1997), *estarão intervindo no mundo, querendo bem à sociedade, o que exige deles empenho em aliar à sua competência técnico-científica, a competência ético-política –, não a ética do mercado e das instituições que por ele são comandadas – mas a ética do humano e do solidário.*

Nessa direção, o movimento estudantil guarda importância como espaço formativo quase que exclusivo, já que a prática política *per si* não é tema formal das estruturas curriculares nas universidades. Estudá-lo e compreender o seu sentido assume assim posto de importância na pesquisa no campo da Saúde Coletiva, especificamente da Enfermagem em Saúde Coletiva, se considerarmos que este campo de conhecimentos e práticas exige do trabalhador em saúde uma ação renovada. Construído no interior dos movimentos sociais em saúde, fundado na militância da luta por melhores condições de saúde e de assistência em saúde, o campo da Saúde Coletiva, se defronta com o desafio de constituir sujeitos sociais capazes de fortalecer a ação dos grupos sociais organizados *em respeito ao compromisso ético com o recurso do público que é investido na universidade* (Salum, Queiroz, Soares, 2007).

E, afinal de contas, já houve quem, muito apropriadamente, reconhecesse a organização estudantil como espaço para *aquisição de uma expressão política, e de interiorizar categorias políticas para se pensar a realidade* (Meneses, 1988).

Analisar as formas de expressão e organização da juventude na atualidade significa necessariamente considerar o momento histórico e as mudanças ocorridas na sociedade brasileira nas últimas décadas, bem como as origens e aspirações sociais dos jovens universitários.

Os estudantes começaram a se organizar no Brasil no início do século XX, com a realização do I Congresso Nacional de Estudantes em São Paulo em 1910 e com a criação da Casa do Estudante do Brasil em 1929. A participação ativa de estudantes na revolução constitucionalista de São Paulo em 1932 contribuiu para a crescente organização dos jovens e a fundação da União Nacional dos Estudantes (UNE) em 1937 com sede na Casa do Estudante do Brasil no Rio de Janeiro. Em 1940 os estudantes iniciaram campanha contra o nazi-fascismo e pela redemocratização nacional, organizando passeatas e atos nos anos posteriores, o que terminou muitas vezes com repressão violenta da polícia e o assassinato dos estudantes: Jaime da Silva Teles em 1943 e Demócrito de Souza Filho em 1945. Durante a década de 40 e 50 a entidade ganha força e visibilidade através da promoção de campanhas nacionais. Com a criação da Juventude Estudantil Católica (JEC) e a Juventude Universitária Católica (JUC), a inserção dos ensinamentos da Igreja católica ganha força durante a década de 50 no movimento estudantil. No início da década de 60 a reforma universitária passa a ser tema constante em debates promovidos pela UNE. O período de 64 a 74 é marcado pela repressão aos estudantes e luta contra ditadura militar e período de maior atuação dos estudantes organizados pelo movimento (Memória...2007). A grande expressividade que o movimento alcançou na década de 60 pode ser observada pelos relatos de militantes da época (Meneses, 1988: 122-124):

Essa articulação orgânica da universidade com a cidade – o que é antes de mais nada uma realidade concreta, de proximidade física, se traduzia também, num outro nível, numa grande participação dos estudantes em movimentos que se articulavam com o povo. (...) ‘conscientização’ e ‘participação’ eram as palavras de ordem (...) foi no espaço do Grêmio

que aprendíamos como é que funciona uma assembléia: um exercício de democracia. E tínhamos a oportunidade de adquirir uma expressão política, e de interiorizar categorias políticas para se pensar a realidade. A atmosfera da faculdade sugeria ao estudante o senso de participação política e de *responsabilidade social*. Vivíamos a ilusão de uma universidade que se propunha a contribuir para a elaboração de uma cultura nacional. E sentíamos, um tanto confusamente, o papel histórico que cabia à universidade desempenhar, na luta pela superação da dependência cultural.

Há quem fale que a geração dos anos 60 foi mitificada, com uma imagem de heroísmo e caricatura, e que isso poderia dificultar a compreensão desse movimento pela geração atual trazendo uma sensação de fardo e não de herança, com a responsabilidade de construir o que a geração de 60 não conseguiu terminar (Cardoso, 2005). Um equívoco, pois foi lá nos anos 60 que se deu o salto de qualidade na organização do movimento estudantil, não apenas no plano nacional, mas pelo mundo afora.

Na verdade, só na década de 1960 se tornou inegável que os estudantes tinham constituído, social e politicamente uma força muito mais importante do que jamais haviam sido, pois em 1968 as explosões de radicalismo estudantil em todo mundo falavam mais alto que as estatísticas (Hobsbawn, 1995:290).

Por outro lado, quem poderá negar que o movimento estudantil contemporâneo esteja refletindo os encaminhamentos atuais do projeto neoliberal, expressão do pensamento da pós-modernidade, que incentiva a concentração de riqueza e a omissão do Estado por referência às relações entre capital e trabalho. Os valores são difundidos e sustentados por uma ideologia que impõe a competição e o individualismo como eixos do progresso, os projetos privados como corretos, para o público restando apenas a cultura da caridade, da doação (Chauí, 1992).

O impacto das políticas neoliberais sobre a universidade resulta em perda da autonomia em relação ao Estado, que por sua vez impõe uma maior flexibilização da universidade. Essa flexibilização constituiria imposição para a adequação da universidade à desregulamentação do trabalho, às mudanças curriculares e de estrutura voltadas a uma

suposta qualidade que atenderia apenas às necessidades de maior produtividade em menor tempo e com redução de custos, a serviço do capital. Nessa direção a *universidade operacional* estaria voltada somente para sua organização interna, para o cumprimento de metas e de produtividade, sem se preocupar com a crítica, com a superação, com a transformação social (Chauí, 2001).

Uma revisão da literatura levantando os trabalhos que se dedicaram a tratar objetivamente do ME deve auxiliar na recuperação histórica das características do movimento estudantil e apontar tendências atuais do movimento, frente aos encaminhamentos neoliberais.

1.1 Uma revisão da literatura sobre o movimento estudantil

Uma primeira pesquisa bibliográfica em bancos de dados disponíveis on line utilizou-se do cruzamento das palavras: movimento e estudantil. No banco de dados da Biblioteca Virtual em Saúde, encontrava-se apenas um trabalho sobre o tema, e no da Biblioteca Virtual de Ciência e Tecnologia, que é composta por diversas áreas do conhecimento, dentre elas as ciências sociais, não foi encontrada nenhuma referência.

Diante disso, foi realizada nova pesquisa no banco de dados disponível on line DEDALUS da Universidade de São Paulo, que agrega informações sobre o acervo das bibliotecas da universidade, tendo sido encontradas 123 referências, valendo-se dos mesmos descritores: movimento e estudantil.

O único artigo encontrado na Biblioteca Virtual de Saúde apresentou apontamentos sobre a história do movimento estudantil e discutiu os desdobramentos do movimento na enfermagem. (Silva; Martinho, 1999).

As publicações encontradas no DEDALUS foram classificadas segundo tema geral de que tratavam, tipo de publicação, período em que foram publicadas e o idioma.

Foram eliminadas 16 referências que estavam repetidas no banco de dados, 14 entrevistas, 12 referências que não eram pertinentes ao tema ou que apenas citavam o movimento estudantil como tema secundário e 2 filmes, totalizando 79 publicações selecionadas (Tabela 1).

Tabela 1 – Distribuição das publicações sobre movimento estudantil segundo tema abordado, São Paulo, 2005.

Tema	n	%
Movimento estudantil do Brasil na década de 60	31	39,2
Ação do movimento estudantil em outros países	20	25,3
Movimento estudantil do Brasil na atualidade	14	17,7
União Nacional dos Estudantes (UNE)	07	8,9
Análises gerais sobre o movimento estudantil	07	8,9
Total	79	100

A maior frequência das publicações encontrava-se na forma de livros ou capítulos de livros (53 – 67,1%), seguido por artigos de periódicos (10 – 12,7%), dissertações de mestrado (8 – 10,1%), artigos de jornais (6 – 7,6%) e teses de doutorado (2 – 2,5%).

O período que abrigou maior frequência de publicações foi aquele compreendido entre 1980 e 1989 (23 – 29,1%), seguido dos períodos de 1990 a 1999 (17 – 21,5%), 1960 a 1969 (16 – 20,2%), 2000 a 2005 (13 – 16,5%), 1970 a 1979 (9 – 11,4%); foi encontrada ainda uma publicação não datada (1 – 1,3).

O idioma mais frequente das publicações foi o português (61 – 77,2%), seguido do inglês (7 – 8,9%), espanhol (7 – 8,9%), francês (3 – 3,8%) e italiano (1 – 1,2%).

A organização das ações estudantis é descrita, na maioria dos estudos, sempre ligada à UNE (Poerner, 1968; Santos, 1980; Fávero, 1995; Martins Filho, 1987; Sanfelice, 1986; Seganfreddo, 1963; Mendes Júnior, 1982; outros). Esses estudos tomam como referência depoimentos de militantes, ex-militantes e documentos históricos, desde a fundação até a marcante expressão que a UNE alcançou no período de resistência à ditadura. Pode-se

concluir que nesse período o objeto do movimento estudantil era a ditadura militar e que o caráter das discussões não se limitava às especificidades de cada curso, nem às particularidades de cada região.

A maioria das publicações sobre o movimento estudantil da década de 60 citava o envolvimento dos militantes com partidos políticos clandestinos, descreviam algumas formas de comunicação, organização, manifestações, prisões e mortes de militantes, baseadas principalmente em relatos de ex-militantes que vivenciaram os acontecimentos. (Medina, 1989; Cohn-Bendit, 1968; Santos, 1980; Os acontecimentos...1988; Cândido, 1988; outros)

Um dos livros de maior destaque sobre o movimento estudantil, publicado em 1968, analisa o movimento antes e após a fundação da UNE. Nele encontra-se a discussão a respeito do processo de organização dos estudantes, impulsionado pela fundação de novas universidades, pela fundação de centros acadêmicos e grêmios, que teve como frutos o I Congresso Nacional dos Estudantes em 1910 e a fundação da UNE em 1937. O texto enfatiza ainda a forte ligação dos estudantes aos partidos políticos (Poerner, 1968).

Na nossa revisão, foi possível observar que os trabalhos que tomam como objeto juventude e movimento estudantil a partir da década de 60 fundamentam-se nos estudos realizados por Marialice Foracchi. Sua obra traz importantes análises sobre os problemas enfrentados pela universidade em consequência à expansão capitalista e suas consequências para a juventude, baseando-se em dois fundamentos teóricos: um que explica a juventude através da inserção de classe e outro que se apóia na teoria do conflito de geração, formulada por Karl Mannheim. Os estudos de Foracchi caracterizam o movimento estudantil como uma resposta da juventude à sua insatisfação em relação aos valores da formação social (Foracchi, 1965, 1972).

O fato é que as origens e a consolidação do ME nos anos 60, e, especialmente o ano de 1968, constituíram marcas indeléveis da consagração do estudante como força social.

Comprovação disso é a prevalência da retomada do tema, observada no grosso dos trabalhos sobre o ME publicados na década de 80. (Reis Filho, 1988; Cavalari, 1987; Santos, 1988; Silva, 1989; Mendes Júnior, 1982; Martins Filho, 1987; Sanfelice, 1986; Cândido, 1988; outros). Foi esse o período em que mais se publicou sobre ME e ainda estavam ali presentes os dilemas, as conquistas e os encaminhamentos daqueles que, no dizer de Antonio Candido, fizeram do ano de 1968 aquele que “há de ficar na crônica do século como o ano da mocidade, representada pelos estudantes”.

Somente a partir da década de 90 encontrou-se publicações, principalmente em jornais e artigos de periódicos, cujo objeto era o “renascimento” do movimento estudantil, impulsionado pelas manifestações pró-impeachment do início da década e pela inserção dos estudantes em manifestações públicas (passeatas, greves) (Loge, 1992; Rodrigues Neto, 1992; Matos, 1993; Balbachevsky, 1994; Saliba, 1999; outros).

Alguns estudos acadêmicos mais recentes voltaram-se à análise do movimento estudantil particularizado por cursos (Ribeiro, 1998; Hur, 2001; Mortada, 2002;), descrevendo ações regionais do movimento, como exemplo a organização em entidades regionais dos estudantes da psicologia.

Mostrando essa tendência de organização por cursos, estudo de Oliveira (1994) discutiu o fortalecimento das executivas de curso¹ a partir do final da década de 60, num momento em que a dificuldade de promover discussões políticas em espaços públicos propiciou a cisão entre os encontros nacionais de curso (encontros que reuniam estudantes de um mesmo curso universitário promovidos pelas executivas), ações então consideradas legais nesse período, e as manifestações e ações estudantis promovidas pela UNE, que eram

¹ Executivas de curso são entidades estudantis que representam nacionalmente estudantes de um mesmo curso universitário. São responsáveis pela organização nacional e regional de estudantes de um mesmo curso, promovendo fóruns de discussão específicos. A maioria dos cursos possui uma executiva que organiza no mínimo um encontro nacional anual.

consideradas ilegais. Os encontros nacionais de curso voltavam-se principalmente às discussões sobre profissão, mercado de trabalho e universidade.

Assim, apesar do movimento estudantil contemporâneo buscar novas estratégias de organização e de superação das estruturas autoritárias e verticalizadas tradicionais, ao mesclar discussões particularizadas – relativas aos problemas de cada curso e às questões de grupos específicos - a temas amplos – política econômica e participação - fragmenta assim a participação em grupos, o que pode ser constatado também na utilização de recursos de marketing e símbolos visuais e estéticos próprios, como estratégias de convencimento e reconhecimento (Mesquita, 2001).

1.2 Conclusões

A análise dos trabalhos revela que o movimento estudantil reflete a cada momento histórico o contexto social mais amplo. Os trabalhos publicados na década de 60, 70 e 80 no Brasil voltaram-se prevalentemente ao estudo do movimento estudantil como movimento contra a ditadura militar brasileira, enquanto que os estudos da década de 90 e os mais recentes iniciaram discussões sobre uma nova conformação e organização do movimento.

Assim, é possível que essas novas características que se referem ao momento atual vigente mereçam ser melhor conhecidas.

Estudos sistemáticos do movimento estudantil atual devem revelar suas características atuais e mostrar como as contradições do capitalismo incidem sobre o movimento.

2 Considerações teóricas

2.1 Teorias dos movimentos sociais

O desenvolvimento das teorias clássicas dos movimentos sociais acompanha a própria evolução da sociologia nos Estados Unidos, com alguns conceitos que foram retomados a partir da década de 90 e que influenciaram as teorias sobre a ação coletiva e movimentos sociais até os dias atuais (Gohn, 1997).

A característica comum entre as linhas teóricas clássicas era a busca de compreensão de comportamentos coletivos, analisados segundo um enfoque sociopsicológico. Acreditava-se que os comportamentos coletivos eram respostas psicológicas irracionais dos indivíduos ao processo de mudança social que ocorreu com a industrialização, considerando que qualquer ação coletiva não institucional poderia ser uma ameaça à nova configuração social vigente (Gohn, 1997).

Castells (1976) já reforçava a necessidade de se analisar os movimentos sociais urbanos a partir do contexto econômico e político presente em sociedades capitalistas com conjunturas diversas, tomando como eixo as classes sociais em luta e a relação de poder entre elas. Atribuiu aos movimentos sociais urbanos a responsabilidade pela promoção da transformação social, pois questionavam e lutavam contra a lógica que controlava o Estado. Suas análises sobre os movimentos sociais concentraram-se num nível macroestrutural.

Laclau (1986) analisou os “novos” movimentos sociais na América Latina, abordando a necessidade de desmistificar as análises de que as sociedades do Terceiro Mundo estariam num nível menor de diferenciação social, não devendo ser generalizadas e comparadas às sociedades européias, como abordado por alguns autores no período. Afirma o autor que o campo político na América Latina, no século XX, baseou-se em duas matrizes básicas e

totalizantes: liberalismo e populismo. Diante de tais matrizes, analisou as novas experiências de luta e novas formas de conflito a partir da década de 70, ressaltando uma também nova caracterização dos agentes sociais, que foram pleiteando abertura dos sistemas políticos e fim das ditaduras.

Evers (1982) problematizou as interpretações que classificam os novos movimentos sociais apenas na esfera da reprodução. Avalia o autor que as lutas urbanas pela manutenção das condições de subsistência (moradia, saneamento, saúde, educação, transporte, nutrição) que eclodiram na América Latina a partir da década de 70 vinham sendo consideradas por alguns autores como movimentos que alcançariam resultados limitados; não alteravam as relações de classe, à medida que não se relacionavam à esfera da produção social necessitando, portanto, da “condução política pela classe operária”. O autor considera que os problemas sociais consequentes ao processo de industrialização nos países da América Latina, apesar de se manifestarem de formas diversificadas em cada país, interferiram no crescimento dos movimentos sociais na esfera da reprodução. Para ele, seria um erro desconsiderar a inter-relação entre as esferas da produção e reprodução, visto que o trabalhador necessita das formas de reprodução para continuar apto a trabalhar, ao mesmo tempo em que necessita das formas de produção para poder reproduzir. E conclui que, se os integrantes dos novos movimentos sociais nem sempre fazem parte da mesma classe social, podem adquirir uma consciência de classe no transcorrer do desenvolvimento político e das reivindicações do movimento.

Dentre as características dos novos movimentos sociais está o reconhecimento solidário entre os atores sobre as necessidades do outro – identidade coletiva - facilitando a organização em grupos com demandas específicas, outra característica é a flexibilidade, por permitir a mudança dos integrantes segundo a construção dos objetivos durante a trajetória do movimento (Melucci, 2001).

Alguns equívocos são apontados nas análises dos estudos a partir da década de 70, dentre eles, as análises de que os movimentos sociais teriam um objetivo único ou metas históricas a serem atingidas, numa visão genético-finalista; aponta-se ainda que teriam eles adotado conceitos importados de outros países, sem a preocupação de adequação à realidade das cidades da América Latina (Kowarick, 2000).

Cardoso (1994) interpreta os movimentos sociais classificando-os em duas fases: a primeira, na década de 70, com maior ênfase no espontaneísmo, na emergência de um fenômeno que ocuparia um novo espaço e seria responsável por uma mudança política. A segunda fase, a partir do início da década de 80, categoriza os movimentos sociais através de sua relação com o Estado num período de redemocratização, período classificado como cooptação e refluxo de movimentos.

Kowarick (2000:70) analisa criticamente as classificações sobre fluxo, refluxo e cooptação dos movimentos sociais:

De fato, espanta a alguns estudiosos que os movimentos urbanos surjam e desapareçam, num constante fluxo e refluxo, sem ter continuidade e desdobramentos aparentes. O erro dessas interpretações está em basearem-se na pulsação imediata dos conflitos sociais, tendo por referência um parâmetro também imediato de eficácia dos movimentos em constituir espaços de luta de maior envergadura. Quando uns atingem suas reivindicações e perdem seu vigor reivindicatório, são como se costuma dizer, cooptados pelo Estado. Quando, cansados de reivindicar, eles refluem sem nada obter, a descrença na capacidade desse tipo de luta popular se generaliza.

Durante a década de 80, os estudos apontaram os movimentos sociais como principais responsáveis pela promoção de mudanças no papel do Estado e pela construção de um novo padrão de cidadania, disseminando uma nova prática e uma nova cultura política e ressaltando sua autonomia em relação ao Estado. Ao final dessa década, as análises desencantadas, apontando o processo de institucionalização, atribuíram o fracasso aos movimentos sociais (Sader, 1988; Cardoso, 1994; Teixeira et al, 1999; Doimo, 1995; Lavallo, 2004).

Abramo (1994), ao analisar os novos movimentos da juventude, buscando compreender suas novas formas de organização e manifestação, pondera que as análises que classificavam a apatia da juventude na década de 80 - em comparação aos movimentos da juventude da década de 60 - desconsideravam as mudanças sociais ocorridas no período e a mudança da definição de juventude.

Cardoso (1994) apontou ainda equívocos nas análises sobre a institucionalização e refluxo dos movimentos sociais, argumentando que elas não consideravam as mudanças ocorridas no papel do Estado e o novo contexto político do Brasil. No período anterior, o discurso anti-Estado dos movimentos acontecia porque ele não correspondia às necessidades e reivindicações e não estava aberto a negociações. Após a abertura política, as possibilidades de diálogo com as agências públicas ampliaram a inserção dos movimentos através de uma participação institucional, principalmente na configuração dos conselhos. Esse processo de participação no Estado foi difícil porque, além de surgirem conflitos para decidir como ocupar os novos espaços, a identidade e auto-imagem dos movimentos foram colocadas em questão.

Nessa direção, Gonh (2001) analisa os conselhos gestores sob dois aspectos: como um avanço na participação democrática em sua relação direta com o Estado ou como uma forma de desmobilização dos movimentos pela acomodação e incorporação de indivíduos que não representam o coletivo.

Na década de 90, os movimentos sociais desapareceram do debate acadêmico em comparação aos anos anteriores, rompendo um processo de acumulação de conhecimentos até então bastante fecundo, adquirindo maior visibilidade as discussões sobre sociedade civil (Teixeira et al, 1999; Doimo, 1995).

Nesse sentido, Lavallo (2004) defende que os atores dos movimentos sociais continuaram em cena, mas ficaram despercebidos da literatura, apontando como causas principais a reabertura da arena política com o fim da ditadura, a institucionalização e

cristalização dos movimentos, daí a profusão de estudos preocupados com a nova conformação da sociedade civil.

Assim foi que Teixeira et al (1999), ao estudar a nova configuração da sociedade civil enumeraram os elementos desse novo momento: ampliação da capacidade de negociação dos atores da sociedade civil com o Estado com tendência à institucionalização dos movimentos, ampliação de temáticas dos atores, pluralidade de intenções e heterogeneidade de posições e demandas, maior publicidade das demandas e possibilidades de atuação, articulação dos diferentes movimentos e atores sociais.

No campo da saúde coletiva, Stotz (1994) aponta um “atraso teórico” sobre a temática dos movimentos sociais, possivelmente relacionado à preocupação do Movimento da Reforma Sanitária em encontrar estratégias de âmbito institucional para implantação de um novo padrão de proteção social na saúde. Assim, as discussões sobre elaboração de políticas públicas para saúde e sobre cidadania tornaram-se mais evidentes que a necessária discussão sobre relações Estado-sociedade, as conseqüências da política econômica vigente, formação social e movimentos sociais.

2.2 Juventude universitária e movimento estudantil

Uma das características do movimento estudantil é sua composição juvenil, em sua maioria universitários, com formas específicas de representação e organização e reivindicações próprias do grupo e da realidade de classe da juventude universitária, grupo que deve ser analisado para a compreensão do movimento.

A definição de juventude tem caráter histórico e multifacetado, na medida em que pode ser tomada como objeto em diferentes campos do saber. Assim, para as sociedades primitivas, significava um período de rituais em que o indivíduo era introduzido à estrutura

social. Na modernidade e particularmente para a abordagem psicanalítica, a juventude se configura como um período de ruptura dos laços com a família e de ampliação das relações sociais. Ainda nas sociedades modernas, desta vez olhando sobre o prisma da sociologia, essa fase da vida é identificada, num primeiro momento, com um tempo cronológico de aprendizagem, a adolescência, definição resultante da própria organização da sociedade dividida em classes sociais e que determina a entrada do indivíduo no trabalho, ou seja, a entrada na vida adulta (Lapassade, 1975).

Um exemplo de definição atual ligada ao processo produtivo da sociedade seria a definição da OIT (Organização Internacional do Trabalho) em que a juventude se divide em dois períodos: a adolescência dos 15 aos 19 anos, período em que o jovem está alcançando o nível de escolaridade adequado para inserir-se no mercado de trabalho, e a juventude dos 20 aos 24 anos (Martins, 2000).

A dificuldade em classificar a juventude segundo etapas bem delimitadas – conclusão dos estudos, inserção no trabalho e constituição de família – torna-se evidente quando se analisa o perfil do jovem brasileiro atualmente, que representa grande parcela de desempregados do país (47,7% do total de desempregados e 19,6% dos pobres). Os jovens permanecem mais tempo na dependência dos pais, além de serem mais instáveis em seus relacionamentos e constituírem família mais tarde. Nessas condições, as etapas já não são lineares como anteriormente, visto que para muitos jovens um filho representa a primeira etapa de transição para a fase adulta (Camarano et al, 2004).

As etapas de transição são determinadas pela classe social, sendo que para os pertencentes às classes mais pobres e com menor escolaridade, a inserção no trabalho e constituição de família acontece mais cedo, e para os mais ricos e com maior escolaridade, a inserção no trabalho e constituição de família é mais tardia (Camarano et al, 2004).

Novaes (2000) aponta os equívocos recorrentes em definir a juventude apenas do ponto de vista biológico, como se em todas as sociedades fosse possível classificar a juventude como uma etapa da vida bem delimitada. Se considerada a diversidade social, econômica e cultural do jovem em uma sociedade, a palavra juventude pode parecer vazia de sentido. Por trás das diversas definições de juventude existem interesses políticos e econômicos, ora classificando como uma etapa de vida menor, quando o interesse é a inserção no trabalho, ora como uma etapa de vida ampliada, quando o interesse é reduzir o poder do jovem.

No Brasil, o interesse da sociologia voltou-se aos estudos sobre a juventude somente a partir da década de 60, como consequência das mudanças sociais que fizeram com que esse grupo tivesse mais expressividade, caracterizados por sua origem na classe média e por se beneficiar das novas opções que a sociedade moderna oferecia, como o acesso à universidade. Esses estudos tiveram como foco principal a participação política do jovem através do movimento estudantil (Abramo, 1994).

O movimento estudantil é uma forma de manifestação de contestação ao sistema social que impõe tensão e crise entre a juventude e o mundo adulto. O fato da maioria dos jovens ainda não estar inserida no mundo do trabalho e ter mais tempo e disponibilidade para viver a vida, favoreceria o desenvolvimento da crítica e da criatividade (Foracchi, 1972).

Abramo (1994) aponta o movimento estudantil como um importante espaço para definição de identidade da juventude e formação de laços de solidariedade, uma vez que as instituições escolares passaram a ser responsáveis pela transição entre o mundo infantil e adulto nas sociedades modernas, encaminhando os jovens a conceitos pré-estabelecidos do mundo adulto que nem sempre correspondem às necessidades dos jovens.

Foracchi (1972), ao estudar a juventude, caracteriza o movimento estudantil como resultado de três fatores. O primeiro seria a necessidade da expressão do descontentamento do

jovem sobre o comportamento imposto pela vida adulta, rejeitando padrões sociais através de identificação com outros jovens que vêem a possibilidade de organização para manifestar sua opinião. O segundo, a dificuldade de identificação dos jovens à universidade em crise, que já não atende às necessidades de formação, fazendo com que o jovem encontre espaço para manifestação de suas insatisfações em grupos estudantis organizados, que acabam sendo responsáveis pela formação política, complementares à instituição. E o terceiro, a preocupação do jovem com a carreira profissional, manifestada diversamente pelas diferentes áreas do conhecimento, sendo que os cursos voltados à ciência e tecnologia – como os cursos da saúde - demonstram maior preocupação com o avanço da formação por serem áreas que apresentam possibilidade imediata de inserção no trabalho; já as áreas humanísticas, culturais e literárias, em que a inserção no trabalho é mais difícil, ou muitas vezes demorada, as manifestações estudantis podem se apresentar de forma mais contestadora sobre a formação ou incentivar a permanência do jovem por mais tempo na condição estudantil e juvenil.

Como já se afirmou, o movimento estudantil apresenta a característica de participação transitória, determinada pelo tempo de permanência na universidade, o que determina uma inflexão no comando e grande diversidade entre os temas discutidos. O movimento dificilmente consegue alcançar a totalidade dos estudantes em sua estrutura de organização e participação, mas consegue o apoio da maioria segundo a capacidade de mobilização das lideranças e militantes, em alguns momentos de crise e manifestação, sofrendo por isso momentos de fluxo e refluxo (Foracchi, 1972).

2.3 Valores pós-modernos e juventude

A formação social brasileira apresenta historicamente características de hierarquização e autoritarismo, com valorização do espaço privado sobre o público. As relações da família se

exprimem através de relações sociais de poder e opressão: as diferenças são encaradas como desigualdades e inferioridade naturais (Chauí, 2001:15):

O autoritarismo social opera pela naturalização das desigualdades econômicas e sociais, do mesmo modo que há naturalização das diferenças étnicas, postas como desigualdades raciais e de gênero, bem como naturalização de todas as formas visíveis de violência; as diferenças são postas como desigualdades, e, estas, como inferioridade natural ou como monstruosidade.

O Estado, por sua vez, reproduz o autoritarismo e, em sua relação com a sociedade civil, é visto apenas como poder executivo e como responsável por conter formas de expressão dos movimentos sociais (Chauí, 2001).

Alguns estudos analisam a expressão juvenil nos movimentos sociais e/ou outras formas de participação política como forma de mensurar as posições políticas que podem repercutir essa história de *autoritarismo social*. Krischke (2005) discute os resultados relativos à participação política da pesquisa *Perfil da Juventude Brasileira* realizada em 2003, conforme comparados às pesquisas realizadas nos anos 1989 e 1993, mostrando que: a preferência da juventude pela democracia no Brasil em 2003 era de 53% e pela ditadura era de 16%. Por sua vez, era de 22% o índice daqueles para quem tanto fazia democracia ou ditadura, e os que não sabiam expressar sua preferência representaram 8% da juventude que participou do estudo. No período entre 1993 e 2003, os índices permaneceram praticamente estáveis e, em comparação ao ano de 1989, a preferência pela democracia aumentando de 35% para 53%.

Algumas hipóteses poderiam ser levantadas para descobrir quais seriam os motivos da opção não-democrática feita por grande parte da juventude contemporânea brasileira, dentre elas, a suposição de que o desconhecimento sobre o tema seria um reflexo da baixa escolaridade dos entrevistados ou da falta de acesso às discussões políticas. Certamente encontraremos respostas no exame das condições históricas que gestaram e aprofundaram a

desigualdade social, a desigualdade de acesso aos bens públicos, à saúde e à educação, marcante entre os jovens, e que assumiu proporções vultuosas com a globalização do capital. Assim, ao relacionar outra pesquisa sobre apoliticismo na juventude do Chile, Brasil e México em 2003, o autor aponta a ideologia resultante do neoliberalismo – expressa principalmente através do individualismo e fragmentação em grupos segundo interesses particulares - como principal explicação para os altos níveis de indiferença e desconhecimento dos jovens sobre o regime político do seu país (Krischke, 2005).

O neoliberalismo, projeto representativo de uma nova forma de acumulação do capital, apresenta um conjunto de condições materiais perversas: desemprego estrutural e intencional com enfraquecimento dos sindicatos; desvalorização do trabalho e valorização do dinheiro; terceirização, fragmentação e dispersão dos trabalhadores, dificultando sua organização; ciência e tecnologia como agentes de acumulação do capital; privatização, o que antes era um direito passa a ser mercadoria acessível apenas a quem pode comprar, o Estado é responsável apenas pela negociação nas operações do capital; divisão entre bolsões de riqueza e pobreza (primeiro e terceiro mundo em um mesmo país) (Chauí, 2001).

O projeto econômico e político neoliberal é sustentado pela ideologia ou valores pós-modernos (Chauí, 2001: 22-23):

Por ser a ideologia da nova forma de acumulação do capital, o pós-modernismo relega à condição de mitos eurocêtricos totalitários os conceitos que fundaram e orientaram a modernidade: as idéias de racionalidade e universalidade, o contraponto entre necessidade e contingência, os problemas da relação entre subjetividade e objetividade, a história como dotada de sentido imanente, a diferença entre natureza e cultura etc. Em seu lugar, afirma a fragmentação como modo de ser da realidade; preza a superfície do aparecer social ou as imagens e sua velocidade espaço-temporal; recusa que a linguagem tenha sentido e interioridade para vê-la como construção, desconstrução e jogo de textos, tomando-a exatamente como o mercado de ações e moedas toma o capital; privilegia a subjetividade como intimidade emocional e narcísica, elegendo a esquizofrenia como paradigma do subjetivo, isto é, a subjetividade fragmentada e dilacerada; define a filosofia, a ciência e a arte como narrativas, isto é, como elaborações imaginárias de discursos auto-referidos. Realiza três grandes inversões ideológicas: substitui a

lógica da produção pela da circulação; substitui a lógica do trabalho pela da comunicação; e substitui a luta de classes pela lógica da satisfação-insatisfação imediata dos indivíduos no consumo.

Em decorrência das rápidas mudanças, da valorização do novo, do descartável, a “sabedoria dos velhos” é desvalorizada; a identificação dos jovens com os pais, com os mais velhos é substituída pela identificação com os modelos de vida disseminados por propagandas, filmes, novelas, imagens de hipervalorização da juventude. Os jovens querem ficar sempre jovens e os que envelhecem lutam para permanecerem jovens (Morin, 1997).

Não há como deixar de supor então que os movimentos sociais contemporâneos reproduzem essa lógica de fragmentação e identificação de grupos através de demandas específicas imposta pelos valores “pós-modernos” (Melucci, 2001).

3 Pressupostos do estudo e questões norteadoras

Reconhecendo:

- Que o movimento estudantil representa um espaço privilegiado de exercício e formação da prática política estudantil;
- Que o movimento estudantil constitui espaço para *interiorizar categorias políticas para se pensar a realidade social* e em saúde;
- Que as práticas em saúde coletiva e, especificamente, em enfermagem em saúde coletiva se estruturam sob o eixo que articula os processos sociais às manifestações de fortalecimento e desgaste no interior da sociedade;
- Que as carreiras universitárias que lidam diretamente com a conquista, manutenção e atendimento dos direitos sociais, como as que se filiam especificamente ao campo da Saúde Coletiva, se beneficiam da prática política exercida pelos estudantes no espaço do movimento;

este trabalho foi construído diante de dois grupos de questões: O primeiro deles refere-se à necessidade de expor com o detalhamento possível um perfil do estudante vinculado ao ME, localizando seus traços pessoais e sociais mais gerais, seus vínculos educacionais e com as organizações associativas no interior da sociedade. Um segundo grupo de questões diz respeito às particularidades do estudante da área da saúde vinculado ao ME, aos atributos que, no seu entender, dão sentido ao ME, mas também traduzir quais são as concepções de saúde que transportam para o espaço da militância estudantil.

3.1 Questões relacionadas ao perfil geral do estudante que participa do movimento estudantil

1. Quem são os jovens que participam do ME?
2. De onde provêm?
3. Quais são suas condições materiais de existência?
4. Como vivem?
5. Onde e o que estudam?
6. Que vínculos estabelecem com os diversos espaços dos movimentos sociais?
7. Quais as suas preferências pessoais?

3.2 Questões relacionadas ao conteúdo do ME exposto sob a ótica do estudante

1. Quais os temas discutidos pelo movimento estudantil na atualidade?
2. Qual o sentido do ME na transformação da sociedade?
3. Qual o sentido do ME na formação política do estudante?
4. Qual o impacto do ME na formação educacional?
5. Que relação estabelece com os partidos políticos?
6. Que limites e possibilidades encontra o ME no encaminhamento das organizações estudantis?
7. Qual a concepção de saúde do movimento estudantil?

4 Objetivo geral

- Traçar as principais características do estudante vinculado ao movimento estudantil contemporâneo, delineando destacadamente a feição desse movimento a partir da experiência militante dos estudantes da área da saúde.

4.1 Objetivos específicos

- Identificar os principais temas discutidos pelo movimento estudantil na atualidade;
- Caracterizar as práticas e formas de organização do movimento estudantil;
- Analisar as concepções de saúde tomadas pelo movimento estudantil.

5 Procedimentos metodológicos

5.1 Tipo de pesquisa

Trata-se de pesquisa descritiva em que a exposição do objeto se deu, tanto pela via qualitativa, como pela via quantitativa. A escolha da abordagem qualitativa levou em conta a intencionalidade do pesquisador, a de descobrir o sentido das ações e das relações que se estabelecem no âmbito do movimento estudantil. O pesquisador está implicado com o objeto e, dessa forma, não se encontra na situação apenas de um relator, mas de um sujeito comprometido com a compreensão do fenômeno estudado (Chizzotti, 2001).

5.2 Campo ou contexto de estudo: o movimento estudantil

A descrição do campo de estudo demanda reconhecer os espaços institucionalizados a partir dos quais se organiza o movimento estudantil, esquematizados na figura 1.

O movimento estudantil organiza-se localmente através de uma entidade representativa por curso dentro de cada escola ou faculdade, os chamados centros acadêmicos (CA). Os centros acadêmicos de diferentes cursos organizam-se através do diretório central dos estudantes (DCE), entidade que representa a totalidade dos estudantes dentro de uma determinada universidade.

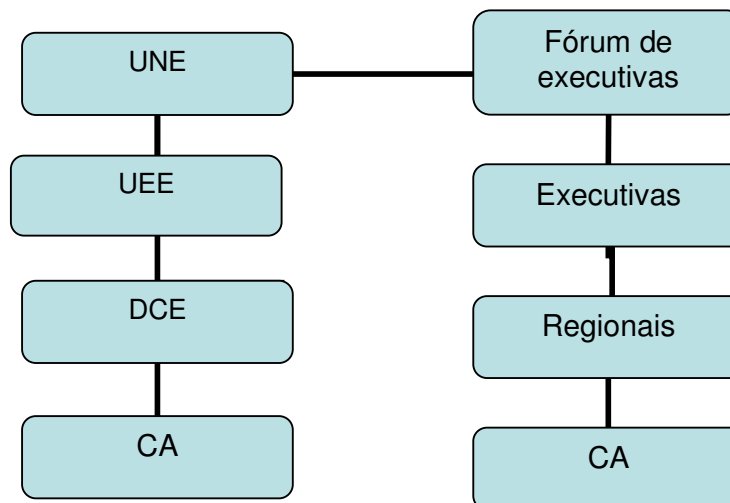
Em cada estado, os centros acadêmicos e diretórios centrais dos estudantes organizam-se através da união estadual dos estudantes (UEE). Finalmente, a entidade representativa dos estudantes de todos os cursos do Brasil, que reúne os CAs, todas as UEEs e todos os DCEs, é a União Nacional dos Estudantes (UNE).

A UNE conta com alguns espaços regimentais de encontro entre as entidades, como o Conselho Nacional de Entidades Gerais (CONEG), Conselho Nacional de Entidades de Base (CONEB) e o Congresso da UNE (CONUNE), entre outros eventos esporádicos.

Uma forma de organização, que veio sobressaindo nos últimos anos, é conformada pelas executivas nacionais de estudantes - instâncias que congregam os centros acadêmicos representativos de cada curso união nacional dos estudantes. Estão assim instaladas as seguintes executivas da área da saúde: Executiva Nacional dos Estudantes de Biomedicina (ENEEM), Executiva Nacional dos Estudantes de Educação Física (ExNEEF), Executiva Nacional dos Estudantes de Enfermagem (ENEENF), Executiva Nacional dos Estudantes de Farmácia (ENEFAR), Direção Executiva Nacional dos Estudantes de Fisioterapia (DENEFI), Direção Executiva Nacional de Fonoaudiologia (DENEFONO), Direção Executiva Nacional dos Estudantes de Medicina (DENEM), Executiva Nacional dos Estudantes de Nutrição (ENEN), Direção Executiva Nacional dos Estudantes de Odontologia (DNEO), Conselho Nacional de Entidades Estudantis de Psicologia (CONEP), Executiva Nacional de Estudantes de Terapia Ocupacional (ENETO), Executiva Nacional dos Estudantes de Serviço Social (ENESSO) e Executiva Nacional dos Estudantes de Veterinária (ENEV). As executivas de cursos da saúde e outras áreas reúnem-se periodicamente em espaço chamado de fórum de executivas, reunião que também conta com participação de representantes da UNE.

Destaque-se que cada executiva nacional se organiza localmente através de entidades regionais ou estaduais. Obedecendo a essa dinâmica, a organização e o desenvolvimento das atividades das entidades representativas do movimento estudantil da saúde, são encaminhados em última instância, pelos interesses das diferentes categorias profissionais.

Figura 1 – Organização nacional do Movimento Estudantil



Além da organização do movimento estudantil através da UNE e das executivas de curso, os estudantes se organizam também através de campos políticos. Campos políticos são grupos organizados dentro do movimento estudantil que promovem discussões sobre diversos temas e que possuem ideologias e imagens próprias que aglutinam os estudantes. A maioria dos campos políticos é ligada a partidos políticos, mas os estudantes ligados a eles não necessariamente são filiados ou possuem referência nesses partidos. Os estudantes ligados à UNE, ligados às executivas e outros estudantes não pertencentes a entidades estudantis podem participar dos campos políticos. Os campos se organizam para escrever teses – documentos com referenciais e propostas do campo – para participação nos congressos da UNE e divulgar suas idéias entre os estudantes.

5.3 População de estudo, instrumentos de coleta de dados e coleta de dados

Tomou-se como população de estudo os estudantes vinculados ao movimento estudantil. Sendo um processo dinâmico produzido em múltiplos espaços de socialização dos jovens não se constituindo ainda em atividade principal dos estudantes, foi preciso encontrar uma alternativa que possibilitasse conformar uma amostra representativa da população de estudo.

Dessa forma, a amostra estudada foi constituída numa condição exemplar, durante a realização do CONEB promovido pela UNE, que aconteceu entre 13 e 16 de abril de 2006 na Universidade de Campinas (UNICAMP –SP).

O estudo de campo foi realizado em dois momentos: um primeiro momento foi aquele em que foram coletados dados que pudessem informar quantitativamente o perfil geral do estudante que participa do movimento estudantil. Num segundo momento, foram coletadas informações específicas junto a uma amostra constituída por estudantes que militavam no movimento estudantil a partir de sua inserção em cursos da área da saúde e na UNE.

No primeiro caso, a amostra foi definida pelo retorno de formulários entregues aos cerca de 4000 participantes, todos eles oriundos de lideranças estudantis, perfazendo um total de 481 entrevistados. O formulário, tal como se apresenta no Anexo A, foi constituído por perguntas fechadas combinando: 1) informações acerca do estudante; 2) questões acerca das condições sociais de suas famílias; 3) questões acerca da participação política e social dos estudantes.

Os formulários foram entregues aos estudantes durante as discussões dos temas pautados no encontro, que congregavam cerca de 40 estudantes por sala ou mesmo nas plenárias finais, ocasião em que todos os participantes estavam concentrados em um ginásio na universidade. A pesquisadora e alguns colaboradores responsabilizaram-se pela

distribuição, orientação para o preenchimento e pelo recolhimento dos formulários que totalizaram 481.

Num segundo momento, como já se disse, foram entrevistados apenas estudantes da área da saúde e da UNE. Esse foi o momento em que, através de questões abertas, os estudantes se manifestaram acerca dos temas, do sentido e do impacto do ME, sua relação com os partidos políticos, limites e possibilidades no encaminhamento das organizações estudantis, bem como informações sobre a concepção de saúde e prática relativa às questões de saúde. Foram entrevistados dois representantes da UNE e um representante de cada executiva da saúde: biomedicina, educação física, enfermagem, farmácia, fisioterapia, fonoaudiologia, medicina, nutrição, odontologia, psicologia, serviço social, terapia ocupacional e veterinária (1 de cada curso), totalizando 15 entrevistas. Valeu-se da técnica de entrevista semi-estruturada, sendo que 8 entrevistas foram realizadas durante o CONEB e 7 entrevistas foram agendadas posteriormente com lideranças do Estado de São Paulo e obtidas até novembro de 2006.

5.4 Análise dos dados

Os formulários que reuniam dados quantitativos foram tabulados pelo Software SPSS e tabelados de modo a expressar as características gerais e específicas da amostra estudada.

Durante a análise dos dados quantitativos optou-se por retirar a questão sobre o ano que o estudante cursava na universidade por apresentar duplo sentido: há quantos anos estava na universidade, independente do período na grade curricular que cursava no momento em que respondeu a questão, ou o período da grade que o estudante se localizava no momento. Da maneira como estava formulada não poderíamos tabular os dados de forma correta.

A análise das entrevistas foi temática, utilizando-se alguns indicativos operacionais de Bardin (1997) para análise de conteúdo. Para tanto, as falas dos entrevistados foram transcritas, buscando-se, como recomenda a autora, organizar as regularidades do material em unidades temáticas e procurando congrega as unidades de significação apreendidas na leitura e análise do texto.

Além disso, a partir da consideração de que a análise constitui um processo de ajustes ininterruptos (Demartini, 2001), foram tomados por referência os encaminhamentos do grupo de pesquisa a que este projeto se filia², que definem a análise dos temas por referência às categorias teóricas eleitas para explicar o fenômeno estudado, num movimento dialético. As etapas percorridas foram:

- realização e gravação das entrevistas individuais em locais apropriados;
- transcrição integral das entrevistas pela própria pesquisadora e/ou com a ajuda de um especialista;
- realização de leituras sucessivas de cada entrevista individual com a finalidade de produzir uma interpretação o mais próxima possível do que foi falado;
- fichamento das entrevistas, marcando-se o texto e recortando-se os temas e sub-temas de acordo com as questões e problemas previamente formulados e dos novos temas e sub-temas que foram emergindo ao longo das sucessivas leituras;
- fragmentação dos discursos num processo de construção de unidades de significação ou temas, buscando perceber outras categorias empíricas e analíticas a partir dos relatos, com a finalidade de organização e interpretação de seu conteúdo;

² Ver por exemplo: Aguiar ZN, Soares CB. A qualificação dos atendentes de enfermagem: transformações no trabalho e na vida. Rev Lat Am Enferm. 2004;12(4):614-22. e Trapé CA, Soares CB. A prática educativa dos agentes comunitários de saúde à luz da categoria práxis. Rev Lat Am Enferm 2007; 15(1):142-9.

- análise do conteúdo considerados os pressupostos teóricos e as categorias de análise previamente estabelecidas;
- apropriação de categorias que não estavam previstas, mas que foram identificadas a partir do material empírico analisado;
- organização e apresentação da análise.

Sempre cuidando para não obliterar a análise, conforme discutido no capítulo teórico, o conceito que parece ter potência para explicar a realidade estudada é o que se expressa na racionalidade “pós-moderna” da fragmentação contemporânea.

5.5 Aspectos éticos

O projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Escola de Enfermagem da USP. Aos entrevistados foi assegurado: o esclarecimento sobre os objetivos da pesquisa, a liberdade para desistir em qualquer momento, sem que houvesse qualquer dano, garantia de sigilo e anonimato, e autorização para gravar e para divulgar os dados em publicações científicas. Os participantes foram convidados a assinar uma autorização por meio de um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Anexo 1) elaborado de acordo com as normas da resolução 196/96, que dispõe sobre os aspectos éticos em pesquisa envolvendo seres humanos (Conselho Nacional de Saúde, 1996). Os participantes ficaram com uma cópia possibilitando contato telefônico com a pesquisadora ou Comitê de Ética para dirimir possíveis dúvidas ou ainda desistir de participar em qualquer momento.

5.6 A apresentação dos resultados aos sujeitos e a definição de estratégias de ação

A última fase de uma investigação qualitativa consiste em envolver os participantes na avaliação dos resultados. Os participantes da pesquisa portam a condição de produzir conhecimento, seja na condição de pesquisador, seja na condição de colaborador (Chizzotti, 2001).

Dessa forma, pretende-se que os resultados da análise crítica produzida por este estudo possam ser compartilhados especialmente com os aqueles que se propuseram a participar. Conforme indicação dos entrevistados, será escolhido um novo momento de encontro dos envolvidos para dar prosseguimento.

6 Resultados

6.1 Um perfil do estudante do movimento estudantil contemporâneo a partir de uma amostra dos participantes do CONEB

6.1.1 Dados gerais de identificação dos estudantes vinculados ao movimento estudantil: homens, jovens brancos, solteiros, naturais do eixo sul-sudeste

Os dados da tabela 2 permitem verificar que a maioria dos estudantes que participou da pesquisa pertencia ao sexo masculino (271 estudantes- 56,4%) e 207 estudantes (43%) eram mulheres; 3 estudantes (0,6%) não responderam à questão.

A faixa etária prevalente entre os estudantes era de 20 a 23 anos (278 estudantes - 57,8%), 98 estudantes estavam na faixa de 24 a 27 anos (20,3%), 62 eram menores de 20 anos (12,9%), 19 encontravam-se na faixa de 28 a 31 anos (4%), apenas 10 estudantes eram maiores de 31 anos (2,1%) e 14 não informaram a idade (2,9%).

Como se pode observar, a maior parte dos estudantes se autodenominou branca, totalizando 260 (54%) estudantes, seguidos por aqueles que se autodenominaram pardos (133 estudantes - 27,6%), negros (63 estudantes - 13,1%), amarelos (9 estudantes - 1,9%) e indígenas (7 estudantes - 1,5%); 9 (1,9%) estudantes não informaram sua etnia (tabela 1). Observe-se que, somados negros e pardos, eram apenas 30,8% os estudantes com indicação de afro-descendência.

Em relação ao estado civil, 454 estudantes eram solteiros (94,4%), 11 casados (2,3%), 11 em uma união estável (2,3%), 4 eram divorciados ou separados (0,8%); 1 estudante não respondeu à questão (0,2%).

Tabela 2 – Distribuição (Nº e %) dos estudantes segundo sexo, faixa etária, etnia e estado civil. Campinas, 2006.

Dados gerais de identificação	Número	%
Sexo		
✓ masculino	271	56,4
✓ feminino	207	43,0
✓ sem resposta	3	0,6
Total	481	100
Faixa etária		
✓ < 20 anos	62	12,9
✓ 20 a 23 anos	278	57,8
✓ 24 a 27 anos	98	20,3
✓ 28 a 31 anos	19	4,0
✓ > 31 anos	10	2,1
✓ Sem resposta	14	2,9
Total	481	100
Etnia		
✓ branca	260	54,0
✓ negra	63	13,1
✓ parda	133	27,6
✓ amarela	9	1,9
✓ indígena	7	1,5
✓ sem resposta	9	1,9
Total	481	100
Estado Civil		
✓ solteiro	454	94,4
✓ casado	11	2,3
✓ união estável	11	2,3
✓ divorciado ou separado	4	0,8
✓ sem resposta	1	0,2
Total	481	100

Poucos tinham filhos. Os que tinham filhos totalizaram 34 (7,1%), sendo que 22 tinham apenas um filho (4,6%), 6, dois filhos (1, 2%), 2, três filhos (0,4%) e 1 afirmou ter quatro filhos ou mais (0,2%); 1 estudante (0,2%) não respondeu à questão.

A tabela 3 mostra os dados referentes ao local de nascimento. Note-se que a maior parte dos participantes da pesquisa era natural da Região Sudeste (178 estudantes - 37%, quando somados os nascidos no eixo São Paulo-Minas-Rio-Espírito Santo), a eles seguindo-se os naturais das regiões Nordeste (83 estudantes -17,1%), Sul (67 estudantes - 14,1%), Centro-Oeste (26 estudantes - 5,4%) e Norte (11 estudantes - 2%), com uma pequena representatividade de estudantes naturais de outros países (2 estudantes - 0,4%).

Considerando-se o estado de nascimento, verifica-se que prevaleciam, pela ordem, paulistas (13,9%), mineiros (10,8%), cariocas (10,4%), gaúchos (7,3%), cearenses (4,6%), catarinenses (3,7%) e paranaenses (3,1%).

Tabela 3 - Distribuição dos estudantes (Nº e %) segundo região, estado ou país de naturalidade. Campinas, 2006.

Região/Estado/ País	Local de nascimento	%
Região Sudeste		
São Paulo	67	13,9
Minas Gerais	52	10,8
Rio de Janeiro	50	10,4
Espírito Santo	9	1,9
Subtotal	178	37,0
Região Nordeste		
Bahia	29	6,0
Ceará	22	4,6
Pernambuco	11	2,3
Alagoas	5	1,0
Sergipe	5	1,0
Maranhão	4	0,8
Paraíba	3	0,6
Rio Grande do Norte	2	0,4
Piauí	2	0,4
Subtotal	83	17,1
Região Sul		
Rio Grande do Sul	35	7,3
Santa Catarina	18	3,7
Paraná	15	3,1
Subtotal	67	14,1
Região Centro-Oeste		
Distrito Federal	12	2,5
Goiás	11	2,3
Mato Grosso	2	0,4
Mato Grosso do Sul	1	0,2
Subtotal	26	5,4
Região Norte		
Tocantins	4	0,8
Pará	3	0,6
Rondônia	1	0,2
Acre	1	0,2
Amazonas	1	0,2
Amapá	-	-
Subtotal	10	2,0
Outros Países	2	0,4
Não Respondeu	114	23,7
Total	481	100

6.1.2 Os estudantes vinculados ao movimento estudantil e a situação de trabalho dos pais, renda familiar, posse de moradia familiar, fontes de renda e gastos pessoais

A tabela 4 mostrou que aproximadamente metade dos pais tem vínculos de trabalho formais (49,5% dos pais e 48,3% das mães) - assalariados com carteira assinada (153 pais - 33,3%- e 158 mães - 32,9%), aposentados (73 pais - 16,8% - e 71 mães - 14,8%), aposentados e trabalham por conta própria ou autônomos (5 pais - 1% e 2 mães - 0,4%), aposentados e assalariados com carteira assinada (3 pais - 0,6% e 1 mãe - 0,2), assalariados com carteira assinada e trabalha por conta própria ou autônomos (3 pais - 0,6%) e assalariado com e sem carteira assinada (1 pai - 0,2%). Os vínculos de trabalho informais representaram 30,6% dos pais e 38,9% das mães, sendo que 129 (28,5%) pais e 90 (18,7%) mães trabalham por conta própria ou autônomos, observe-se que é quase o dobro o número das mães assalariadas sem carteira assinada, na comparação com os pais (30 mães - 6,2%- e 15 pais - 3,3%) e 3 (0,6%) pais e 67 (14%) mães possuem trabalho doméstico. Os pais desempregados somaram 27 (5,6%) dos pais e 31 (6,4%) das mães.

Tabela 4 – Distribuição (Nº e %) dos estudantes entrevistados, segundo a situação de trabalho dos pais. Campinas, 2006.

Situação de trabalho	pai	mãe
Vínculo de trabalho formal		
Assalariado (a) com carteira assinada	153(33,3)	158 (32,9)
Aposentado (a)	73(16,8)	71 (14,8)
Aposentado (a) e trabalha por conta própria ou autônomo (a)	5 (1)	2 (0,4)
Aposentado (a) e assalariado (a) com carteira assinada	3 (0,6)	1 (0,2)
Assalariado (a) com carteira assinada e trabalha por conta própria ou autônomo (a)	3 (0,6)	-
Assalariado (a) com e sem carteira assinada	1 (0,2)	-
Subtotal	238 (49,5)	232 (48,3)
Vínculo de trabalho informal		
Trabalha por conta própria ou autônomo (a)	129(28,5)	90 (18,7)
Assalariado (a) sem carteira assinada	15(3,3)	30(6,2)
Trabalho doméstico	3(0,6)	67 (14)
Subtotal	147 (30,6)	187 (38,9)
Desempregado (a)	27(5,6)	31(6,4)
Não respondeu	8(1,7)	1(0,2)
Não se aplica	61 (12,6)	30 (6,2)
Total	481 (100)	481 (100)

*A questão permitiu mais de uma resposta

A tabela 5 ilustra a situação dos estudantes no que se refere à renda familiar mensal. Metade procedia de famílias com renda mensal inferior a 7 SM (50,3% do total), desigualmente distribuídos: um terço deles pertencia a famílias que auferiam uma renda mensal entre 4 e 6 SM (152 estudantes - 31,6%), seguindo-se aqueles que pertenciam a famílias com renda mensal entre 1 e 3 salários mínimos (87 estudantes – 18,1%) ou inferior a um salário mínimo (3 estudantes – 0,6%).

De outro lado, uma outra fatia considerável pertencia a famílias com renda mensal bem superior, o que totalizava 43,3% dos estudantes assim distribuídos: 17, 5% vinham de famílias que auferiam renda mensal entre 7 e 9 SM (84 estudantes), sendo expressiva a

frequência de estudantes cujas famílias tinham renda mensal superior a 10 SM (25,8%), totalizando um quarto do total de entrevistados (88 estudantes – 18,3% informando renda familiar mensal entre 10 e 15 SM e 36 estudantes – 7,5% informando renda familiar mensal superior a 16 SM). Entre os entrevistados, 29 não sabiam informar a renda da família (6%) e 2 não responderam (0,4%).

Tabela 5 – Distribuição dos estudantes (Nº e %) entrevistados, segundo a renda familiar mensal. Campinas, 2006.

Renda familiar mensal	N	%
✓ < 1SM	3	0,6
✓ 1 a 3 SM	87	18,1
✓ 4 a 6 SM	152	31,6
✓ 7 a 9 SM	84	17,5
✓ 10 a 16SM	88	18,3
✓ > 16SM	36	7,5
✓ Não sabe	29	6,0
✓ Sem resposta	2	0,4
Total	481	100

A situação econômica relativamente confortável de parte substancial das famílias dos estudantes se espelha nos dados relativos à posse de moradia. Como se observa na tabela 6, a maioria (369 estudantes – 76,8%) informou pertencer famílias que eram proprietárias da habitação, quitada (324 estudantes - 67,4%), ou não (45 estudantes - 9,4%), sendo, portanto, reduzidos a um quinto aqueles que, somados, informaram morar em casas alugadas (80 estudantes -16,6%) ou cedidas (19 estudantes – 4,0%). Nove estudantes (1,9%) referiram outras condições, sem especificar e 4 não responderam à questão (0,8%).

Tabela 6 – Distribuição dos estudantes (Nº e %) entrevistados, segundo a posse familiar da habitação. Campinas, 2006.

Habitação	Nº	%
Própria/quitada	324	67,4
Própria/não quitada	45	9,4
Subtotal	369	76,8
Alugada	80	16,6
Cedida	19	3,9
Outras condições	9	1,9
Sem resposta	4	0,8
Total	481	100

A tabela 7 mostrou que 180 (37,4%) estudantes dependem exclusivamente da renda familiar, 68 (14,1%) dependem de seu próprio salário, 58 (12,1%) da família e estágio, 33 (7%) de estágio, 29 (6%) da família e bolsa de estudo, 26 (5,4%) dependem de outras fontes não especificadas, 24 (5%) da família e salário, 20 (4,2%) de bolsa de estudo, 20 (4,2%) da família e outras fontes de renda, 4 (0,8%) de estágio e outras fontes de renda, 4 (0,8%) da família, bolsa de estudo e estágio, 3 (0,6%) de estágio e salário, 2 (0,4%) salário e outras fontes, 2 (0,4%) família, bolsa de estudo e outras fontes, 2 (0,4%) bolsa de estudo e salário, e apenas 1 (0,2%) estudante respondeu a cada opção a seguir: bolsa e estágio; família, bolsa e salário; família, salário e outras fontes; família, estágio e salário; família, estágio e outras fontes; estágio, salário e outras fontes.

Tabela 7 – Distribuição (Nº e %) dos estudantes entrevistados, segundo as fontes de renda de que dispõem. Campinas, 2006.

Fonte de renda	Nº	%
Família	180	37,4
Salário	68	14,1
Família e estágio	58	12,1
Estágio	33	7
Família e bolsa de estudo	29	6
Outras fontes não especificadas	26	5,4
Família e salário	24	5
Bolsa de estudo	20	4,2
Família e outras fontes	20	4,2
Estágio e outras fontes	4	0,8
Família, bolsa e estágio	4	0,8
Estágio e salário	3	0,6
Salário e outras fontes	2	0,4
Família, bolsa e outras fontes	2	0,4
Bolsa e salário	2	0,4
Bolsa e estágio	1	0,2
Família, bolsa e salário	1	0,2
Família, salário e outras fontes	1	0,2
Família, estágio e salário	1	0,2
Família, estágio e outras fontes	1	0,2
Estágio, salário e outras fontes	1	0,2
Total	481	100

*A questão permitiu mais de uma resposta

Diante de um valor do salário mínimo que, no período do estudo, era de R\$350,00, quase um quarto dos estudantes que participaram da pesquisa informou assumir gastos pessoais mensais que montavam a menos de meio (42 estudantes – 8,7%) ou menos de um SM (65 estudantes – 13,5%). Mais de dois terços assumiu gastos que oscilavam entre um e quatro salários mínimos (337 estudantes – 70%). Os demais empenhando cinco ou mais salários mínimos na sua manutenção pessoal (34 estudantes – 7,1%). Apenas 3 estudantes (0,6%) não responderam à questão.

Tabela 8 – Distribuição (Nº e %) dos estudantes entrevistados, segundo os gastos pessoais mensais. Campinas, 2006.

Gastos pessoais mensais	Nº	%
< ½ SM	42	8,8
< 1 SM	65	13,5
1 a 4 SM	337	70
> 4 SM	34	7,1
Sem resposta	3	0,6
Total	481	100

6.1.3 Os estudantes vinculados ao movimento estudantil e suas condições gerais de moradia

Como já vimos, uma frequência apreciável dos estudantes pertenciam a famílias que possuíam casa própria. A tabela 9 mostra que a maioria de suas famílias morava em casa ou apartamento (396 estudantes – 82,4%), incluídos aqui também aqueles cujas famílias moravam em conjuntos habitacionais. Os estudantes cujas famílias experimentavam condições de habitação precárias – casa com quintal comum, favela e cortiço – ocupavam o outro pólo, representando 14,5% (70 estudantes) da amostra estudada; 13 estudantes informaram que suas famílias moravam em outros locais (2,7%) e 2 estudantes não responderam à questão.

Prevalciam os estudantes cujas famílias moravam em domicílios com mais de 4 cômodos (84,4%): era 59 o número de estudantes cujas moradias familiares tinham 4 cômodos (12,3%), sendo 117 aqueles cujas moradias familiares tinham 5 cômodos (24,3%), mas praticamente a metade deles (47,8% - 230 estudantes) procediam de famílias cujos domicílios tinham mais de 6 cômodos. Cerca de 15% referiu domicílio familiar com um

número reduzido de cômodos: 5 provinham de famílias cujos domicílios tinham 1 cômodo (1,0%), 15 estudantes, 2 cômodos (3,1%) e 51 estudantes, 3 cômodos (10,6%) (tabela 9).

Quanto ao número de pessoas que moravam na residência da família, praticamente um quarto dos estudantes apontou um ou dois moradores (90 estudantes – 18,7%) prevalecendo aqueles que procediam de famílias com três ou quatro moradores (243 estudantes - 50,5%). Finalmente, era expressiva a presença de cinco ou mais moradores no domicílio familiar, 118 estudantes indicando cinco ou seis moradores (24,5%), 23 (4,8%) mais de seis, sendo que e 7 não responderam à questão (1,5%) (tabela 9).

Tabela 9 - Distribuição (Nº e %) dos estudantes vinculados ao movimento estudantil, segundo características da moradia familiar. Campinas, 2006.

Característica	Número	%
Tipo de edificação		
✓ Casa ou apto	384	79,9
✓ Conj. Habitacional	12	2,5
✓ Casa com quintal comum	66	13,7
✓ Favela	3	0,6
✓ Cortiço	1	0,2
✓ Outros locais	13	2,7
✓ Sem resposta	2	0,4
Total	481	100
Número de cômodos por domicílio		
✓ 1	5	1,0
✓ 2	15	3,1
✓ 3	51	10,6
✓ 4	59	12,3
✓ 5	117	24,3
✓ 6 ou mais	230	47,9
✓ Sem resposta	4	0,8
Total	481	100
Número de moradores		
✓ Uma ou duas	90	18,7
✓ Três ou quatro	243	50,5
✓ Cinco ou seis	118	24,5
✓ Mais de seis	23	4,8
✓ Sem resposta	7	1,5
Total	481	100

A tabela 10 mostra que a maior parte da população pesquisada (311 estudantes - 64,7%) residia com a família, mas um terço, ou morava em república (75 estudantes -15,6%), ou em moradia estudantil (24 estudantes - 5,0%), ou morava sozinho (46 estudantes - 9,6%); 21 estudantes residiam em outros locais não especificados (4,4%), 3 em pensão (0,6%) e 1 não respondeu à questão (0,2%).

Tabela 10 – Distribuição dos estudantes entrevistados (Nº e %) segundo condição de residência. Campinas, 2006.

Residência	Nº	%
✓ com a família	311	64,6
✓ em república	75	15,6
✓ em moradia estudantil	24	5,0
✓ sozinho	46	9,6
✓ pensão	3	0,6
✓ em outro local	21	4,4
✓ sem resposta	1	0,2
Total	481	100

6.1.4 Os estudantes vinculados ao movimento estudantil e seu perfil educacional

a) A escolaridade dos pais

Um primeiro aspecto a considerar é que parcela dos estudantes estava alcançando escolaridade maior do que a de seus pais, muito embora uma outra parcela apreciável estivesse seguindo a trilha escolar dos pais, como se vê na tabela 11.

A análise estratificada dos dados mostra reduzida frequência de filhos de analfabetos, fosse pelo lado paterno (7 estudantes – 1,5%), fosse pelo lado materno (7 estudantes – 1,5%) e uma concentração apreciável de estudantes cujos pais possuíam o ensino fundamental – completo ou incompleto (26,0% se considerada a escolaridade paterna e 21,7% se considerada

a escolaridade materna) ou o ensino médio – completo ou incompleto (26,4% se considerada a escolaridade paterna e 30,6% se considerada a escolaridade materna).

Prevalecia, porém, entre os entrevistados, aqueles cujos pais haviam ultrapassado os limites do ensino médio, destacando-se alguns até com especialização, mestrado ou doutorado. O fato é que, somados aqueles cujos pais possuíam formação universitária completa (31,8% dos pais e 35,1% das mães) e incompleta (12,3% dos pais e 9,4% das mães) passavam a representar parcela considerável da amostra estudada (44,1%, se considerada a escolaridade paterna e 44,5% se considerada a escolaridade materna) (tabela 11).

Tabela 11 - Distribuição dos estudantes entrevistados (Nº e %) segundo escolaridade paterna e materna. Campinas,2006.

Escolaridade	Paterna	Materna
✓ Fundamental incompleto	87 (18,1)	70 (14,6)
✓ Fundamental completo	38 (7,9)	34 (7,1)
Subtotal	125 (26,0)	104 (21,7)
✓ Médio incompleto	35 (7,3)	33 (6,9)
✓ Médio completo	92 (19,1)	119 (24,7)
Subtotal	127 (26,4)	152 (30,6)
✓ Superior completo	106 (22,0)	110 (22,9)
✓ Especialização	25 (5,2)	41(8,5)
✓ Mestrado/doutorado	22 (4,6)	18 (3,7)
Subtotal	153 (31,8)	169 (35,1)
✓ Superior incompleto	59 (12,3)	45 (9,4)
✓ Analfabeto	7 (1,5)	7 (1,5)
✓ Não sabe	9 (1,9)	2 (0,4)
✓ Não respondeu	1 (0,2)	2 (0,4)
Total	481 (100)	481 (100)

b) Região e Estado de estudo

A tabela 12 mostra que praticamente a metade dos estudantes estudava na Região Sudeste numa freqüência que chegou a 49,7% dos participantes da pesquisa (239 estudantes).

E, da mesma forma que o observado em relação à naturalidade, aqui também eram eles seguidos pelos que estudavam nas regiões Nordeste (108 estudantes – 22,5%), Sul (82 estudantes – 17,1%), Centro-Oeste (39 estudantes – 8,1%) e Norte (12 estudantes – 2,4%).

Considerando-se o estado em que cursavam a universidade, verifica-se que prevaleciam, pela ordem, os que estudavam em São Paulo (20,0%), Rio de Janeiro (14,1%), Minas Gerais (13,7%), Bahia (7,1%), Rio Grande do Sul (6,5%), Santa Catarina (6,2%) e Ceará (5,6%).

Tabela 12 - Distribuição (N e %) dos estudantes, segundo região ou estado em que se localiza a faculdade cursada. Campinas, 2006.

Região/Estado/ país	Localização da faculdade	%
Região Sudeste		
São Paulo	96	20,0
Rio de Janeiro	68	14,1
Minas Gerais	66	13,7
Espírito Santo	9	1,9
Subtotal	239	49,7
Região Nordeste		
Bahia	34	7,1
Ceará	27	5,6
Pernambuco	17	3,5
Maranhão	9	1,9
Alagoas	8	1,7
Sergipe	7	1,5
Paraíba	4	0,8
Rio Grande do Norte	1	0,2
Piauí	1	0,2
Subtotal	108	22,5
Região Sul		
Rio Grande do Sul	31	6,5
Santa Catarina	30	6,2
Paraná	21	4,4
Subtotal	82	17,1
Região Centro-Oeste		
Goiás	23	4,8
Distrito Federal	14	2,9
Mato Grosso do Sul	2	0,4
Mato Grosso	0	-
Subtotal	39	8,1
Região Norte		
Tocantins	6	1,2
Pará	4	0,8
Acre	1	0,2
Amapá	1	0,2
Rondônia	0	-
Amazonas	0	-
Subtotal	12	2,4
Outros países	0	-
Não respondeu	1	0,2
Total	481	100

c) Área e curso freqüentados, tipo de financiamento – público ou privado, condição de matrícula e período curso

Entre os entrevistados predominavam os estudantes vinculados aos cursos oferecidos pela área de humanas (227 estudantes – 47,2%), seguindo-se a eles os estudantes que cursavam a área de biológicas (202 estudantes – 42%) e, finalmente, com menor expressividade apareciam os estudantes da área de exatas (47 estudantes – 9,8%). Quatro estudantes não responderam à questão (0,8%) e 1 (0,2%) estudante não especificou a área, assinalando apenas pós-graduação.

Tabela 13 - Distribuição dos estudantes entrevistados (Nº e %), segundo área cursada. Campinas, 2006.

Área	Nº	%
Ciências Humanas	227	47,2
Ciências Biológicas	202	42
Ciências Exatas	47	9,8
Pós-graduação não especificada	1	0,2
Não respondeu	4	0,8
Total	481	100

Em anexo (anexo C) apresenta-se uma listagem geral que permite verificar a distribuição dos estudantes entrevistados por área/curso.

Avaliando a prevalência de estudantes entrevistados por curso na área de Ciências Humanas, verifica-se que os cursos que se representaram com mais de 5 estudantes foram, pela ordem: Ciências sociais (28 estudantes - 5,8%), Pedagogia (25 estudantes - 5,2%), Direito (24 estudantes - 5,0%), História (23 estudantes - 4,8%), Letras (21 estudantes – 4,4%), Administração (18 estudantes – 3,7%), Comunicação social (15 estudantes – 3,1%), Geografia

(9 estudantes – 1,9%), Jornalismo (9 estudantes – 1,9%), Economia (9 estudantes – 1,7%) e Ciências econômicas (6 estudantes – 1,2%).

Já na área de Ciências Biológicas, a maior representatividade na amostra recaiu sobre os estudantes que cursavam Enfermagem (47 estudantes – 9,8%), seguindo-se os que cursavam Medicina (21 estudantes – 4,4%), Psicologia (20 estudantes – 4,2%), Serviço Social (15 estudantes – 3,1%), Farmácia (14 estudantes – 2,9%), Engenharia Florestal (11 estudantes – 2,3%), Nutrição (10 estudantes – 2,1%), Educação física (8 estudantes – 1,7%), Fisioterapia (8 estudantes – 1,7%), Agronomia (7 estudantes - 1,5%), Biologia (7 estudantes – 1,5%), Fonoaudiologia (5 estudantes – 1,0%) e Odontologia (5 estudantes – 1,0%). Destaque-se que entre os estudantes da área de biológicas, predominavam os do campo da saúde com 165 estudantes – 34,3% do total de entrevistados e praticamente 81,7% dos estudantes da área.

Finalmente, avaliando a área que se representou menos expressivamente na população entrevistada, a de Ciências Exatas, constata-se que os cursos que se representaram com mais de 5 estudantes foram Física (6 estudantes – 1,2%) e Engenharia civil (5 estudantes – 1,0).

A maior parte dos entrevistados freqüentava universidade pública (161 estudantes - 33,5%), 88 (18,3%) freqüentava universidade privada, sendo que uma parcela expressiva - 232 estudantes (48,2%) - não respondeu à questão.

Destaque-se ainda que os estudantes regularmente matriculados somavam 458 (95,2%), sendo que 21 (4,4%) estudantes se encontravam com o curso trancado; 2 (0,4) não responderam.

Quanto ao período do curso (tabela 14), note-se que a grande maioria estudava durante o dia, 170 estudantes em período integral (35,3%), 90 no período matutino (18,7%) e 34 no período vespertino (7,1%); somados (294 estudantes - 61,1%) contrastavam com os 37,2% (179 estudantes) que estudavam no período noturno. Finalmente, entre eles havia 3 que

freqüentavam dois cursos no período integral e noturno (0,6%), 2 que freqüentavam dois cursos no período matutino e noturno (0,4%) e 3 não responderam (0,6%).

Tabela 14 - Distribuição dos estudantes entrevistados (Nº e %), segundo período cursado. Campinas, 2006.

Período	Nº	%
✓ Integral	170	35,4
✓ Matutino	90	18,7
✓ Vespertino	34	7,1
Subtotal	294	61,2
✓ Noturno	179	37,2
✓ Integral e noturno	3	0,6
✓ Matutino e noturno	2	0,4
✓ Sem resposta	3	0,6
Total	481	100

6.1.5 Os estudantes vinculados ao movimento estudantil e sua participação política e social

a) a militância no interior do Movimento Estudantil

Entre os 481 (100%) estudantes entrevistados, a maioria referiu participar de atividades associativas nos campos políticos do movimento estudantil (280 estudantes - 58,2%) e 189 informou explicitamente não participar (39,3%); 12 estudantes (2,5%) não responderam à questão.

Dentre aqueles que participavam de atividades nos diferentes campos políticos, um quarto se equivocou na resposta, confundindo campo com partido, tendência ou entidades estudantis. Assim, os dados apresentados na tabela 15 tomam como referência somente os questionários que apresentaram respostas válidas (145 que apontavam com clareza o campo político de atividades ou cujas respostas puderam categorizar os estudantes como autônomos, independentes ou apartidários).

A tabela 15 mostra uma dispersão entre 21 campos políticos, com uma participação concentrada em cinco dos campos políticos, a saber: Kizomba (25 estudantes – 17,2%), Reconquistar a UNE (23 estudantes – 15,8%), União da Juventude Socialista - UJS (21 estudantes – 14,4%), Contraponto (18 estudantes – 12,4%) e Ya basta (12 estudantes – 8,3%) perfazendo mais de dois terços daqueles 145 que efetivamente responderam à questão.

Tabela 15 - Distribuição dos estudantes entrevistados (Nº e %), segundo sua participação nos campos políticos no movimento estudantil. Campinas, 2006.

Campo político	Nº	%
Kizomba	25	17,2
Reconquistar a UNE	23	15,8
UJS	21	14,4
Contraponto	18	12,4
Ya basta	12	8,3
Movimento mudança	8	5,5
Juventude revolução	6	4,1
Domínio público	3	2,1
UNE vermelha	3	2,1
Consulta popular	2	1,4
Ciranda	2	1,4
Manifeste-se	2	1,4
Na pressão	2	1,4
Romper o dia	2	1,4
Frente de esquerda a saída é pela esquerda	2	1,4
Nós não vamos pagar nada	1	0,7
Para além dos muros	1	0,7
Transformar o tédio em melodia	1	0,7
Rebele-se	1	0,7
Fórum de esquerda da UNE	1	0,7
Não vou me adaptar	1	0,7
Autônomo, independente, apartidário	8	5,5
Total	145	100

b) a militância no espaço político-partidário

Quase 40% dos entrevistados referiram filiação a partidos políticos (181 estudantes - 37,6%), os demais não eram filiados (292 estudantes - 60,7%) ou não responderam à questão (8 estudantes - 1,7%).

Dentre os filiados, 164 informaram a qual partido eram filiados (34,1%), com uma predominância da filiação ao partido dos trabalhadores - PT (83 estudantes - 50,6%), ao partido socialismo e liberdade - PSOL (38 estudantes - 23,2%) e ao partido comunista do Brasil - PC do B (23 estudantes - 14%) (tabela 16).

Tabela 16 - Distribuição dos estudantes (N e %), segundo filiação a partido político. Campinas, 2006.

Partidos	Siglas	N	%
Partido dos trabalhadores	PT	83	50,6
Partido Socialismo e Liberdade	PSOL	38	23,2
Partido Comunista do Brasil	PC do B	23	14,0
Partido do Movimento Democrático Brasileiro	PMDB	6	3,7
Partido Socialista Brasileiro	PSB	4	2,5
Partido Comunista Revolucionário	PCR	2	1,2
Partido da Social Democracia Brasileira	PSDB	2	1,2
Partido Democrático Trabalhista	PDT	2	1,2
Partido da Frente Liberal	PFL	1	0,6
Partido Trabalhista Brasileiro	PTB	1	0,6
Partido Comunista Brasileiro	PCB	1	0,6
Partido Popular Socialista	PPS	1	0,6
Total		164	100

A maioria (307 estudantes - 63,8%) não participava de qualquer tendência partidária³; 20 estudantes (4,2%) não responderam à questão. Praticamente um terço (154 estudantes - 32%) apontou a tendência partidária de que participavam, porém, dentre eles, uma minoria (24 estudantes - 5%) se equivocou ao responder a qual tendência pertenciam, confundindo tendência com partido, campo ou entidades estudantis. Assim, na tabela 17, foram

³ Tendência: (...) agrupamentos para defender posições políticas, cujas reuniões, debates e trabalhos tenham caráter transparente ao partido, e cujas atividades estejam voltadas exclusivamente para a vida interna do PT e que visem o fortalecimento da estrutura partidária em seu conjunto. O PT considera fundamental a veiculação das políticas dos agrupamentos no interior do partido. Assim, para que os militantes e filiados tenham conhecimento dos pontos de vista e documentos dos referidos agrupamentos, deve-se dedicar esforços para que o partido se responsabilize por sua divulgação e publicidade. Da mesma forma, o partido deve esforçar-se para o fortalecimento de sua infra-estrutura material, de forma a permitir que as reuniões dos agrupamentos se dêem no interior do próprio partido. Partido dos trabalhadores (PT). Resoluções sobre tendências. Disponível em: http://200.155.6.7/pt25anos/anos80/documentos/resolucao_tendencias.pdf (01 abr 2007)

considerados apenas os 104 estudantes que responderam à questão com clareza. Observa-se que, ainda que, dispersa entre 24 tendências, a participação se concentrava em torno de 3 delas, a Articulação de esquerda (30 estudantes – 29,0%), a Democracia socialista (22 estudantes – 21,2%) e a Ação popular socialista (12 estudantes – 11,6%).

Tabela 17 - Distribuição dos estudantes entrevistados (N e %), segundo participação em tendência partidária. Campinas, 2006.

Tendência partidária	N	%
Articulação de esquerda	30	29,0
Democracia socialista	22	21,2
Ação popular socialista	12	11,6
Enlace	8	8,0
O trabalho	4	4,0
CST	3	3,0
Socialismo revolucionário	2	1,9
Coletivo Socialismo e Liberdade	2	1,9
EDP (tendência regional baiana)	2	1,9
PT pra vencer	2	1,9
Rosa do povo	2	1,9
Do povo	2	1,9
Articulação unidade na luta	2	1,9
Movimento PT	1	0,9
Democracia radical	1	0,9
CDP	1	0,9
Plenária luta faz a lei	1	0,9
BPS	1	0,9
Poder popular	1	0,9
Movimento terra, trabalho e liberdade	1	0,9
Juventude revolução	1	0,9
Consumismo	1	0,9
Diretas já	1	0,9
Campo Miguel Arraes	1	0,9
Total	104	100

c) a militância em outros movimentos sociais

Quando questionados sobre a participação em outros movimentos sociais, além do movimento estudantil, 153 (31,8%) participavam de outros movimentos sociais, 246 (51,1%) não participavam e 82 (16,8%) não responderam.

A tabela 18 mostra a participação dos estudantes em outros movimentos sociais, distribuídos entre três categorias propostas por Gohn, 1997: movimentos sociais construídos a partir de determinados problemas sociais, a partir das características da natureza humana e a partir da origem social da instituição que apóia ou abriga seus demandatários. Uma grande margem de respostas foram desprezadas, sendo que 51 (33,3%) estudantes apesar de afirmarem que participavam de outros movimentos, não responderam qual era o movimento, e 10 (6,5%) estudantes apresentaram respostas equivocadas. Assim a tabela 18 foi construída tomando como base os 92 estudantes que prestaram informação com clareza. Nela se observa que uma participação mais concentrada nos movimentos sociais construídos a partir de problemas sociais (46 estudantes – 50%), concentrando-se os participantes expressivamente no movimento da saúde (22 estudantes – 23,9% do total) e destacando-se aqui a participação nos movimentos pela terra (13 estudantes – 14, 1% do total). Seguiam-se os movimentos construídos a partir de características da natureza humana (33 estudantes – 35,9%) sendo expressiva a participação nos movimentos de mulheres (16 estudantes – 17,5% do total).

Tabela 18 - Distribuição dos estudantes entrevistados (N e %), segundo participação em outros movimentos sociais. Campinas, 2006.

Outros movimentos sociais	Nº	%
Movimentos sociais construídos a partir de determinados problemas sociais^(a)		
Saúde	22	23,9
MST ¹ / movimentos ligados à questão da terra	13	14,1
MPL ²	4	4,3
Educação	2	2,2
Ambiental	2	2,2
Movimento de conselhos populares	1	1,1
Moradia e reforma urbana	1	1,1
Democratização da comunicação	1	1,1
Subtotal	46	50
Movimentos sociais construídos a partir das características da natureza humana^(a)		
MMM ³ /outros movimentos de mulheres	16	17,5
Juventude	6	6,5
Negro	5	5,4
GLBT ⁴	5	5,4
Indígena	1	1,1
Subtotal	33	35,9
Movimentos construídos a partir da origem social da instituição que apóia ou abriga seus demandatários^(a)		
Sindical	6	6,5
Religião	6	6,5
Central de Movimentos Populares	1	1,1
Subtotal	13	14,1
Total	92	100

(a) categorias extraídas de Gohn,1997

¹ Movimento dos trabalhadores rurais sem terra

² Movimento do passe livre (transporte)

³ Marcha mundial de mulheres

⁴ Movimento de gays, lésbicas, bissexuais, travestis, transexuais e transgêneros

d) a participação em ONGs

Era pouco expressiva a participação em ONGs. Assim, apenas 52 estudantes informaram participar de atividades correlacionadas (10,8%), sendo que 79 estudantes (16,4%) não responderam à questão. Entre os 52 participantes de ONGs, 40 informaram com clareza os objetivos daquelas de que participavam, como se vê na tabela 19. Diante deles, é possível verificar que mais da metade estava vinculado a ONGs que lidavam com os problemas relativos a equipamentos coletivos de consumo ou à preservação do meio ambiente

(22 estudantes – 55,0%) entre outras mais afinadas com as características da natureza humana, mas com participação menos expressiva.

Tabela 19 - Distribuição dos estudantes entrevistados (N e %), segundo objetivos das organizações não governamentais de que participavam. Campinas, 2006.

Objetivo da ONG	N	%
Preservação ambiental/ PROMAR ¹	11	27,5
Educação	7	17,5
Participação popular em políticas públicas	4	10,0
Questões ligadas à juventude	4	10,0
Paz mundial, ajuda ao próximo, solidariedade entre os povos	4	10,0
Ajuda à criança	3	7,5
GLBTTT /BSGT ²	2	5,0
ACAPRA ³	1	2,5
Ajuda aos presidiários	1	2,5
Prevenção DST/AIDS	1	2,5
Diminuir sofrimento em asilos e orfanatos	1	2,5
Organização de movimentos sociais	1	2,5
Total	40	100

¹ Fundação PROMAR: defesa da cultura e meio ambiente

² Gays, lésbicas, bissexuais, travestis, transexuais e transgêneros/ Boiolas, sapatões, giletos e travecos

³ Associação catarinense de proteção animal

e) a participação em outras atividades

Quando indagados sobre formas de lazer, grande margem de estudantes deixaram de se manifestar (360 estudantes – 74,8%). Entre os que se manifestaram, o esporte foi a atividade mais citada (23 opções - 19% - entre 121 distribuídas pelas diversas formas de lazer).

Foi elevada ainda a abstenção no que se refere à participação em atividades religiosas, 377 estudantes deixando a questão em branco (78,4%). De toda a forma, entre os que assinalaram a participação em atividades religiosas, destaca-se a participação em fóruns ligados ao catolicismo (35 opções entre 104 distribuídas por outras formas de expressão da religiosidade).

De outro lado, quando indagados sobre sua participação em comunidades virtuais, a margem de omissão foi a menor, dentre todas as outras atividades, 162 estudantes (33,7%) deixando a questão em branco. Entre 143 atividades não especificadas, outras tantas 176 opções assinalavam o Orkut, grupos de discussão, MSN e sites como atividades eleitas pelos estudantes entrevistados.

Grande margem não respondeu se participava de manifestações artísticas (400 estudantes - 83,2%), associação, liga ou conselho ligado à saúde (414 estudantes – 86,1%), bem como de atividades de voluntariado (418 estudantes – 86,2%), defesa do meio ambiente (434 estudantes – 90,2%) e de sindicatos/conselho/associação profissional (447 estudantes – 92,9%). Um pequeno número de estudantes afirmou previamente não participar de qualquer atividade estimulada no formulário (41 – 8,5%) e 35 (7,2%) estudantes afirmaram participar de outras atividades e não especificaram o tipo.

As tabelas referentes às atividades podem ser acompanhadas em anexo D.

6.2 Um perfil das lideranças do movimento estudantil contemporâneo a partir de uma amostra dos estudantes entrevistados

6.2.1 Dados gerais de identificação dos estudantes entrevistados: homens, jovens brancos, solteiros, naturais do eixo sul-sudeste

A idade prevalente entre os estudantes foi de 20 a 23 anos com 10 (66,7%) e 5 (33,3%) estudantes estavam na faixa entre 24 a 27 anos. Os estudantes entrevistados do sexo masculino somaram 9 (60%) e do sexo feminino 6 (40%).

A maioria das lideranças entrevistadas se autodenominou branca com 9 (60%), seguida por 4 (26,6%) preta, 1 (6,7%) parda e 1 (6,7%) amarela.

A maioria respondeu ser solteiro 14 (93,3%) e apenas 1 (6,7%) não respondeu. Todos os entrevistados não possuíam filhos.

Os Estados em que os entrevistados nasceram foram: São Paulo com 6 (40%), seguido pelo Rio de Janeiro 2 (13,3%), Rio Grande do Sul com 1(6,7%), Pernambuco com 1 (6,7%), Distrito Federal com 1 (6,7%) e 4 (26,6%) estudantes não responderam.

6.2.2 Os estudantes entrevistados e a situação de trabalho dos pais, renda familiar, posse de moradia familiar, fontes de renda e gastos pessoais

A situação de trabalho dos pais e mães dos entrevistados pode ser considerada estável se somarmos assalariados com carteira assinada e aposentados (pais – 73,3% - e mães – 60%). Assim, os pais de estudantes assalariados com carteira assinada somavam 8 (53,3%), aposentados 2 (13,3%), 1 (6,7%) pai estava desempregado, 1 (6,7%) era aposentado e trabalhava por conta própria/autônomo, 3 (20%) responderam não se aplicar a questão. As mães assalariadas com carteira assinada somavam 6 (40%), aposentadas 2 (13,3%), 2 (13,3%) mães trabalhavam por conta própria/autônomas, 2 (13,3%) trabalho doméstico, 1 (6,7%) era assalariada sem carteira assinada, 1 (6,7%) mãe estava desempregada e 1 (6,7%) era aposentada e trabalhava por conta própria/autônoma.

A renda familiar mensal da família dos entrevistados ficou entre dez a quinze salários mínimos em 6 (40%) respostas, 3 (20%) não sabiam dizer qual a renda da família, 2 (13,3%) responderam de quatro a seis salários mínimos, 2 (13,3%) entre sete e nove salários mínimos, 1 (6,7%) entre um e três salários mínimos e 1 (6,7%) respondeu que a renda da família era dezesseis ou mais salários mínimos. O salário mínimo no período correspondia a R\$350,00.

Quanto a propriedade da habitação da família, 10 (66,7%) responderam que a família possuía casa própria quitada, 2 (13,3%) possuíam casa própria, porém pagavam mensalidade

ou financiamento, 2 (13,3%) pagavam aluguel e 1 (6,7%) possuía outra condição não especificada.

Em relação à fonte de renda que mantinha o estudante, 7 (46,6%) responderam depender exclusivamente da família, 1 (6,7%) bolsa de estudos, 1 (6,7%) estágio, 1 (6,7%) salário, 2 (13,3%) dependiam da família e outras fontes de renda não especificadas, 1 (6,7%) família e bolsa de estudos, 1 (6,7%) família e estágio; e 1 (6,7%) dependia da família, bolsa de estudos e outras fontes não especificadas.

Em relação ao total de gastos mensais pessoais do estudante, as lideranças responderam que 5 (33,3%) gastava entre um e dois salários mínimos, 3 (20%) menos de um salário mínimo ao mês, 3 (20%) entre dois e três salários mínimos, 3 (20%) entre três e quatro salários mínimos e 1 (6,7%) gastavam cinco ou mais salários mínimos ao mês. O valor do salário mínimo no período era de R\$350,00.

6.2.3 Os estudantes entrevistados e suas condições gerais de moradia

A residência da maioria dos estudantes era casa ou apartamento com 13 (86,7) e 2 (13,3) residiam em casa em quintal comum. A maioria das residências das famílias dos estudantes possuía seis ou mais cômodos com 10 (66,6%), 1 (6,7%) possuía cinco cômodos, 1 (6,7%) possuía quatro cômodos, 2 (13,3%) três cômodos e 1 (6,7%) não respondeu.

Quando questionados sobre o número de pessoas que moravam na residência da família, 9 (60%) responderam que três ou quatro pessoas moravam na residência da família, 4 (26,6%) responderam uma ou duas pessoas, 1 (6,7%) cinco ou seis pessoas e 1 (6,7%) mais de 6 pessoas.

Os entrevistados responderam que 7 (46,7%) residiam com a família, 3 (20%) residiam em república, 2 (13,3%) moravam sozinhos, 2 (13,3%) residiam em outros locais e 1 (6,7%) residia em moradia estudantil.

6.2.4 Os estudantes entrevistados e seu perfil educacional

a) A escolaridade dos pais

A maioria dos pais (60%) e mães (53,3%) dos entrevistados possuía formação superior incompleta ou maior. Cinco (33,2%) pais possuíam superior completo, 3 (20%) possuíam superior incompleto, 3 (20%) médio completo, 1 (6,7%) especialização, 1 (6,7%) fundamental completo e 1 (6,7%) fundamental incompleto. Três (20%) mães possuíam especialização, 3 (20%) possuíam superior completo, 3 (20%) nível médio completo, 2 (13,3%) superior incompleto, 2 (13,3%) médio incompleto, 1 (6,7%) fundamental incompleto e 1 (6,7%) não respondeu.

b) Região e Estado de estudo

Grande parte estudava em faculdade localizada no Estado de São Paulo com 9 (60%), 2 (13,3%) estudavam no Rio de Janeiro, 2 (13,3%) em Pernambuco, 1 (6,7%) em Santa Catarina e 1 (6,7%) na Bahia.

c) Área e curso freqüentados, tipo de financiamento – público ou privado, condição de matrícula e período curso

Os estudantes entrevistados cursavam: biomedicina, educação física, enfermagem, farmácia, fisioterapia, fonoaudiologia, medicina, nutrição, odontologia, psicologia, serviço social, terapia ocupacional - 1 de cada curso -, veterinária (2 estudantes) e 1 jornalismo.

A maioria dos entrevistados frequentava universidade pública - 7 (46,6%), 3 (20%) estudavam em universidade privada e 5 (33,3%) não responderam.

A maioria dos estudantes estava militando e cursando a faculdade com 14 (93,3%) e apenas 1 (6,7%) estava com o curso trancado. Quanto ao período do curso, 8 (53,4%) responderam estudar em período integral, 5 (33,3%) no período noturno e 2 (13,3%) no período matutino.

6.2.5 Os estudantes entrevistados e sua participação política e social

a) a militância no interior do Movimento Estudantil

Quanto a participação em campo político no movimento estudantil, 8 (53,3%) referem participar de campo político no movimento estudantil e 7 (46,7%) não participam.

Dentre os 8 que responderam participar de algum campo político, 3 (37,5%) participava do campo kizomba, 3 (37,5%) do campo reconquistar a UNE, 1 (12,5%) participava do campo domínio público e 1 (12,5%) da UJS.

b) a militância no espaço político-partidário

Quanto à filiação partidária dos entrevistados, 9 (60%) responderam não serem filiados a partidos políticos e 6 (40%) responderam serem filiados a partidos políticos, sendo 4 (66,6%) filiados ao PT, 1 (16,7%) era filiado ao PSOL e 1 (16,7%) ao PC do B.

Quando questionados sobre a participação em tendências partidárias, 12 (80%) responderam que não participavam e 3 (20%) participavam de tendência. As tendências apontadas foram: articulação de esquerda (PT), democracia socialista (PT) e rosa do povo (PSOL).

c) a militância em outros movimentos sociais

Quando questionados sobre a participação em outros movimentos sociais, 11 (73,3%) responderam não participar, 3 (20%) participavam de outros movimentos e 1 (6,7%) não respondeu. Os movimentos em que havia participação eram: movimento feminista, movimento de saúde e paz/solidariedade entre os povos.

d) a participação em ONGs

No que diz respeito à participação em organizações não governamentais (ONG), 13 (86,7%) não participavam e 2 (13,3%) participavam, sendo o objetivo das ONGs: formação/educação e luta pela paz mundial, auto-determinação dos povos e solidariedade internacionalista.

e) a participação em outras atividades

Quando questionados sobre participação em outras atividades, 10 (66,6%) responderam que participavam de algum tipo de comunidade virtual (orkut, grupos de discussão), 4 (26,6%) participavam de associação, liga ou conselho ligado à educação ou saúde, 4 (26,6%) participavam de alguma atividade de voluntariado, 3 (20%) possuíam algum tipo de lazer, 2 (13,3%) participavam de atividades ligadas à religião, 1 (6,7%) participava de sindicato, 1 (6,7%) participava de manifestações artísticas e 1 (6,7%) de grupos de defesa do meio ambiente. A questão permitiu assinalar mais de uma resposta.

6.3 O movimento estudantil pela voz dos estudantes entrevistados

Os depoimentos dos 15 estudantes entrevistados - lideranças do movimento estudantil - foram organizados em 7 temas e 27 subtemas - Quadro 1 - segundo as concepções sobre o movimento e suas finalidades, as formas de organização e as concepções de saúde.

Quadro 1 – Temas e subtemas concernentes à análise dos depoimentos de estudantes do movimento estudantil entrevistados. Brasil, 2007.

Temas	Subtemas
1. Movimento estudantil como sujeito de transformação social	1. Transformação ampla da sociedade 2. Organização da juventude 3. Propagação de idéias 4. Movimento social 5. Vanguarda
2. Movimento estudantil como espaço de formação política	6. Espaço de formação política 7. Formação política através da relação com partidos políticos 8. Espaço de discussão sobre a educação 9. Espaço de discussão sobre a saúde 10. Espaço de discussão sobre trabalho 11. Espaço de discussão sobre diversidade 12. Espaço de discussão sobre cultura
3. Movimento estudantil como espaço de discussão sobre formação profissional	13. Espaço de discussão sobre a profissão
4. Sobre a organização atual do movimento estudantil	14. Relação negativa entre o movimento estudantil e partidos políticos - cooptação do movimento 15. Aversão aos partidos políticos 16. Crítica à direção majoritária da UNE: burocrática, sectária, autoritária, preocupada apenas em manter o poder 17. Fragmentação do movimento 18. Fórum de executivas de curso como embate à direção “partidarizada” da UNE 19. Para recompor o movimento: perspectiva de estabelecer uma relação positiva entre UNE e executivas de curso 20. O movimento estudantil impulsionado pelo projeto VER SUS
5. Concepção multicausal de saúde	21. Ter saúde depende de vários fatores relacionados ao momento do consumo 22. Trabalho como mais um fator para se ter saúde 23. Ter saúde é ter acesso a serviços de saúde e ao SUS
6. Concepção de saúde sob a égide da <i>consciência “pós-moderna”</i>	24. Ter saúde depende do indivíduo 25. Ter saúde é ter liberdade, amor, fraternidade, felicidade: categorias subjetivas e idealizadas
7. Concepção de saúde-doença como processo social: uma aproximação	26. Ter saúde é romper com o capitalismo 27. Ter saúde é estar livre de todas as formas de opressão

6.3.1 Movimento estudantil como sujeito de transformação social

De maneira considerável, os estudantes entrevistados atribuem ao movimento estudantil um caráter transformador, seja da própria universidade, seja da sociedade em geral, passando pela transformação no *jeito de fazer, de pensar*. As mudanças seriam desencadeadas pela articulação com outros movimentos sociais. Para alcançar a transformação, alguns estudantes equacionam a responsabilidade do movimento na organização e mobilização dos jovens, bem como na propagação de idéias. Alguns, para além de evidenciar o papel de transformação social do movimento estudantil, o reconhecem como um movimento social e até mesmo como vanguarda das lutas sociais.

Transformação ampla da sociedade

(...) acho que ele (movimento estudantil) tem um papel específico na, em defesa da universidade, em defesa da educação, esse tipo de coisa. Mas acho que ele se encaixa dentro de uma luta maior estratégica, que é da transformação sociedade. E2

Acho que você tem que pensar o movimento que interfira na realidade social do Brasil hoje. Que você pense isso de diversas maneiras, fazendo a conexão com os movimentos, tá se comunicando com esses, com todos os movimentos sociais. E10

(...)acho que é uma luta mesmo de melhoria social, de transformação da sociedade...E3

O nosso papel, enquanto transformadores da realidade, se é que a gente se julga pessoas capazes de transformar, ou pelo menos participar de uma transformação da realidade, não é o papel de puxar um movimento revolucionário, ou de construir isso com a nossa base de estudantes, que é uma base extremamente plural, assim, tem pessoas que tem... em várias condições financeiras mesmo, de grana, tem pessoas que tão interessadas mesmo na mudança, tem pessoas que não estão interessadas mesmo na mudança, também tem a realidade da universidade em si, que é

uma realidade extremamente desmobilizadora, em certos momentos, pra essa transformação, quer dizer, quando tu coloca até mesmo o papel da universidade na sociedade que a gente tem hoje, universidade meio que profissionalizante, e não tão questionadora e não tão tensionadora da realidade como ela deveria ser. O papel do movimento estudantil a meu ver é produzir mesmo essa tensão, tencionar as coisas dentro da universidade, pra que a universidade em si mude, enfim, é meio que o nosso nicho de ação, a universidade é a instituição a que a gente tá atrelado, e também, além de trabalhar a transformação da universidade, que eu acho que a gente tem poder, tem potência pra trabalhar, é produzir, participando junto com outros movimentos sociais de ações desses movimentos, produzir tensões na sociedade como um todo pra ajudar esses outros movimentos que são sim eles os movimentos que puxam um movimento de transformação da sociedade, pra ajudar esses movimentos nesse processo de mudança da sociedade. E4

Eu acho que os estudantes são, ou devem ser grandes protagonistas das mudanças sociais que devem ocorrer numa sociedade. E13

(...) o papel que o movimento estudantil organizado tem a cumprir na Universidade é justamente essa da transformação... Fazer com que a Universidade, (...) a Educação, como um todo, se a gente extrapolar pro movimento estudantil secundarista... eh, acabe um pouco com esse caráter neoliberal que veio tomando, ao longo desses últimos anos, que reforça pensamentos de individualismo, de competitividade, principalmente de competitividade que vem junto com o a alienação, né... acho que a educação teria um papel muito importante a cumprir pela desalienação... (...) as lutas pelas transformações, a luta pelo, pelo socialismo, a luta pelo, pela uma outra sociedade, a luta pela falta de opressão, pelo fim da opressão... Ele tem um papel de, de ser protagonista de muitas lutas, o fato de, de conseguir encantar a juventude em torno disso, apesar de hoje em dia ter um pouco de dificuldade de encantar, eu acho que daqui em diante, umas das coisas que o CONEB, que a UNE tem que, tem que fazer, é retomar esse papel de, de encantamento... (...) não dá pra você caracterizar a juventude como um setor progressista da sociedade, um setor que é mais rebelde, um setor que tá sempre à frente. Tem tanto conservador, quanto progressista na juventude, no movimento estudantil, mas aí precisa ter um corte de classe pra poder cumprir com esses desafios que tem a frente de mudanças da estrutura social, da educação, fazer com que a educação seja desalienadora, fazer com que a formação profissional atenda, né, as demandas reais dos setores populares

da sociedade... fazer com que a Universidade sirva a quem deve servir, que é a grande maioria, não a minoria como hoje. E14

Acho que um dos momentos mais importantes do movimento é quando ele consegue sair das causas específicas e lutar por causas mais coletivas e até falar em nome, conseguir representar os interesses de outros setores da sociedade. E15

(...) mas para mim o papel do movimento estudantil é o de questionador, né, de apontar, apontar novos rumos ou propor algumas rupturas assim, né da hegemonia que a gente tem. (...) é o papel mesmo do movimento estudantil de ir lá de colocar a questão, de colocar sabe? “O dedo mesmo na ferida”, de apontar essas brechas que existem, de denunciar, de propor também. Acho que também não é só a questão da denúncia, mas de propor “qual é a solução”, ou “novos caminhos”, “novos rumos” dentro desse cenário. E é o papel mesmo de protagonista, né. (...) Para mim no movimento é essencial assim ter essa compreensão da vida e questionar a partir disso o que a gente tem colocado como o que deve ser e que é reproduzido todos os dias, né. E propor então uma, um outro lugar, uma outra prática, uma outra abordagem, um outro jeito de fazer, de pensar. E9

Organização da juventude

É organizar mesmo os estudantes porque não é uma prática comum as pessoas se juntarem, discutirem os problemas assim, que existem tanto na formação tanto no país como um todo, na saúde... E5

(...) uma maneira de se organizar acho que dentro da universidade, ou se for secundário dentro da..., se for ensino fundamental, médio, enfim, pra você se organizar dentro desses espaços... E11

(...) é tentar organizar essa juventude com uma responsabilidade social. E14

(...) é representar os estudantes universitários, porque esse é o principal papel, no sentido em que tem que se organizar, tem que se mobilizar, tem que encontrar caminhos, né, os estudantes se

movimentam em torno de causas, em torno de coisas, em torno de objetivos, em torno de bandeiras, esse é o objetivo do movimento estudantil, é você se movimentar dentro dos seus espaços pra tentar lutar pelos seus objetivos ou por causas muito maiores. E15

Propagador de idéias

(...) um papel de mídia de movimento muito grande assim, a partir do momento em que um dado movimento se articula, por exemplo, (...) minha executiva de [curso] se articula com o MPL, com o movimento pelo passe livre, a gente tá divulgando, ou divulgando não, mas propagando o MPL em si e as idéias de passe livre dentro da nossa base, dentro das nossas coordenações, enfim as pessoas que fazem parte do nosso movimento e atrelando muito as ações da [minha executiva] ao tal movimento social, então, nesse sentido tem um papel de mídia muito grande. E4

Movimento social

Acho que ele busca ser um movimento social, né?, um movimento que busca participar ou construir uma..., uma desejada transformação da sociedade, partindo de uma análise social em que se observa uma série de problemas, e decorrentes de uma desigualdade, enfim, de um processo político e econômico, enfim, é um movimento social que busca participar ou construir uma determinada transformação dessa sociedade. E8

(...) eu consigo entender o movimento estudantil como um movimento específico, porque ele trata algumas pautas específicas com relação à educação, ele é um pouco diferente dos movimentos sociais em geral que se aglutinam em torno de um objetivo só, da terra, do MST, enfim, mas eu entendo o movimento estudantil enquanto um movimento social porque ele tá inserido na sociedade, faz parte da sociedade e ele tem também a tarefa de interferir na realidade. E12

(...) eu considero o movimento estudantil um movimento social, e historicamente assim também os estudantes eles já fizeram parte de grandes lutas na sociedade brasileira, né. Mesmo antes da construção da UNE, jovens assim, né, estudantes de fórum,

muitos já eram estudantes de fórum, já militaram até na luta, na Inconfidência Mineira. E aí os estudantes mais organizados passaram a ampliar esse “leque” de lutas para uma questão de, como posso dizer, de numa participação mais real em todas as políticas da sociedade, seja da questão agrária, seja da educação que é o seu, é a sua morada, né, onde ele mais atua. Nessa questão da saúde, né, na questão de diversos fatores que envolvem na conjuntura do país. E13

Vanguarda

(...) ele teria vários outros papéis...ser vanguarda na sociedade...
E7

(...) um papel de vanguarda na lutas dos movimentos sociais...
E14

(...) ele não é de forma nenhuma uma vanguarda...E4

6.3.2 Movimento estudantil como espaço de formação política

Uma das mais importantes tarefas do movimento estudantil seria a de promover a formação política dos estudantes, com a finalidade de provocar uma tensão para que essa formação política encontre espaços na formação universitária. Levantam-se as dificuldades para fazer essa formação. Diversos entrevistados consideram que a relação entre o movimento estudantil e os partidos políticos é positiva - *salutar* - colaborando para a formação política dos estudantes e para o movimento estudantil propriamente dito. A presença do partido político no movimento estudantil ajuda a aprofundar as discussões sobre os rumos da sociedade, sobre ideologia, constituindo-se um caminho institucional de luta que também é válido.

O movimento estudantil é também compreendido como um espaço de discussão sobre educação e saúde principalmente, mas também, embora pouco representativo, sobre trabalho, diversidade e cultura. Entre os principais temas relativos à educação estão a reforma universitária, a democratização do acesso à universidade pública, a Lei de Diretrizes e Bases, iniciativas governamentais como ENADE⁴, PRÓUNI⁵ e projetos do Ministério da Saúde como o APRENDER-SUS⁶ e PRÓ-SAÚDE⁷. Já sobre saúde, discute-se muito as políticas públicas de saúde em geral, o SUS, a reforma sanitária, o controle social, o ato médico, a farmácia popular e as Organizações Sociais (OS) na saúde.

⁴ O **Exame Nacional de Desempenho de Estudantes (Enade)**, que integra o **Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior (Sinaes)**, tem o objetivo de aferir o rendimento dos alunos dos cursos de graduação em relação aos conteúdos programáticos, suas habilidades e competências. O Enade é realizado por amostragem e a participação no Exame constará no histórico escolar do estudante ou, quando for o caso, sua dispensa pelo MEC. O Inep/MEC constitui a amostra dos participantes a partir da inscrição, na própria instituição de ensino superior, dos alunos habilitados a fazer a prova. (http://www.inep.gov.br/superior/enade/enade_oquee.htm)

⁵ O **ProUni** - Programa Universidade para Todos foi criado pela MP nº 213/2004 e institucionalizado pela Lei nº 11.096, de 13 de janeiro de 2005. Tem como finalidade a concessão de bolsas de estudos integrais e parciais a estudantes de baixa renda, em cursos de graduação e sequenciais de formação específica, em instituições privadas de educação superior, oferecendo, em contrapartida, isenção de alguns tributos àquelas que aderirem ao Programa. (<http://prouni-inscricao.mec.gov.br/prouni/Oprograma.shtm>)

⁶ Com o **AprenderSUS**, o Ministério da Saúde pretende dar mais um passo essencial na construção de relações de *co-operação* entre o sistema de saúde e as instituições de educação superior. As estratégias propostas são: Adoção da integralidade como eixo da mudança na formação de graduação

1 - Convocatória nacional para o desencadeamento da sistematização de práticas inovadoras de integralidade no ensino da saúde

2 - Ampliação do pensamento crítico dinamizador da mudança na graduação em saúde

a) Curso de Educação à Distância para a formação de ativadores de processos de mudança na graduação

b) Implementação de oficinas regionais para a análise crítica das estratégias e processos de mudança

c) Apoio à produção de conhecimento sobre processos de mudança

2 - Trabalho articulado com o Ministério da Educação

3 - Desenvolvimento de linha adicional de financiamento aos Pólos de Educação Permanente em Saúde

4 - Sistematização de experiências que mostrem ser possível produzir benefícios de curto prazo para a formação, para o exercício profissional e para os serviços de saúde. (AprenderSUS - O SUS e os cursos de graduação da área da saúde. (80 p.: il. color, 1ª edição /2004), disponível em www.saude.gov.br)

⁷ O **Pró-Saúde** tem a perspectiva de que os processos de reorientação da formação ocorram simultaneamente em distintos eixos, em direção à situação desejada apontada pela IES, que antevê uma escola integrada ao serviço público de saúde e que dê respostas às necessidades concretas da população brasileira na formação de recursos humanos, na produção do conhecimento e na prestação de serviços, em todos estes casos direcionados a construir o fortalecimento do SUS. Esta iniciativa visa a aproximação entre a formação de graduação no país e as necessidades da atenção básica, que se traduzem no Brasil pela estratégia de saúde da família. (Programa Nacional de Reorientação da Formação Profissional em Saúde - PRÓ-SAÚDE. (80 p., 1ª edição/2005), disponível em www.saude.gov.br)

Espaço de formação política

Acho que ele tem um papel de formação hoje muito maior talvez do que o papel de mobilização, de atuação política. Acho que a gente não tem durante a nossa construção como sujeito, uma formação na educação mesmo, a gente não tem nenhuma referência do que é ser um sujeito político, do que é ser um ator, não existe assim... (...) eu acho que o movimento estudantil pra maior parte dos militantes hoje, é esse primeiro momento de se entender como sujeito, de se entender parte da história, e é onde você canaliza e dá vazão pra querer fazer diferente, querer transformar alguma coisa, querer mudar alguma coisa... A gente também tem a frente de formação política, que eu esqueci de citar, mas que é uma frente que pretende trabalhar com essa questão que eu coloquei lá no começo de qual era o papel do movimento estudantil, de como é que você se instrumentaliza, como é que você se aprofunda nesse, quando você se descobre como ator político, quais são as possibilidades de atuação enquanto formação, como atores políticos, e tendo ênfase mesmo, olhar o movimento estudantil como movimento social... E7

(...) eu não acho que o nosso movimento estudantil vai fazer a revolução, nem nada, o nosso movimento estudantil, no máximo, vai formar pessoas com alguma crítica. (...)ele é um movimento que tem que trabalhar a formação das pessoas de forma diferente pra produzir tensões no mundo do trabalho e produzir tensões no local em que ele é potente pra produzir essas tensões que é a universidade, eu acho que é mesmo o lugar em que se pode transformar assim com as atuações do movimento estudantil. E4

(...) tem o objetivo de dar o senso crítico aos estudantes como um todo. E13

(...) e o Movimento Estudantil por se inserir na disputa dos rumos da educação, ele, ele poderia, né, cumprir com esse papel desalienador também. (...) são bandeiras que o movimento estudantil acreditou que deve adotar, porque precisa, minimamente, ter um lado, ter um corte de classe, né, apesar de o movimento ser policlassista, ele, ele minimamente precisa fazer uma opção de que lado, dentro da luta de classes na sociedade, que, que posição ele vai assumir... e ter um pouco de clareza nisso... as entidades estudantis, os militantes, pra saber onde se situa nessa luta de classes, onde se situa nessa organização, na sociedade. (...) um (...) dos grandes desafios do Movimento Estudantil é fazer com que essa interferência, esses espaços criados, não sejam paralelos à Universidade, fazer com que a

Universidade tenha, ela própria, esses espaços criados, pra que o debate não fique restrito só aos que militam, né... pra que as próprias disciplinas, (...) os projetos de pesquisa, os projetos de extensão tenham esses caráter mais politizador, mais crítico, mais desalienador, do que (...) estão hoje. Hoje, eu sempre costumo dizer que a Universidade devia munir os estudantes (...) da capacidade técnica, né... do instrumental, que, que hoje é a única coisa que faz minimamente bem, em muitos casos é muito deficiente... deveria munir o estudante da capacidade intelectual de comunicação, tanto escrita, quanto oral... devia municiar também o estudante de, das relações interpessoais, das relações sociais na estrutura da sociedade, saber onde está situado... só que ele mal e porca, a Universidade, mal e porcamente, hoje em dia... ela dá conta do primeiro aspecto, do instrumental técnico... e ainda esquece dos outros. O Movimento Estudantil contribui com isso, se for pensar, individualmente, a pessoa também tem uma contribuição pro Movimento Estudantil, pra sua formação individual... só que o grande desafio é fazer com que a Universidade cumpra esse papel, só que ainda tem muito pouco espaço, muito pouco.

E14

Acho que o movimento estudantil tem um papel extremamente importante no que compete a produção do saber, a produção do conhecimento dentro da sociedade. Acho que a universidade cumpre um papel extremamente destacável no conjunto da sociedade. E esse conhecimento que é produzido ele tá a serviço da hegemonia, acho que o movimento estudantil tem um papel de denunciar isso e também de lutar dentro da universidade para garantir que essa, que a produção desse conhecimento chegue até a classe trabalhadora, chegue até os trabalhadores de forma que possa avançar na luta dos trabalhadores. Então assim, eu acho que movimento estudantil tem esse papel de lutar dentro da universidade, fazendo esse link com toda a política nacional, internacional dentro do processo de luta de classe que está colocado para a sociedade. E6

(...) ajuda muito também na sua formação porque você aprende a lidar com as diferenças, com opiniões discordantes, se organizar diante de tudo isso... E15

Hoje, o que norteia basicamente as nossas discussões é a formação política da militância. Assim o entendimento dos militantes enquanto é situando mesmo o seu local na luta de classes. A gente está passando esse processo de formação muito intenso, é compreendendo os processos de saúde, de educação nessa perspectiva, né se a gente não aglutinar na luta dos

trabalhadores a gente não vai conseguir reverter esse processo que está colocado aí do capitalismo, que busca toda a renovação e agora vem com a face do neoliberalismo. Então basicamente nossas discussões tem sido bem nesse eixo, assim de enfrentamento ao processo neoliberal mesmo. Construindo através, construindo uma concepção de saúde é em sintonia com a classe trabalhadora, construindo educação com a classe trabalhadora, mas tudo para que possa avançar essa luta. Para que a gente possa de fato conseguir construir as bases reais para o socialismo. E6

E os temas de sociedade, entendendo que as relações entre as pessoas na sociedade são geradoras e geradas por todas essas questões assim, de uma forma mais geral a questão de como a nossa sociedade se estrutura, baseada mesmo na desigualdade e baseada na exploração de um pelo outro, a gente entende que isso em si não é saudável, que isso em si não pode construir uma sociedade justa, e a gente entende esse processo ou esses processos de opressão em vários níveis como geradores de toda essa complexidade de absurdos que a gente vê hoje, então a gente vê hoje a privatização da educação ou os interesses privados tomando precedência sobre os interesses públicos no sentido público no sentido público da maioria ou de grande parte da população, no caso da educação, no caso da saúde, a gente vê as privatizações acontecendo de uma forma, a implementação mesmo do projeto neoliberal imperialista nesse país de uma forma extremamente forte. A gente tem discutido nessas linhas, mais ou menos, mas é importante ressaltar que esse é um debate que a gente tem tentado colocar pras pessoas, são coisas em que eu particularmente acredito, mas que não são coisas que estão apropriadas pelas pessoas, como debate da executiva, é um debate que eu pessoalmente trago, que outras pessoas que eu conheço, que a gente debate e formula os espaços, em grande parte, tão apropriadas, mas que o coletivo do movimento estudantil de [curso] não tá, e isso é bem complicado, por causa daquilo mesmo que eu já te falei, a gente tem um problema muito sério de ampliar os debates dentro da base no movimento estudantil (e eu não gosto da palavra base porque traz aquela lógica de diretoria ou de direção e base que eu acho que é meio atrasado assim, mas que a gente acaba usando isso como clichê), mas a gente não consegue levar esses debates pra o coletivo do movimento estudantil, então esse debate às vezes pode ser “pô, que massa a executiva [de curso] discute isso”, mas na verdade, quem discute isso, em grande parte, são alguns coordenadores e tal, e os próprios espaços de discussão da executiva ficam mesmo polarizados, isso das vivências que eu tenho, não só da nossa, mas de outras executivas também, é constante assim, por causa desse problema mesmo de estar capilarizando as coisas pra o coletivo do movimento, uma dificuldade muito grande que a

gente tem com os próprios centros acadêmicos e dificuldade de estar perto mesmo, de construir as coisas de uma forma cotidiana, também uma dificuldade nossa de trabalhar essas questões de uma forma mais digamos “palpável” pras pessoas mesmo, quer dizer a gente tem um grupo de pessoas sensibilizadas que querem trabalhar essa questão da sensibilização e da mobilização das pessoas, mas que efetivamente não sabem trabalhar, a gente tem esse debate também, a gente não sabe trabalhar com o coletivo dos estudantes, a gente não conhece metodologicamente como fazer, e a gente fica muitas vezes imobilizado por conta disso. E4

Formação política através da relação com partidos políticos

(...) eu acho salutar assim, a relação de uma pessoa com pessoas do partido, eu acho que é interessante por essas questões em que esses grupos conseguem se aprofundar muito, muito, por causa mesmo dessa questão do controle ideológico, por causa dessa linha de formação que eles conseguem imprimir, aí eu coloco essa palavra expressando mesmo o que eu quero dizer: imprimir sobre os estudantes essa linha política de uma forma muito forte, por causa também de quem é o militante do partido, quem é o militante da tendência, uma pessoa que sabe, às vezes, claro nem em todos os casos, sabe o que é aquele partido, sabe qual a linha política do partido, aceita e tem disponibilidade de aceitar aquele controle ideológico, consegue se aprofundar muito em muitas questões e nesse sentido é saudável... E4

Então assim, não há problema nenhum, eu vejo que não há problema nenhum dos partidos, de ter pessoas de partidos dentro das Executivas, dentro dos espaços do movimento estudantil. Acho que os partidos contribuíram bastante, os partidos de esquerda nessa leitura toda que hoje a gente tem de movimento estudantil. Agora acho que precisa deixar claro as coisas, é preciso saber quem é de tal tendência, o quê que tal tendência defende. E é preciso também que seja muito aberto em seus posicionamentos. “Olha, eu discuto lá no meu partido, a gente tem esse e esse posicionamento”, então “dá a cara”. Enquanto partido no espaço para debater e para poder construir com aquele coletivo ali. E6

(...) eu tenho clareza de que o partido político contribui, e muito, não só com o movimento estudantil, mas com todos os movimentos sociais... (...)o partido político, ele se torna uma

coluna, uma espinha vertebral, pra que os movimentos sociais tenham... não digo uma sustentação, porque sustentação, parece que o movimento social é apêndice, mas pra que tenham mais um pólo de ação, mais uma força organizada pra também disputar os rumos da sociedade pela via institucional, né... E14

(...) e acho que o partido ele ajuda muito a você estar reconhecendo a sua ideologia mesmo, aquilo que você quer, aquilo mais amplo, sabe, tirando você só daquele movimento dentro da sua faculdade, dentro da sua universidade e trazendo pra um movimento bem mais amplo, onde você vai ter uma visão bem mais ampliada das coisas hoje. E3

(...) a gente pode enxergar um partido político enquanto instrumento de construção das entidades e dos movimentos e eu acho que esse seria o ideal assim, os partidos serem otimizarem, potencializarem as entidades e os movimentos... E8

Eu acho importante. Então, eu acho que assim, eu não descarto essa, eu não vejo isso como uma coisa maléfica assim, desse caminhar juntos, ou de repente militantes de partidos políticos serem também militantes de, no movimento. Eu acho que são complementares. Eu acho que é muito importante, porque o pessoal que faz a militância partidária eles trazem uma discussão para o movimento que qualifica o movimento também, né. Então, coisas que é quem não está ligado não discutiu, ou não. Eu acho que amplia a possibilidade de diálogo. Não, não vejo como aparelhamento do movimento, pode acontecer, mas eu acho que também depende de qual partido às pessoas estão ligadas, mas eu acredito que existem partidos coerentes, forças coerentes e que não vão aparelhar o movimento estudantil, né. E9

(...) existem as correntes que acreditam na mesma coisa, mas partem do principio de que é necessário sua organização para fazer com que as pessoas compartilhem de seus pensamentos e ajudem a executá-los, ou seja, partem do principio do convencimento político. E12

Espaço de discussão sobre a educação

Dentro de educação, a gente têm discutido muito as políticas de educação do Ministério da Saúde e da Educação, alguns absurdos que eles construíram conjuntamente, e outros que eles

construíram separadamente, isso eu prefiro falar de forma geral, mas a gente pode fazer questão do APRENDER-SUS como a política mais geral e que de certa forma até visava a construção da integralidade a partir dos processos de formação dentro das escolas e tal, se afastando mesmo, de certa forma, claro que o APRENDER-SUS não era um projeto que a gente considerasse adequado, na época, mas de repente, vem agora a questão do PRÓ-SAÚDE e tal, que a gente entende que é um ataque ainda maior à formação numa perspectiva de formação de pessoas pra atuar nas equipes mínimas assistenciais do PSF, e a gente entende que a educação nas universidades deve ser voltada pra integralidade das ações em saúde, enfim, a gente discute essas questões nesse nível, que tem a questão toda da reforma universitária desse governo que é mesmo um ataque à educação, é privatizadora, é precarizadora da educação no país, é um ataque mesmo à universidade pública e gratuita; aí poderia falar de diversos projetos especificamente mas o fato é que existe todo um pacote de reforma universitária que tá colocado que é inadequado, pra citar: PRÓUNI, as leis de cotas, a questão do capital estrangeiro, e da, entre aspas, limitação do capital estrangeiro na nossa educação, da invasão do capital, não só do capital mas do ideário estrangeiro pra educação no nosso país, as PPPs aplicadas na educação, mas não só na educação, são também um ataque a qualquer instituição pública e isso é um ataque ao próprio estado, a lei de inovação tecnológica, enfim, tem várias nesse sentido... E4

A gente tá vindo com uma pauta bem forte agora sobre a reforma universitária, que é uma pauta bem geral... E12

No movimento estudantil geral, o tema (...) que foi, sobre o que o movimento estudantil se debruçou mais foi sem dúvida nenhuma, da Reforma Universitária desses últimos anos... desde 2004, (...) com a formação do Sistema Nacional de Avaliação do Ensino Superior, do debate sobre o PROUNI, do debate sobre Educação Tecnológica, sobre o Documento II de Diretrizes pra Reforma Universitária...

Eu acredito que de agora em diante (...) deve se debruçar sobre uma plataforma, de fato, pra educação, porque o movimento estudantil, durante esse debate sobre a Reforma Universitária, ficou muito dividido... né... eram os que defendiam e os que eram contra a Reforma Universitária... teve momentos em que os que eram contra a Reforma Universitária tinha uma unidade muito grande, conseguiram organizar grandes debates, grandes atos... mas que de um tempo pra cá também acabou se distanciando... a crise que a esquerda brasileira passou, eh, contribuiu um pouco pra (...) esse rearranjo (...) das forças de esquerda... o que refletiu também nesse debate da Reforma Universitária, mas que agora a

gente vê que o, que o debate que a UNE e o movimento estudantil deve se debruçar é sobre uma plataforma pra educação... E14

Na área de políticas educacionais, a gente tirou duas frentes de trabalho esse ano, uma a mercantilização da educação que a gente deve estar organizando uma campanha nacional com envolvimento de outras entidades contra a mercantilização da educação, uma campanha que visa o esclarecimento do estudante sobre o que (...) é a mercantilização da educação, uma campanha que a gente vai tentar, ta tentando estruturar junto aos diretórios acadêmicos, pra que a gente possa realmente promover o debate nas escolas, pra que a gente possa estar não só fazendo aquela distribuição de adesivo e cartaz, mas que a gente realmente acumule debate sobre a mercantilização, sobre a questão das mensalidades, sobre a questão do ensino pago, sobre a abertura de escolas indiscriminadas...

...a questão da defesa do ensino público gratuito de qualidade, universal, a gente tem discutido muito a questão da responsabilização do Estado perante as políticas de avaliação, as políticas de melhoria das condições nas universidades públicas, a gente tem visto uma rede de responsabilização crescente nesse processo, a DENEM tem uma história de durante a década de 90 ter discutido muito avaliação institucional, a necessidade e a avaliação institucional como grande apontador pra implementação de melhorias e na própria dinâmica da universidade... E7

(...) Dentro do movimento de área acho que tava muito claro e em evidência que era a questão da inadimplência, da dificuldade do aluno que era inadimplente permanecer dentro da universidade. Então isso tanto na executiva [de curso] quanto também dentro da faculdade (...), então a gente conseguiu nesse momento fazer uma campanha intensa durante o período de gestão e aí a gente conseguiu fixar na universidade discussões, que antes não aconteciam, sobre a questão da inadimplência, então a gente conseguiu fazer alguns acordos com a faculdade, com a direção do curso (...) E11

Contra a atual diretriz curricular para [o curso]. ...a luta contra a reforma universitária e boicote ao ENADE. E2

(...) a gente discute LDB que mudou, né, os cursos da área da saúde mudaram a LDB. (...) a gente está estudando em torno disso, do ENADE e da reforma universitária também. E10

Então a gente dentro dessa conjuntura, a gente acha que a UNE deve ter as suas bandeiras, principalmente ligadas à educação e a política como prioridades, mas não deve ficar restritas a isso, então acho que a nossa luta principal hoje é a luta pela democratização do acesso à universidade brasileira, a luta pela reforma universitária que foi colocada e foi discutida, temas nacionais políticos relevantes, então a UNE participou do processo político eleitoral no Brasil, colocando as suas bandeiras, as suas propostas, o centro sempre tem que estar a política, as grandes decisões no país, porque é nelas que você pode, você conquista espaço, então estar inserida nesses debates mais nacionais. (...)esse período mais recente teve uma dificuldade grande assim, algumas, nem todas, mas algumas executivas lutaram numa luta contra a reforma universitária, e a UNE achava que devia disputar o conteúdo da reforma universitária, então eram diferentes as opiniões, mas acho normal, faz parte, as executivas estão em todos os CONEGS da UNE, CONEB da UNE, tiveram espaço pra apresentar as suas propostas, sua visão sobre esses temas, e a gente procurou conversar, discutir, cada um teve seu espaço, e o conjunto do movimento acabou tomando sua posição que foi exatamente essa de reafirmar a idéia de disputar o controle da reforma universitária... E15

Espaço de discussão sobre a saúde

Em termos de saúde, a gente tem discutido muito a questão de farmácia popular, e isso pensando em medicamentos, é um tema que ele é muito prático, ele é muito simples de discutir, apesar do debate ser bem amplo, é uma coisa que toca muito os estudantes assim, que é a questão do ataque ao SUS, do ataque aos direitos das pessoas, da mercantilização mesmo dos direitos das pessoas, é como eu te falei um debate extremamente complexo, mas que a gente consegue às vezes fazer de uma forma simples, e é um debate que as pessoas aceitam e querem discutir. A gente também debate na verdade toda a complexidade das políticas de assistência farmacêutica colocadas hoje no país em termos de saúde, também debate de uma forma mais geral o sistema único de saúde, a necessidade de consolidação desse sistema e discussão desse sistema, enquanto sistema de atenção integral e de acesso universal e irrestrito, isso numa perspectiva mais de coisas institucionalizadas e tal, a gente tenta muito debater a questão da concepção de saúde que se tem dentro da executiva, o que é bem complicado, acaba se tendo saúde como se fosse um conceito fechado e que nunca é discutido, uma espécie até de tabu enquanto discussão mesmo, de uma forma que quando fala “ah, é necessário ter atenção integral à saúde, é necessário ter um

sistema de saúde adequado, um sistema de saúde integral, universal, pá, pá, pá...” mas a questão do que é saúde a gente tem uma dificuldade bem grande de discutir, até porque a discussão acaba se tornando um pouco abstrata quando a gente vai pautar essas questões, o que acaba sendo estranho porque saúde é um lance extremamente cotidiano, a gente tá vivendo todos os dias a questão, mas discutir a concepção e abstrair de certas questões de muito voltadas pra profissão, voltadas pra proteção, pra recuperação que é o que a gente faz, acaba ficando difícil também a questão do trabalho, do direito à terra, do direito a uma vida saudável em termos biológicos, e isso acaba que é meio um tabu dentro da executiva, e é um tema importante, eu acho que não é dentro da executiva, é dentro de todos os movimentos... E4

...a discussão de SUS, de ensinar pro SUS, a gente acaba discutindo isso bastante, e agora a discussão das OS da saúde... E12

...SUS, os conceitos, como isso se aplica [no curso]. E10

...tentando capilarizar essa compreensão sobre o quê é Reforma Sanitária, o que é concepção de saúde que o movimento estudantil vem defendendo... porque que é importante (...) se debater as Políticas Públicas de Saúde e porque que é importante saber, (...) teve um debate mais recente agora, sobre o Ato Médico... E14

Em políticas de saúde, a gente tem o ano passado, a gente trabalhou muito forte com a questão do controle social, com a participação dos estudantes nos conselhos de saúde, mas esse ano a gente tá trabalhando com uma linha um pouco diferente que é pra além da nossa atuação dentro dos conselhos, a nossa atuação na própria sociedade, na consolidação de uma disputa de conceito de saúde diferente do que é o corrente, porque a gente entende que mesmo a reforma sanitária tendo assegurado o direito constitucional de saúde pra todos, universal, equânime, integral, que esses conceitos não estão bem apreendidos pela sociedade, que a sociedade brasileira não se referencia nele quando fala de saúde, quando luta por melhorias na saúde, então é disputar na mídia, disputar entre os próprios estudantes das outras categorias profissionais, disputar na família, disputar nas escolas, nas universidades, esse conceito de saúde que a gente acredita, e a gente acha que esse é um nó crítico pra implementação, pra consolidação do sistema único, então a gente vai tá trabalhando com isso, essa linha de esclarecer mesmo a sociedade do que que é o papel dos planos de saúde, porque que existe um plano

privado, o que é um sistema universal, porque o SUS tem os entraves que tem ainda hoje, trabalhar numa linha bem de marketing mesmo do que é o sistema único de saúde... E7

A gente ta puxando bastante a parte de controle social, é até legal que tem muitos que já tão fazendo parte assim de conselho municipal, de conselho distrital, tal né, então o controle social é uma coisa que ta vindo muito forte na executiva, faz algum tempo já, mas agora ta ficando cada vez mais forte... E5

Assim, a gente ultimamente está discutindo bem controle social, porque a gente ta com uma vaga no conselho nacional de saúde, então é uma coisa que a gente ta vendo, reavaliando, vendo qual a importância da nossa participação nesse conselho, como a gente também pode estar levando a discussão de controle social pra dentro dos DAs e dos CAs, sem que essa discussão seja apenas pra esses estudantes estarem participando de conselhos de saúde, mas fazendo o controle social também por fora desses conselhos, sabe, a coordenação de saúde ta indo bem por essa linha... E3

Espaço de discussão sobre trabalho

Regulamentação do trabalho. ...É uma pauta que força um debate classista, coisa que nem sempre acontece, a maior parte das vezes não acontece com as pautas no movimento de área, ficam muito em cima de questões corporativas. E2

...relação do trabalho, pra discutir trabalho, pra discutir a precarização do trabalho (...), ta tudo bem voltado pra essa linha. E3

Espaço de discussão sobre a diversidade e feminismo

A questão da diversidade, a gente trabalhou e é a primeira vez que sai essa linha de atuação da [executiva], o ano passado a gente começou a ter uma discussão sobre a questão do feminismo, a questão do machismo, mas ainda era uma coisa muito polarizada entre mulheres e homens, “as meninas da [executiva]”, é tão engraçado falar, mas... existia um movimento pra fundar “um movimento” dentro dos estudantes de [curso], “as mulheres em defesa da vida”, mas que durante o ano se enfraqueceu e esse ano, essa necessidade de estar discutindo a frente de diversidades ela surgiu de uma forma diferente, também

com os negros, os estudantes de [curso] negros se organizando, a gente fez a primeira plenária de estudantes (...) negros e cotistas lá no [encontro] agora em janeiro, a questão da homossexualidade também foi bastante discutida... E7

(...) então a UNE hoje tem já a partir dessa diretoria um espaço cada vez maior na atuação na luta contra homofobia, pela liberdade sexual, sendo parceira nessas diversas paradas gays que estão acontecendo no Brasil todo, nesses movimentos. Criamos uma diretoria especificamente para acompanhar essa luta. Tem a luta em torno das bandeiras feministas, contra o machismo, então a gente organizou na última gestão o encontro de mulheres, vai organizar outro agora em março, então campanhas também, lutas como, por exemplo, do direito ao aborto, e outras lutas feministas que estão colocadas, a gente vêm encampando cada vez mais e vamos organizar junto com a bienal da UNE um encontro de estudantes negros, negras, de combate ao racismo. E15

Espaço de discussão sobre a cultura

Ter uma atuação cada vez mais forte na área cultural, com bandeiras ligadas aos estudantes que são artistas, que lutam por mais espaço na vida cultural do país, por mais incentivo, por mais apoio, organizamos inclusive uma bienal de cultura e arte já há algum tempo, reunindo estudantes artistas do Brasil todo em mostras universitárias... E15

6.3.3 Movimento estudantil como espaço de discussão sobre formação profissional

Atribui-se às executivas de área a responsabilidade sobre o encaminhamento de questões específicas da formação profissional, centralizando *a discussão pertinente ao seu universo*: exame de suficiência, funcionamento e posicionamento de conselhos profissionais.

Espaço de discussão sobre a profissão

(...) a questão da formação, sempre discute isso, no caso [do nosso curso] especificamente, tá rolando um negócio de exame

de suficiência, que seria igual exame de ordem ou não sei como é que chama da medicina, mas é similar assim, e aí a gente vem discutindo isso, né, bom onde tá se discutindo mais é aqui em São Paulo mesmo, que mais a gente discute... voltar também à formação à atenção básica, que nos cursos (...) é muito pouco isso né... E5

(...) a gente tá discutindo sobre o exame de suficiência, que é uma pauta em voga, o ato médico que também tá sempre voltando porque tem projetos de lei que são refeitos, que são reapresentados... E12

(...) qualificação dos docentes, que aí acho que tem todo um reflexo dentro da profissão mesmo, a profissão como ela está, os conselhos federais, o funcionamento, e aí assim, o profissional, a questão mesmo da formação profissional, das diretrizes curriculares do [curso]... E11

A educação [no curso] que também ocupou durante uma parte da história [da executiva], a nossa centralidade nas ações, também continua sendo um foco, porque mudar os currículos das escolas (...), fazer a transformação das escolas (...) pra gente é determinante, na formação do profissional (...) E7

(...) o distanciamento da executiva do que talvez ou, do que na minha opinião seja, ou do que deva ser, o debate central da executiva que são as questões pertinentes [ao curso], né, eu não vejo sentido da gente ter uma executiva nacional de estudantes (...) se a gente, dentro dessa executiva não centralizar a discussão [do curso], porque se a gente for centralizar as discussões pertinentes à sociedade, acho que isso é muito mais uma tarefa do movimento estudantil geral do que do movimento estudantil da executiva assim, acho que os movimentos que são centralizados pelas executivas, eles acho que é importante promover os debates que são pertinentes, que estão dentro do movimento estudantil geral, mas acho que ela tem que centralizar a discussão pertinente ao seu universo, (...) a questão alimentar, e eu acho que a minha executiva deixou a questão alimentar em segundo plano, pelo menos nos últimos dois anos, tanto que nesse ano uma das questões que eu pautei pra dentro da executiva era a necessidade de retomar ou de se centralizar novamente a questão alimentar assim, porque hoje, se eu for analisar as pessoas que compõem a executiva ou o movimento estudantil, eu tenho dificuldade de apontar alguém que consiga promover o debate sobre a questão alimentar assim, então eu acho que é importante a executiva tentar organizar esse debate novamente assim... E8

As executivas nasceram com um papel muito interessante porque o período da ditadura foi um período que teve uma repressão muito grande às estruturas que já existiam no movimento, como a própria, as entidades que existiam, a UNE, as UEEs, os DCEs, os centros acadêmicos, foram muito reprimidos. Então uma parte do movimento estudantil usou a tática, na época, de criar as executivas que tinham como fachada uma discussão mais acadêmica, mas que tinham por trás toda uma discussão política, de resistência, tal, e as executivas continuaram seu trabalho, e acho um trabalho importante pro movimento porque as executivas conseguem casar ou muitas vezes atrair os estudantes com questões mais específicas ligadas ao curso ou discussões acadêmicas que são importantíssimas também na formação das pessoas, embora tenha essa ligação muitas vezes de condições mais políticas, de condições mais gerais. É uma forma muito privilegiada de atrair os estudantes pro movimento estudantil além de influenciar na própria formação acadêmica, no próprio currículo dos cursos, no próprio objetivo de cada curso, no sentido de cada curso, debates que acontecem dentro da universidade sobre isso, então eu acho que as executivas tem um papel fundamental, um espaço que precisa ser respeitado...E15

6.3.4 Organização do movimento estudantil

Esse tema trata de formas contemporâneas de organização do movimento estudantil, constituindo a influência dos partidos políticos o eixo dessa discussão. É possível aquilatar posições que denunciam a relação negativa entre os partidos e o movimento, indo ao extremo de construir total aversão, passando pela crítica à direção da UNE e chegando à constatação de que o movimento tem formas de organização variadas que vem constituindo fermentos de fragmentação. Novas propostas como o fórum de executivas de curso são engendradas para combater a direção “partidarizada” da UNE. E até se aposta na recomposição entre UNE e executivas de curso.

Relação negativa entre o movimento estudantil e os partidos políticos - *cooptação do movimento e sustentação de poder*

(...) era sustentação de poder mesmo, ganhar base pra sustentar poder. A questão de partidos políticos, algumas correntes de alguns partidos políticos elas têm um caráter mesmo de participação, de inclusão da galera na discussão política, mas tem alguns e é hegemônico assim, tem só pra conseguir poder mesmo, se manter no poder, desde a juventude até chegar nas idades de maior participação mesmo, quando a galera se engaja mais na questão institucional da política mesmo, eu acho que é isso, é mais pra angariar votos assim, fortalecer o partido pela juventude. Mas a questão de levar a discussão pra dentro da universidade mesmo, eu acho que não rola, eu acho que é mais pra poder mesmo dos partidos, sustentação de poder. E1

Apesar de que os movimentos, apesar de que os partidos às vezes rompe um pouco, você não pode negar. Porque eles têm o dinheiro, eles tem a forma de fazer as coisas se movimentarem. Infelizmente é dessa forma que acontece, mas eu acho ruim até por conta disso. Por exemplo, um exemplo teve um encontro (esse eu não fui, esse eu tava começando a participar de CA, nem sabia direito), teve um encontro lá da UNE acho que foi lá em Caconde, não sei você lembra desse encontro? Eu lembro que [um colega] voltou nervosíssimo porque um dos meios de levar delegados que era por cada curso, e um grupo de um determinado partido que levou, fez um churrascão para todo mundo, levou lá da universidade, provavelmente financiado pelo partido (tem dinheiro para fazer isso). E tirou, e votou, um monte de gente votou a favor não sabe nem o que está votando, foi lá para zoar, foi lá para comer churrasco e beber cerveja. Então nisso eu acho extremamente ruim, é absurdo, chega a ser absurdo. E10

(...) só o que eu não acho saudável é que as entidades ou que os movimentos estudantis se deixem pautar pelos partidos, quer dizer, são eu acho que tem que se manter esses movimentos autônomos em relação a essas coisas, uma coisa é o diálogo com esses outros grupos, outra coisa é deixar que as bandeiras de um partido ou de outro dêem linha na construção dos movimentos, isso é, pode ser péssimo pro movimento, porque o movimento perde a característica, aquela que eu tinha colocado antes que é pra mim a característica dos movimentos estudantis pra se tornar aparelho de um partido, e pra tornar também um DCE aparelho do partido, pra tornar um CA, uma executiva aparelho de um partido, e pra ser, no final das contas, mero legitimador enquanto juventude de práticas que não são práticas de movimento

estudantil, mas sim práticas de um partido, tem toda uma caracterização diferente, tem toda uma luta diferente, tem todo um âmbito mesmo diferente... E4

Existe uma porção de correntes e partidos no movimento e algumas acreditam que precisam ter entidades que compartilhem de suas concepções para que consigam propor sua política e fazem isso a qualquer custo, mesmo que de fraude... E12

Dependendo do partido político. Considerando a UJS do PC do B é uma entidade que é sustentada claramente pela forma burocrática e aparelhada da União Nacional dos Estudantes. Porém, tem outras forças, né, que a gente não vê, a gente ainda não sabe como seria se estivesse numa direção majoritária da UNE. E13

Agora a maneira como está colocada hoje (...) a relação que os partidos políticos tem mantido com o movimento estudantil, interferindo em sua autonomia, né, de cooptação do movimento, de utilização do movimento para os fins partidários. (...) Então assim, isso não avança nas lutas. Você pega partido, e de repente dirigente (...) da entidade, da Executiva, do CA ou do coletivo chega com uma, com o pacote pronto do partido despeja no movimento estudantil. Sem que, façam com que os estudantes legitimem aquilo, sem ao menos ele saber que ele está legitimando uma coisa que já foi debatida e que faz parte de um programa da qual ele não tomou parte, dessa discussão. Da qual ele não foi sujeito do processo de construção. E6

(...) tem militantes partidários que também são de movimentos sociais, e muitas vezes acabam confundindo isso, às vezes quando tão dirigindo uma entidade, no caso entidade estudantis, fazem de tudo pra que o partido seja representado por entidade estudantil, pra que as posições do partido, né, sejam (...) levantadas pelo movimento social como forma máxima, programa máximo do partido de ser levantado como movimento social... ou então, pior ainda, utilizado a estrutura do movimento social... sendo utilizada a infra-estrutura do movimento social simplesmente... aí que tá o problema... simplesmente pra construção do partido... então tem, tem até algumas coisas que tão, ainda tem equívoco na hora de se relacionar... e que provavelmente é a causa, um pouco da repulsa, que se tem hoje. (...) Esse é o problema, que aí tem muito aparelhismo, aí tem muita intriga, tem muito... esse é o grande problema. E14

(...) mas acho que tem que tomar cuidado também, pra não se fazer do campo político essa referência do partido, por mais que você seja próxima, que tenha ligação com partido, mas são espaços diferentes, e aí eu acho importante você tomar cuidado com isso, pra não particularizar e colocar essas questões. E11

(...) mas tomar cuidado pra não acontecer às vezes o contrário, tipo as pessoas pautarem o partido dentro do movimento estudantil né, então sei lá, ficar briga de partidos ou de tendências pra quem que vai conquistar a UNE, quem que vai conquistar a UBES, quem que vai conquistar tal executiva, sabe, “ah, essa executiva é desse partido”, então quando os interesses partidários ficam superiores a outros interesses, fica complicada a relação, mesmo assim, “ah, sei lá, a gente não vai conversar com a executiva ‘X’ porque a gente sabe que lá só tem gente desse partido, né, e não é o nosso ideal, ou tal DCE ou a UNE”, por exemplo, então acho é esse cuidado que tem que ter, que as pessoas não fiquem só fechadas assim tentando disputar o partido dentro das entidades, aparelhar assim... E5

(...) o que o movimento precisa ter muito cuidado, se reservar, é em relação a interferências indevidas, ao aparelhamento das entidades, apenas formas de eleição, mecanismos que garantam a pluralidade, as diversas visões, é muito importante, por exemplo, a proporcionalidade em entidades como a UNE, também deveria ser assim pra alguns DCEs, algumas executivas de curso, infelizmente acabam não adotando esses mecanismos, por que? E15

(...) o papel que o partido ou que os partidos acabam acumulando dentro do movimento estudantil, e às vezes, eu tenho uma série de críticas em relação a maneira como os partidos desenvolvem a sua prática política pra dentro das entidades, aí eu acho que a gente pode até extrapolar pra outras entidades, não apenas relacionadas ao movimento estudantil, mas eu acho que as vezes, se coloca o partido à frente de um determinado objetivo político, ou se coloca o partido à frente do que deva ser o objetivo da entidade que você disputa... E8

Acho que nesse ponto os partidos eles, de alguma forma também, por trazerem da sua forma de organização sindical, da sua forma de organização, como os partidos funcionam, como eles se estruturam, eles trazem limites, eles impõem limites na organização do movimento estudantil, isso muito mais do que eles impõem a forma, uma forma x ou forma y, eles impõem limites porque as pessoas que estão dentro do movimento

estudantil e ligadas às juventudes partidárias não conseguem extrapolar e pensar em outras formas ou ver outras formas viáveis, de intervir dentro do próprio partido, da estrutura burocrática do próprio partido, e da própria estrutura do movimento estudantil, então você cria amarras, então assim, pra maior parte dos militantes partidários, eu acho que deve ser difícil chegar aqui e imaginar um congresso diferente desse, entendeu, porque deve ser difícil imaginar um congresso de partido diferente do que é um congresso de partido deles assim, não dá pra extrapolar isso pra todos os partidos, eu acho, mas eu acho que tem uma coisa da hierarquia, do mais velho, do chegou antes, do já mobilizou antes, do fez antes, desse é meu grupo, eu fui lá, eu trouxe pra cá, essa é minha base, que é herança dos partidos, é a forma de organização... (...) Então eu acho que dentro da UNE, dentro da [executiva], dentro das executivas de curso, como um todo, a gente sofre essa influência, não sofre no sentido pejorativo, é influenciado por essa forma de organizar, mas muito pouco se entende essa forma, eu acho que eu já tive contato com várias juventudes partidárias, acho que quando você entra no partido, você não é levado a pensar o que é a estrutura do partido, pra que o partido funciona, qual o papel do partido na sociedade, tem muito pouco disso, acho que você vai pras linhas de... quais são as teses, quais são as opiniões, mas o sentido daquilo é quase que assim, é tão lógico que você não discute isso, e acho que o movimento estudantil vai apontando pra que a forma de organização que a gente tem ela não é viável, ela não é a melhor forma, ela não tá dando certo, e aí conhecer um pouco da história do movimento estudantil, eu acho que nos últimos anos tem se tentado ver, mais ainda tem muito presente esse ranço do “eu não posso questionar a forma de organizar, porque se eu to questionando a forma de organizar aqui, é a forma de organização dos partidos, e é a forma de organização da disputa da sociedade” e aí tudo se quebra e... eu acho que esse é o principal limitador... E7

(...) a maior parte dos movimentos sociais no Brasil ela ainda tem um relação muito forte com o PT. Eu acho que isso é claro tanto pela construção histórica do PT, e pelo o que ele significa e pelo que significou. É hoje a gente tem o PSOL que acho que cresce um pouco nessa questão e alguns outros partidos que tem estratégias diferentes ou que pelo discurso ou pelas bandeiras que levanta tem pouca possibilidade de diálogo mesmo, de aproximação com alguns movimentos sociais. É, bom, acho que o caso, pelo menos um caso que talvez seja importante para agora é a relação que o PT desempenha com os movimentos sociais. Hoje em dia existe, acho que isso nunca esteve tão claro no Brasil, uma certa cooptação dos movimentos sociais assim. Então você tem um certo, até aquela, aquela idéia do Programa Popular e Democrático é você traz então os movimentos sociais para

dentro da organização, da administração do Estado. E isso tipo acho, que eles se perdem completamente no seu papel principal, e mesmo você consegue com, com muito pouco financiamento, você nem precisa de muita coisa. É pode parecer forte ser contra o movimento, mas é um pouco do que acontece. Então você tem programas hoje na área (...), por exemplo, Segundo Tempo, algumas coisas assim que basicamente são moedas de troca. Então, você chama alguns movimentos sociais e coloca o movimento social para, para trabalhar em tal programa. E a partir daquele programa você tem um financiamento para aquilo. E todo movimento social tem um problema que é a falta de dinheiro, não tem dinheiro para nada, falta dinheiro para militar. E daí quando você dá oportunidade do movimento, militar com a juventude, por exemplo, no Segundo Tempo, e ter dinheiro para outras coisas, é claro que isso, em recorte micro assim, ele soluciona um problema. Mas quando você expande isso para uma política pública, política geral isso nacionalmente você cala os movimentos sociais. É acho que isso tem sido é um pouco do retrato, é pelo menos a maior parte da relação com o PT. (...) Então, os partidos vão apresentar uma emenda, uma política e os movimentos sociais vão tencionar. Bom, essa é um pouco da base do Programa Democrático e Popular. O Programa Democrático e Popular não é uma, não é uma marca registrada do PT, mas talvez o PT tenha (...) sido quem mais consolidou isso. É claro que (...) essa visão de movimento está, em parte do PSOL, e em parte do PSTU e em alguns partidos, mas acho que é uma política que tem quer ser vencida assim. E não é uma questão recente, o próprio Florestan (...) já colocava críticas a isso definitivamente. (...) era um militante do PT, e colocava que (...) essa questão não dava resposta ao problema do Estado. Então, você mantém o Estado, a institucionalidade como centro da sua disputa, você não consegue resolver isso. Por mais que, por exemplo, a gente faça a volta romântica aos movimentos sociais, ela pelo menos na avaliação consultista, ela ainda é a pressão popular em cima da institucionalidade. Mesmo que a Consulta não aceite ir para a institucionalidade, pelo menos oficialmente, é não disputa vereador, prefeito esse tipo de coisa. Eles ainda usam os movimentos para pressionar a institucionalidade. Então, por mais que eles desloquem os militantes para os movimentos sociais, o centro da disputa deles é justamente o Parlamento burguês, a institucionalidade, isso daí. Então, um pouco, um pouco da relação entre o partido e os movimentos, hoje o hegemônico, o mais colocado, tem sido essa idéia do Programa Democrático e Popular, acho que é um pouco da (pausa) talvez uma concepção a ser vencida. E2

Aversão aos partidos políticos

(...) você falar de movimento estudantil relacionado a tendências do movimento ou falar algo relacionado a qualquer partido é morte, é morte. Então assim, acho que por quanto desse trauma que se tem, é, por que assim, isso é muito particular por que assim eu acredito que muita gente, né, teve o movimento estudantil como um trampolim político, conseguiu muita coisa por conta disso. O que eu não acho errado particularmente. E as pessoas que não acreditam nesse modelo, acreditam que tem que ser apartidário, não tem que ter influência nada. O que eu acho errado também. Acabam massacrando as pessoas que tem alguma posição, como se isso fosse ditatorial. (...) Eu acho que até é uma hipocrisia dizer isso, assim. Por que assim, como eu falei para você tem pessoas que são partidárias dentro do movimento estudantil, mas elas têm que fingir que não são. E isso é fato. (...) Essa de Executiva não há. Assim não há, a não ser o que as pessoas têm individualmente, mas isso não. Porque que se isso tem direcionamento para o movimento isso é, pelo menos para a Executiva, isso é morte. E10

O partido hoje no Brasil deve isso como uma legenda assim, então talvez a pior visão que tem. E daí até contra essa, contra essa visão cresce muito acho que tanto na juventude como na própria população em geral um anarquismo, ou nem um anarquismo uma base teórica estabelecida, mas um apartidarismo, um olhar para os partidos de alguma coisa que é ruim. E às vezes até dentro da esquerda é um negócio que, é um pouco os movimentos sociais são bons em si, os partidos políticos são ruins em si. E2

Principalmente para o movimento de área, que é o movimento que a gente sabe que, por exemplo, os estudantes da área de saúde em geral, não estou fazendo uma análise da Executiva, mas uma análise minha eles tem uma tendência reacionária, os estudantes da área da saúde. Então são estudantes que repudiam completamente partidos, né. Se você chega numa área de humanas se encontra uma galera muito mais, da História, da Sociais. Você encontra uma galera muito ligada a partido. Num movimento de saúde, é um repúdio completo. E6

Crítica a atual direção majoritária da UNE: burocrática, sectária, autoritária, preocupada apenas em manter o poder

A relação com a UNE hoje, não é tranqüila assim. Acho que inclusive o problema da UNE não é só a UJS, não é falar que é só de direção, mas também tem, acho que tem um problema grave de direção. Hoje quem tá lá tem construído uma estrutura burocrática que, que cria problemas para a militância e acho que ainda é diferente da organização sindical. E2

Pra começar, eu parto aqui de um ponto, só pra deixar bem claro assim, do que é a UNE e do que se tem feito com ela. A UNE é a entidade nacional de representação dos estudantes, nesse sentido ela é respeitada pela nossa executiva e é reconhecida pela nossa executiva enquanto entidade representativa. Agora o que se tem feito dentro dela, práticas sectárias, despolitizantes, autoritárias de certa forma, dada a construção, é o que tá errado, então a gente tem um certo problema na nossa relação com essa direção da UNE que tá colocada aí há muito tempo, sei lá, há 16 anos ou mais... a gente tem o problema com relação à direção e a forma como as coisas são encaminhadas nessa direção. E4

(...) ela (executiva) reconhece a UNE como representação máxima dos estudantes. É, mas também reconhece que essa entidade está cheia de problemas, como sua crise de legitimidade, de representatividade, sua falta de unidade. E13

Eu acho que, no final das contas, o fim... os fins são justamente esses... democratizar a União Nacional dos Estudantes, fazer com que ela cumpra seu papel, fazer com que ela não, não seja dirigida por uma força política somente.... fazer com que ela seja legítima na base, fazer com que ela seja, de fato, representativa, que ela, que ela represente a diversidade de opiniões que tem no, no movimento estudantil... E14

A executiva nacional reconhece a UNE como entidade, porém ela não reconhece hoje a coordenação que tá à frente da UNE... E11

(...) a [executiva], ela se colocou muito como alternativa, à organização, à forma de organização que o movimento geral se coloca, realmente os nossos fóruns são muito diferentes do que são os fóruns da UNE, a gente não tem disputa de tese, a gente não, ninguém é impedido de se organizar em grupo, e de levar as idéias da sua tese, do seu grupo político, do seu campo político

pra dentro da [executiva], sem dúvida nenhuma, todo mundo tem direito de se organizar, agora, por exemplo, a gente não privilegia espaços nos nossos encontros, em que você veja só a apresentação das teses, mas fundamentalmente a gente privilegia espaços de debate, que pra mim são espaços onde a galera das teses foge! Porque a idéia não é discutir, debater e chegar num ponto, em algum tipo de consenso ou sabe...pra galera que tem uma lógica de teses e que disputa o movimento estudantil por força, a lógica é essa, você vem pra um espaço onde você junta, faz as plenárias do seu campo, na verdade você já trabalha com aquelas pessoas há um tempo antes, você deu todo o material da sua tese, mas não deu das outras, e aí a galera chega aqui com a coisa da torcida, tá vestindo aquela camisa, e vem, e não tá disposto a ouvir o que o outro tem pra falar, e chegar a um consenso, a convergência fica no capão da força que vão lá, se juntam nas noites, fecham os acordos e fecham as propostas na comissão de sistematização, apresentam e ó: “a nossa é tal, tal e tal e cada um vota assim”. A [executiva] funciona completamente diferente disso!... E7

Porque você vê a UJS do PC do B, é visível assim que eles querem base, mas eles não querem base pra ter discussão e pra levar discussão pra onde deve ser levada, eles querem base pra ter poder, pra se manter no poder e deixar a UNE do jeito que eles querem, daquele jeito lá e tá bom, pelega do jeito que tá. E1

(...) com relação à UNE a gente sabe que a estrutura é diferente, porque ela é viciada, acho que tem problemas maiores assim, que não se restringem simplesmente a um grupo organizado que pretende pautar seus ideais na entidade. E12

Mas é eu acho que a gente não vive em águas tranqüilas na relação com a UNE. É hoje né, existe aí como uma alternativa construída, COMLUTE, é a gente não constrói a COMLUTE. Não só porque o PSTU está lá, mas a forma como foi construída, esse tipo de coisa. Mas tenho achado que a gente precisa, precisa conseguir pensar como, como se organizar dentro desse espaço, dessa conjuntura. É uma alternativa que se tem construído agora é, é a frente de oposição de esquerda da UNE. Então alguns grupos que hoje se colocam como oposição a direção majoritária da UNE, se reúne nessa frente, organizam, se organizam durante o ano aí e participam de seus Fóruns. (...) essa frente de oposição ela, a idéia é que ela não seja só burocrática, participe só do CONEB e para o CONUNE, do CONUNE para o CONEB. Mas que realmente coloque, levante as bandeiras que hoje a gente imagina que a direção majoritária não levanta. E2

Mas a UNE para mim ela já se descolou. Eu não sou a favor, tem um movimento que nega a UNE agora como representante dos estudantes, não compartilho disso, pelo menos por enquanto não é minha visão. Acho que a gente tem que lutar mesmo pela mudança, pela renovação, pela refundação da UNE, alguma coisa assim. Mas para mim existe um descolamento. E9

Fragmentação do movimento

O movimento tá totalmente fragmentado, a estrutura política, as condições políticas que o país viveu de dez, quinze anos pra cá não favoreceu o movimento estudantil em nenhum momento, com a abertura indiscriminada de faculdades particulares... (...) Eu acho que a UNE e as executivas de curso elas mantêm um distanciamento forte. A UNE a gente vê ligada, eu percebi pelo menos a UNE muito relacionada às questões mais gerais, envolvendo políticas mais gerais, mais intersetoriais, e as políticas de setor mesmo de área, elas ficam mais com as executivas e assim, eu acho que não rola da parte da UNE, não sei se é a palavra certa que eu vou usar, intersectorializar as políticas, as discussões que tão rolando lá dentro, sabe, você tirar uma discussão da saúde, tirar as discussões da humanas e fazer uma discussão num caráter mais holístico, mais olhando pro todo assim e não só pontualmente, por parte da UNE tem uma discussão mais geral e por parte das executivas uma discussão mais pontual, assim de área mesmo e eu acho que a UNE deveria ter um papel de aglutinação e eu não observo isso de aglutinar as discussões dos diversos segmentos do movimento assim, fica uma discussão muito centrada no... sei que não há uma articulação entre as executivas, as discussões que rolam ali dentro das executivas com as discussões da UNE, difícil lembrar da UNE você observar alguma discussão relacionada a algum curso, ao papel social de algum curso dentro da UNE e etc. Acho que é isso... E1

(...) porque hoje tem um problema bem claro.... que na rede do movimento estudantil, acho que ainda não, não ficou muito claro o papel que as executivas cumprem... porque, a nível nacional, o que se tem organizado é a UNE, como entidade máxima... a nível estadual, a UEE, a nível local, o DCE e os DA's... agora, a relação que se tem entre os DA's, o DCE's, a UEE e a UNE... a relação que se tem entre os DA's e as Executivas... são diferentes...e... não se tem um ciclo fechado da relação entre o DA, a executiva, que é organizada a nível nacional, e como essa Executiva se relaciona com a UNE. Essa vertente de relação entre

a rede do movimento estudantil ainda tá um pouco... desorganizada, dissipada, sem esclarecimento. E14

(...) eu vejo uma relação distante assim. (...) o regional de São Paulo não reconhece a UNE. E10

(...) a gente não teria essa relação mais de construção...E3

Hoje você sabe que as Executivas de curso ao longo dos anos 90, elas conseguiram uma aproximação muito maior com a base do que a própria União Nacional dos Estudantes, à medida que as Executivas iam se aproximando a UNE ia se distanciando. E6

(...) eu acho que o movimento de área se descaracteriza quando tem a mesma pauta que o movimento geral. Se o movimento de área tem a mesma pauta do movimento geral, então acho que a gente não precisa ter movimento de área, vamos fortalecer o movimento geral, que eu acho mais importante. Mas eu acho que o movimento de área, ele tem a sua importância, né, eu acho que ele nasce de alguma demanda e acho q essa demanda, acredito eu, que não tenha sido apenas de caracterizar um espaço de oposição à UNE... (...) eu acredito que as executivas elas tem um caráter pra além de ser um espaço de disputa com o movimento estudantil geral ou uma tentativa de organizar uma disputa no movimento geral, ou acho que muitos ou algumas pessoas até vêem as executivas enquanto alternativa ao movimento geral organizado pela UNE, e a maneira como eu vejo a relação: eu acho que as executivas tinham que trabalhar junto com a UNE, né, mais eu vejo que as executivas hoje se caracterizam um pouco enquanto oposição à UNE, assim, o que eu acho saudável que ocorra assim, acho importante porque hoje, pelo fato da gente ter uma direção da executiva da UNE amplamente, a gente tem um, o que a gente pode chamar um campo majoritário na UNE que se estenda de uma maneira muito intensa dentro do quadro de diretores, a gente tem poucos diretores de oposição à UNE, acho importante a gente ter um instrumento que construa essa oposição, né... E8

Então, tem um certo descolamento, né do que a UNE faz e do que as executivas estão fazendo. Para mim as bandeiras e a luta das executivas no movimento de área é o que dá mais, pelo menos agora, tem dado mais, tem estado mais perto do cotidiano dos estudantes, a UNE se distanciou disso. E9

Fórum de executivas de curso como embate à direção “partidarizada” da UNE

Bom, na época que eu entrei no movimento estudantil para mim era quase ensinado que você, a gente fazia movimento de área meio que organizando uma frente contra a direção majoritária da UNE, alguma coisa assim. Então o Fórum de Executivas ele era muito isso, servia para, para fazer esse embate à direção majoritária da UNE. É o que eu acho que mudou bastante com, com a eleição do Lula, e depois da eleição do Lula acho que uma parte, uma parte que ainda militava em torno do PT, ou filiados ao PT uma parte chamada a esquerda petista, uma parte rachou, uma parte continuou lá e isso fez bastante diferença para o movimento estudantil. Então, hoje você tem uma parte é principalmente nesse ano de eleição, se tem uma parte que acaba se adesivando mais fortemente ao lado de defesa do governo, uma parte acaba se adesivando a um outro lado. Em ano de eleição você não tem muito meio termo assim, e daí tipo essa, essa condição, acaba criando algumas posições. Acho que todas, todas bandeiras, todas relações acabam se pautando um pouco por isso. E2

A gente tem, por exemplo, um fórum de executivas que é chamado pra deliberar sobre coisas da UNE e tal, que tem uma certa organicidade de construção mas que também não é respeitado enquanto fórum deliberativo assim, é muito doido, ele parece ser um espaço meio que consultivo pra UNE, a gente constrói coisas dentro do fórum de executivas e essas coisas podem simplesmente não serem respeitadas ou minimamente avaliadas dentro da UNE ou dentro das construções da UNE. (...) eu acho que a relação que tá colocada é ruim, é uma relação bem dificultada muito por esse desrespeito ao fórum que se constrói pra articulação das executivas, de construção das executivas com a UNE, saber que minimamente as executivas deveriam ser respeitadas assim, existem várias deliberações do fórum que não são respeitadas, a ver dentro do CONEB, como foram tratadas as questões do fórum de executivas, não existe um espaço, ou se existe, um espaço meio estranho de articulação do fórum com os estudantes, os espaços de debate também que poderiam ser outros espaços de articulação das entidades com os estudantes são extremamente desprivilegiados... E4

A gente tem uma deliberação clara de que o fórum de executivas é uma estratégia importante, acho é um importante, inclusive, porque no nosso movimento (...) a gente tem a deliberação de se aproximar de outras executivas, principalmente as que levem pautas semelhantes as nossas, então, por exemplo, a gente

consegue fazer uma articulação importante com [executivas de curso] mesmo, então a gente participa do fórum de executivas, inclusive como estratégia de se aproximar de outras executivas. O que entendo com relação ao Fórum de Executivas e a UNE é que este foi criado em contraposição à mesma pelo entendimento de algumas Executivas de que a UNE não cumpre seu papel de articuladora do movimento nacional e é um pouco nisso que a [a nossa executiva] também aposta. Sei que há algumas executivas que reivindicam a UNE como entidade geral e legítima e tem deliberação de disputá-la e disputar suas concepções. Vem um pouco disso a última campanha, sobre o CONEB, tirada do FENEX e que teve como mote o tema “Vamos ocupar a UNE”, as Executivas e Federações de Curso decidiram que se a UNE não toca pautas que acham importante, que pautariam isso dentro UNE. E12

E a relação do conjunto das Executivas com a UNE, muitas eu considero da mesma forma, outras a gente pode observar o afastamento da União Nacional dos Estudantes, seu rompimento com a União Nacional dos Estudantes. O que a gente acha um pouquinho, pouco grave para o conjunto do movimento estudantil. Daí o Fórum de Executivas, o Fórum de Executivas é um, considero um instrumento importante para o movimento estudantil, pois ele é que deveria ser pelo menos, apesar de sua forma de organização ainda ser um pouco precária, sua metodologia. Mas é um instrumento importante para organizar as lutas reais para o movimento estudantil. E13

Então é nesse sentido o Fórum de Executivas é um Fórum que nós da Executiva valorizamos bastante, que a gente entende que dali pode sair lutas reais e efetivas para o movimento estudantil como um todo. Acho que a relação entre o Fórum de Executivas e a UNE hoje, como está colocado hoje é mesmo nesse sentido de fazer essa disputa, de trazer os estudantes para uma leitura de base, para uma leitura de movimento de luta mesmo assim, né. Trazer as reivindicações da base para mais próximo da UNE, então acho que o Fórum de Executiva ele tem, ele tem, hoje ele se configura com esse papel com relação a UNE, né, frente a UNE. E6

Dentro do fórum de executivas acho que ficou muito particularizado pra quem realmente é filiado, pra quem tem tendência porque muitas vezes [o nosso curso] não esteve presente no fórum de executivas porque não se identificava e não reconhecia como espaço legítimo, por exemplo, de ter aproximação com outros cursos, e até mesmo a questão de discutir a educação em nível nacional. E11

(...) o fórum de executivas se materializa enquanto um espaço de articulação de um movimento, em primeiro lugar, um movimento que se caracteriza apartidário, ou, né, entre aspas apartidário, né, porque pra dentro do movimento de executivas a gente tem uma participação muito grande de pessoas que não estão organizadas em campos políticos, ou até mesmo em partidos políticos... (...) eu acho que pode ser o fórum de executivas, eu acho que o fórum de executivas não pode se materializar enquanto espaço alternativo à UNE, mas eu acho importante que ele tenha esse caráter mais crítico e de oposição, eu acho isso interessante, né, não acho que talvez chegue o momento que a gente não tenha esse caráter no fórum de executivas, mas eu acho isso, assim, acho que o fórum de executivas ele pode se caracterizar espaço de construção de uma participação dentro de um movimento geral, acho que ele pode articular isso, uma participação no movimento geral, acho que ele não pode caracterizar uma alternativa à UNE, mas acho que ele pode participar da organização da UNE assim, disputar, seja disputando ou seja apoiando a política da UNE. E8

(...) que o fórum tem o papel de representar os estudantes das executivas que estão lá, representar, é mais um espaço de articulação, de unificar algumas bandeiras, algumas lutas, eu acho que é um espaço importante, com exceção de uma ou outra executiva, todas elas, sendo oposição ou defendendo a atual direção da UNE reconhecem a UNE, participam dos fóruns da UNE, que eu acho que isso que é mais importante, não tem um..., eu só discordaria do fórum se ele tivesse um papel de querer se contrapor à UNE no sentido de representar os estudantes, mas isso nunca foi objetivo e enquanto não for a gente reconhece e acha um espaço de articulação política importante. E15

Para recompor o movimento: perspectiva de estabelecer uma relação positiva entre UNE e executivas de curso

Eu acho que essa relação pode ser extremamente salutar... e vai depender da postura de ambas as partes. Desde, desde que eu assumi a Diretoria, eh... a nossa principal proposta era fazer com que a Diretoria não fosse descolada das Executivas e fazer com que a Diretoria fosse um porta de entrada pro movimento estudantil da Saúde, na União Nacional dos Estudantes. Ainda não se tem consolidado de que forma vai se dar essa relação, né, mais organicamente... tanto que as Executivas de curso vêm há um bom tempo se organizando através do Fórum de Executivas, eh... em alguns momentos, eh, o Fórum até se colocou como

alternativa às, às lutas que a UNE não organizava... o que tá extremamente correto, Que é organizar um Seminário de Saúde da UNE, que seja dirigido pelas Executivas, né, tendo a Diretoria como um canal de diálogo, como, vamos dizer assim, um centro condutor, ou alguma coisa do gênero... mas que as Executivas sejam protagonistas, porque é quem tem capacidade, é quem tem acúmulo, é quem tem profundidade no debate, pra dizer o que que o movimento estudantil pensa sobre a saúde... e de que forma a UNE deve se inserir nesse sentido. Agora, nos sempre deixamos claro, desde o início da organização da, da, da Diretoria de Biomédicas e na nossa relação com as Executivas... que as Executivas vão ser protagonistas nesse processo e isso é um ótimo pontapé inicial, é um ótimo momento pra fazer com que a UNE seja democratizada... E14

(...) e a relação com a UNE, depende de executiva pra executiva, lógico que tem períodos de mais unidade e outros períodos de mais conflitos, depende muito das bandeiras que as executivas aprovam em relação à bandeira que a UNE tá tocando, então, por exemplo, no período do provão, apesar de todas as discordâncias, tinha uma bandeira mais em comum... E15

O movimento estudantil impulsionado pela demanda do projeto VER SUS⁸

E atualmente não existe executiva... terminou por falta de base mesmo, a executiva de biomedicina surgiu por causa do VER-SUS, então ela foi uma executiva que viveu em função do VER-SUS, se articulava somente para VER-SUS, e o lance da conquista da base, de ter base para sustentar a executiva não tinha, então não dava, era só o nível maior assim da militância, os níveis de base não tinha, então não se sustentou por causa disso. A executiva começou na época do VER-SUS em 2003 e acabou no começo de 2005, foi uma executiva que viveu simplesmente

⁸ "Uma das estratégias que integram a Política de Educação para o SUS é o Projeto de Vivências e Estágios na Realidade do SUS – **VER-SUS/Brasil**. O Projeto, construído em parceria entre o Ministério da Saúde e o Movimento Estudantil dessa área, tem como principal objetivo proporcionar aos estudantes a vivência e a experimentação da realidade do SUS. A meta é contribuir para a formação de profissionais críticos e sensíveis às necessidades da população brasileira e do fortalecimento do SUS. Além disso, com o VER-SUS/Brasil, espera-se a criação de novas relações de compromisso e de cooperação entre estudantes, gestores da saúde, instituições de ensino superior e movimentos sociais, para efetivar a integralidade em saúde e a educação significativa de profissionais. Durante o VER-SUS, os protagonistas têm a oportunidade de vivenciar conquistas e desafios inerentes a um sistema amplo e complexo como o SUS. Podem, também, aprofundar a discussão sobre o trabalho em equipe, a gestão, a atenção, a educação e o controle social no Sistema, configurado em distintas formas de operar nas diversas regiões do Brasil". (Ver-SUS Brasil: caderno de textos. (299 p.: il. color, 1ª edição/2004), disponível em www.saude.gov.br)

para o VER-SUS, as nossas discussões sobre o curso mesmo a gente não consegui aprofundar, a gente vivia sobre as demandas do VER-SUS e foi até legal, sabe, porque conseguiu organizar de certa forma um grupo de estudantes da biomedicina que era muito desorganizado, mas não teve continuidade, o VER-SUS tomou conta das nossas vidas e a gente só vivia em função disso...E1

Oficialmente a executiva existe há dois anos, a pré-executiva durou um ano, a pré-executiva, mas esse movimento de tentar se organizar vêm de, mais ou menos, cinco anos atrás, onde foram acontecendo os primeiros encontros nacionais onde as pessoas foram se conhecendo, principalmente pelo VER-SUS, pelo APRENDER-SUS e pelo VER-SUS, então eles se encontravam, (...) principalmente porque [curso] é um curso que as pessoas não conhecem, acho que [o próprio curso] se coloca num lugar meio aleijado dentro da saúde, as pessoas iam se conhecendo, começaram a ter idéia de fazer encontro nacional, então esse movimento de ter uma organização vem mais ou menos há cinco anos, mas oficialmente enquanto executiva há dois anos. E12

(...) eu comecei por um grupo de discussão em saúde, que a gente tinha lá em Floripa, que era o “saúde em Floripa”, que era um grupo muito... um grupo que tinha um ano já quando eu entrei, ele foi meio que potencializado pela demanda do projeto VER-SUS, por uma demanda de construção do projeto VER-SUS, eu digo que ele foi “meio” que potencializado porque era um grupo que já existia, mas quando se apresentou uma demanda específica, acabou que o grupo cresceu muito, várias pessoas se aglutinaram pela questão do projeto VER-SUS, e tal, e bom, a gente ficou um ano no grupo e, só pra falar um pouquinho mais do grupo, pra não deixar isso solto, quando, e porque que eu também falo que o grupo se organizou muito pela demanda do projeto, uma demanda específica, que um momento a gente decidiu não mais dar conta dessa demanda, do projeto VER-SUS, e o grupo se desarticulou bastante assim, e hoje o grupo nem existe mais, mas enfim... Então começando pela questão do movimento mais geral de saúde, começando no projeto VER-SUS, acabou que eu tive um contato com a executiva, com pessoas da executiva, e aí eu ainda não fazia parte da gestão do centro acadêmico aquela época, e acabei que me senti bem estimulado pelo debate, pela necessidade que todo mundo colocava de construir o movimento no centro acadêmico assim...E4

6.3.5 Concepções de saúde

Nota-se que, apesar de haver um empenho do movimento em discutir e participar de práticas referidas às políticas públicas de saúde, conforme visto anteriormente, as concepções de saúde parecem estar sendo pouco criticadas, uma vez que se tende a reproduzir a concepção de saúde da saúde pública, fundamentada em categorias funcionalistas da saúde-doença que propõe como intervenção a responsabilização do indivíduo pela sua saúde.

A ênfase das lideranças estudantis na multicausalidade foi representada notadamente por fatores relacionados à esfera do consumo, o que os levou a propor o acesso a serviços de saúde como forma de se ter saúde. Sobressaem também concepções que se aproximam do pensamento hegemônico “pós-moderno” centradas no indivíduo, na subjetividade e de caráter idealista. Dessa forma as propostas para se ter uma vida saudável relacionaram-se a mudanças de comportamento e aquisição de hábitos saudáveis. Poucos estudantes consideraram nas suas formulações, de maneira organizada, a categoria da reprodução social na determinação do processo saúde-doença.

6.3.5.1 Concepção multicausal

Ter saúde depende de vários fatores relacionados ao momento do consumo

(...) é o total conjunto de fatores que fazem você viver, né. Você tem que ter direito a comer, você tem que ter direito a ter um local adequado para morar, tem que ter lazer, tem que ter esporte e tem que ter educação. Essa é uma visão de saúde como um todo. E13

(...) é fácil a gente falar da definição da saúde da OMS, e a definição da reforma sanitária, de que você tem que ter boas

condições de moradia, alimentação, escola, lazer...mas se eu tivesse que colocar uma condição única assim, pra você ter saúde, realmente eu não conseguiria, é multifatorial...E7

Tem vários fatores, tem questões ligadas a...(pausa) questões ligadas a você ter hábitos saudáveis, a você ter uma vida equilibrada, conseguir casar diversas questões do seu cotidiano, nunca se desequilibrar, nunca concentrar toda sua energia numa coisa só, além dessas questões você ter, por exemplo, algum tipo de atividade esportiva durante a semana, isso é importante, você ter espaço pra cuidar da sua vida pessoal, ir ao cinema, teatro, espaço pra ler, além disso, ter uma vida mais equilibrada, tem os fatores psicológicos, que também são muitos... E15

(...) é uma complexidade de fatores mesmo assim...tem que passar por fatores biopsicossociais, econômicos...E12

(...) a saúde enquanto consequência não apenas de um processo biológico, mas de um processo educacional, um processo político, econômico, social, cultural...E8

(...) ter acesso a coisas básicas assim: saneamento básico, saúde, educação, tudo isso assim que vai promovendo a saúde das pessoas, e acesso também à parte curativa, de reabilitação,...E5

Acho que é um conjunto de coisas, né de autonomia, né. Autonomia para mim é importante para ter saúde. Autonomia sobre minhas funções fisiológicas, autonomia né para não ter que perguntar para o outro o que eu devo falar, mas para conseguir me informar ou participar de um grupo e tomar decisões. Acho que não sei se só isso contempla, né. Aí a gente vai entrar na questão do serviço de saúde que é necessário... (...) Então, para mim, é por isso que para mim são várias coisas importantes para ter saúde. Então, né tem gente que vai falar educação, e não sei o que, mais acesso a bens e serviços, mais acho que para mim o que tem ficado agora assim, né. Mais forte mesmo é a questão da autonomia mesmo, que isso para mim é importante, né.E9

O trabalho como mais um fator para se ter saúde

Precisa de uma boa moradia, precisa de emprego, precisa de boas condições de vida mesmo, (...) é todo um conjunto de fatores que faz com que você tenha saúde. E3

Você ter um mínimo de alimentação, você ter um mínimo de, de coisa pra fazer...é isso mesmo, coisa pra fazer...seja trabalho, seja lazer, o mínimo de ocupação e...de fato as condições mínimas de se sobreviver, isso é sobreviver. Agora, pra uma pessoa ter saúde, de fato, é o bem estar físico, é o bem estar mental, é o bem estar social, é a qualidade de vida como um todo... E14

Ter saúde é ter acesso aos serviços de saúde e SUS

(...) tem que ter acesso aos cuidados de saúde,.... E5

(...) a saúde preventiva, defendo o SUS nesse sentido, sabe, uma discussão voltada pros conceitos do SUS, reforçar os princípios do SUS, ... E1

(...) implementar o que realmente é o SUS...E só passará a ter essa saúde plena na sociedade com implementação do SUS. E13

(...) lógico ter acesso a saúde pública, médicos, porque não basta isso se você não tem acesso à saúde, então esse é meu ponto de vista bem pessoal. E15

6.3.5.2 Concepção de saúde sob a égide da consciência “pós –moderna”

Ter saúde depende do indivíduo

(...) ter saúde é você poder correr atrás, poder lutar pelo que você acredita, sabe, isso é saúde... E7

(...) ter saúde é você achar possibilidades para as adversidades assim... é você sempre acreditar que tem uma possibilidade, você vislumbra possibilidades na sua vida, nunca você está fechado. ...coisas que te potencializem, né, para a vida. Acho que é potencia de vida. E10

Disposição, viu, acho que a partir do momento que você está disposta, acho que de bem com a vida, acho que se consegue ter uma boa saúde, uma qualidade de vida, acho que tem que fazer também as coisas que você goste, acho que se dedicar ao máximo ao que você faz, que eu acho que a partir disso você consegue ter uma boa saúde assim, não só naquilo que você faz mas acho que no geral, na sua vida, seus amigos, a onde você tá, se relacionar com as pessoas... E11

(...) então eu acho que o segredo de você ter uma vida saudável é você ter bastante equilíbrio assim, conseguir construir a sua vida se dedicando ao que você acha importante, sem desequilibrar, acho que isso talvez seja... E15

Mais forte mesmo é a questão da autonomia mesmo, que isso para mim é importante, né. A saúde não é esse estado imutável, né. Eu tenho autonomia, eu tenho autonomia para entender os meus movimentos, o movimento do mundo, o movimento da vida, os movimentos do meu próprio corpo. E poder fazer escolhas, sem ter uma prescrição de escove seus dentes três vezes ao dia, é faça isso, não faça aquilo, não coma doces, coma frutas. Se eu tenho autonomia, se eu conheço é as coisas, se eu tenho informação, se eu consigo compreender essas pessoas,... E9

Ter saúde é ter liberdade, amor, fraternidade, felicidade: categorias subjetivas e idealizadas

É ter uma vida boa mesmo, quer dizer, uma vida livre...é preciso pra ter saúde: ter liberdade, é preciso ter dignidade, é preciso ter igualdade, é preciso ter trabalho, na medida em que se queira trabalhar, é preciso ter amor, não só entre duas pessoas enfim, de companheiro, mas é preciso ter amor entre todas as pessoas, é preciso que as pessoas sejam fraternas umas com as outras pra que se tenha saúde...é toda uma complexidade tão absurda que eu tenho uma séria dificuldade de sistematizar...me fixo na questão do amor mesmo, e da fraternidade assim...E4

(...) você pode ter uma leitura poética: pra ter saúde é preciso ser feliz e pra ser feliz você precisa estar bem com você, estar bem com o outro, de se entender, de entender o outro, falta paz... é possível todo mundo ser feliz? E7

(...) ele de fato não vai estar feliz, ele de fato não vai estar com qualidade de vida, ele vai estar estressado, ele vai estar injuriado com alguma coisa, ele vai faltar com saúde. Então, pra ter saúde, precisa estar feliz... você tanto feliz, por mais que você tenha um pouco de debilidade nutricional... Agora, a busca da felicidade, o ser humano tem feito desde que nasceu... E14

6.3.5.3 Concepção de saúde-doença como processo social: uma aproximação

Ter saúde é romper com o capitalismo

Trabalho, né, não entenda trabalho como emprego, trabalho mesmo assim, que a classe trabalhadora assuma de fato as rédeas do mundo, da sociedade que ela constrói, né. Acho que sem isso não tem condições de ter? saúde. Enquanto os trabalhadores não tiverem no poder, enquanto os trabalhadores não tiverem organizando a sociedade que eles constroem de fato... Só vai ter saúde plena, porque saúde é plena, não existe saúde pela metade, quando a gente conseguir revolucionar mesmo, revolução no sentido de ruptura com o capitalismo, com o capital. E6

Ter saúde é estar livre de todas as formas de opressão

(...) então ter saúde talvez seja estar livre de todas as formas de opressão, ter saúde é você ter consciência de que essa opressão existe, porque eu acho que a maior parte das pessoas se nega a perceber que existe opressão, se nega a perceber que existe exploração de um indivíduo pelo outro, e aí, bem por um conceito de saúde socialista... pra ter saúde a gente precisa de uma sociedade diferente, a gente não vai ter saúde numa sociedade organizada da forma como tá, nas possibilidades que existem de exploração de um ser humano por outro ser humano, isso com certeza não permite que a gente tenha saúde. E7

(...) a gente tem mesmo que romper com toda uma organização da sociedade, que como eu já falei algumas vezes nessa entrevista, trazem a necessidade de um oprimir o outro, trazem a necessidade de um crescer em detrimento do outro, eu não sei, acho que é preciso mesmo mudar o mundo todo para que se tenha saúde, é preciso que não exista mais o explorador e o explorado,... E4

(...) é você ter liberdade pra usufruir as coisas que a vida tem a oferecer... e muitas vezes a sociedade impõe certas (...)

obrigações, ou certas obrigações, ou certas opressões que tiram a nossa liberdade. (...) mas se a sociedade continuar impondo uma opressão a esse indivíduo, ele de fato não vai estar feliz. (...) porque enquanto se mantiver relações de opressão, não vamos ter condições de ter saúde plena pra população.

Quando a gente pega pra discutir, a gente pode fazer um gancho muito interessante com a estrutura da sociedade e pode acabar mesmo no socialismo, olha... só com o socialismo... quando tiver numa sociedade sem classes, quando tiver uma sociedade sem opressão... quando as relações (...) sociais e as relações humanas se derem de forma horizontal... quando não existir mais a detenção dos meios de produção, o acúmulo do, do, do capital como forma de opressão... só a partir disso é que nós vamos ter saúde. Então... saúde plena nós só vamos conseguir construir a partir do socialismo (...) isso eu tenho clareza. (...) o SUS só vai dar certo depois que tiver a revolução socialista. (...) a grande dificuldade dele é ser implementado dentro dos marcos neoliberais, dentro dos marcos do capitalismo, por isso ele não consegue se efetivar de forma plena. E14

Então a saúde não é mais só agora o biológico, não é só o individual, agora ela é tudo isso. Ela é social, ela é a educação, ela é não sei o quê. Então você tem, acho que a saúde ela não é só uma linha reta, fraterna que a gente vai acumulando educação, é transporte, esporte e mais um monte de elementos assim, e a gente chega na saúde. Até pode parecer um pouco isso a partir daquele conceito de Ottawa, o conceito ampliado assim. (...) acho que a saúde ela, ela dentro da sociedade capitalista ela é, e daí usando esse conceito, ela é a capacidade que a gente tem para resistir ao que o sistema capitalista nos impõe. Acho que eu ter condições para enfrentar, por exemplo, alguns modelos de privatização da universidade. Acho que eu conseguir não só sobreviver, tipo tem uma estrutura básica de sobrevivência, de lugar para morar, lugar para estudar, para comer esse tipo de coisa. É, mas acho que tipo uma de condição de poder resistir, poder lutar contra isso. E2

7 Discussão

7.1 A amostra dos estudantes participantes do CONEB e entrevistados

7.1.1 Os estudantes vinculados ao movimento estudantil a partir da amostra estudada: homens, jovens brancos, solteiros, naturais do eixo sul-sudeste

No Brasil predomina o sexo feminino - 50,8% - e as mulheres representavam 54,3% das pessoas que haviam concluído a universidade, segundo censo do IBGE em 2000, não correspondendo, portanto, à participação das mulheres na amostra do movimento estudantil que era de 43%.

Considerando-se que a amostra estudada apresenta um desvio, em função da expressiva representação de estudantes de enfermagem (9,8%), seria de se esperar maior frequência de estudantes do sexo feminino.

Nesse sentido, Mesquita (2005) aponta que

a temática de gênero também começa a se fortalecer dentro do movimento estudantil como mais um espaço de socialização, formação e atuação política. (...) histórico no interior do movimento, pelo menos desde a década de 80, as estudantes tentam pautar uma campanha de visibilidade e participação das mulheres nos espaços internos das entidades estudantis. Com uma grande expressão dentro das universidades e do próprio movimento, as estudantes ainda são minoria nos espaços políticos de representação dentro das entidades. Neste sentido, este coletivo vem exigindo um maior espaço político dentro do movimento e reivindicam como um dos pontos de luta a retomada e garantia de 30% de representatividade nas direções das entidades. Além disso, reclamam um debate mais amplo da questão de gênero nos fóruns institucionais do movimento para ampliar a consciência da relevância do papel das mulheres no campo político.

Porém, apesar da importância da organização deste coletivo, as dificuldades de uma articulação em rede mais efetiva e a implementação de uma política de gênero no interior do movimento ainda são muito grandes. O frágil nível de institucionalização, a falta de apoio por parte das entidades, a ainda existência de práticas machistas, o fluxo/refluxo da criação destes coletivos e das discussões de gênero, dificultam a criação

de uma consciência maior entre os estudantes e a formação de uma força que garanta na prática uma luta pela participação mais efetiva das mulheres nas instâncias do movimento.

Os estudantes do movimento estudantil, pelo menos nesta amostra, encontram-se numa faixa etária mais jovem que a dos estudantes universitários em geral. Apenas 26,5% tem mais de 24 anos.

Dados da PNAD/IBGE e do INEP revelam que temos hoje 9% da população na faixa etária de 18 a 24 anos na educação superior (40% dos estudantes universitários brasileiros têm mais de 24 anos, em função da crônica distorção série/idade), faixa normalmente utilizada nas comparações internacionais (Araújo, Ristoff, 2003).

E num Brasil em que os descendentes de africanos somam 45,3% segundo IBGE/2000 e 51,6%, segundo PNAD/2005, o número de pardos e negros entre os estudantes do movimento estudantil foi menor (40,7%). Se comparados aos dados da PNAD/2005 em que apenas 20,1% dos pardos e negros da população brasileira alcançava 15 anos ou mais de escolaridade, correspondente à educação superior, podemos observar que um número importante de estudantes pardos e negros participava do movimento estudantil (Schwartzman, 2006).

Não fosse pela presença extemporânea do Ceará e a ausência do Espírito Santo no ranking de procedência – os estudantes fazem parte da Região Concentrada, assim denominada por Milton Santos e Maria Laura Silveira (2001), que abrange SP, RJ, MG, ES, PR, SC e RGS, que *caracteriza-se pela implantação mais consolidada dos dados da ciência, da técnica e da informação*. A maior concentração de pessoas nessa região é consequência da importante urbanização e do consumo, com ampliação das atividades do terceiro setor e serviços nas últimas décadas.

Nessa direção, quanto às características demográficas, a amostra estudada mostra que a composição da população estudantil universitária ligada ao ME parece sofrer a mediação de três categorias: gênero, etnia e grau de desenvolvimento territorial.

7.1.2 A situação de trabalho dos pais, renda familiar, posse de moradia familiar, fontes de renda e gastos pessoais: prevalecendo condições de existência relativamente estáveis

Analisadas as condições materiais de existência, observa-se que os estudantes que participaram deste estudo pertenciam a famílias que possuíam vínculos de trabalho formais, sendo quase a metade dos pais e mães assalariados com carteira assinada ou aposentados, cuja renda mensal mostrava-se polarizada entre aqueles cujo ingresso era inferior a 7SM (50,3%) e aqueles cujo ingresso era superior a 7 SM (43,3%), frequência expressiva possuindo casa própria.

Se comparada à renda familiar dos jovens que participaram da pesquisa nacional *Perfil da Juventude Brasileira* realizada com jovens de 15 a 24 anos de todo o Brasil em 2003, em que 73% dos jovens provinham de famílias com renda menor que cinco salários mínimos, observamos que os jovens que participavam do movimento estudantil provinham de famílias com renda superior a média nacional (Abramo e Branco, 2005).

Os gastos mensais do estudante, por sua vez, ficava prevalentemente na faixa entre 1 e 4 SM, grande parte ainda dependendo da família exclusivamente para sua manutenção.

7.1.3 Condições gerais de moradia: bem acomodados e próximos da família

Quanto às condições de moradia, prevaleciam por larga margem aqueles cujas famílias moravam em casa ou apartamento, em domicílios com mais de 4 cômodos, com menos de 4

moradores por domicílio, bem como era expressiva a frequência de estudantes que residiam com a família, mas cerca de 30% morava, ou, em república, ou, em moradia estudantil, ou, morava só.

A pesquisa nacional já referida mostrava que a maior parte dos jovens brasileiros morava com a família, sendo apenas 16% os que moravam sozinhos ou com outras pessoas (Abramo e Branco, 2005).

7.1.4 Perfil educacional

Prevaleciam entre os entrevistados aqueles cujos pais haviam ultrapassado os limites do ensino médio, destacando-se alguns até com especialização, mestrado ou doutorado. Estudavam predominantemente na Região Sudeste prevalecendo, pela ordem, os que estudavam em São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais. Predominavam os estudantes da área de humanas, representada majoritariamente pelos oriundos dos cursos de Ciências sociais, Pedagogia e Direito. A segunda área era a de Ciências Biológicas, representada pelos estudantes oriundos do curso de Enfermagem, seguidos pelos que cursavam Medicina e Farmácia. A área de exatas tinha uma participação menos expressiva, representada pelos estudantes oriundos dos cursos de Física e engenharia civil. Embora tenha havido uma expressiva ausência de manifestação, os resultados sugerem prevalecer o vínculo à universidade pública, a maioria cursando a faculdade no período diurno.

7.1.5 Participação política e social

Mais da metade dos estudantes refere participar de um campo político no movimento estudantil e um grande número é filiado a partidos políticos e participa de tendências

partidárias. A participação política dos estudantes pode ser considerada grande quando comparada aos dados da pesquisa nacional sobre a juventude, que apontava que apenas 4% dos jovens haviam se filiado ou participado de partido político (Abramo e Branco, 2005)

Os partidos que aglutinam maior número de estudantes filiados ou ligados à tendências partidárias foram: PT, PSOL e PCdo B.

Uma parte dos estudantes se inserem ainda em outros movimentos sociais, sendo prevalente a participação em movimentos ligados à saúde, à mulher e à terra.

Uma parcela pequena dos estudantes participa de organizações não governamentais, com prevalência de ONGs ligadas à preservação ambiental e à educação.

A questão sobre participação em outras atividades permitia mais de uma resposta e especificar ou não o tipo de atividade, portanto, muitos estudantes apenas assinalaram algumas atividades já estimuladas no formulário sem especificar, aparecendo em mais da metade das respostas participação em comunidades virtuais, em menor número lazer, religião, manifestações artísticas, associação/liga/conselho ligado à educação ou saúde, voluntariado, defesa do meio ambiente, sindicato/conselho/associação profissional, outras, em ordem decrescente em número de respostas.

Os resultados sobre participação em atividades aqui apresentados se diferenciam da pesquisa nacional com jovens brasileiros que apontava em primeiro lugar a religião (17%), em segundo lugar a participação em atividades esportivas/lazer (3%), em entidades estudantis (2%) e associação/sociedade de amigos do bairro (2%) como espaços de maior participação do jovem brasileiro. Vale a pena lembrar que a pesquisa nacional não apresentava dados sobre a participação em comunidades virtuais (Abramo e Branco, 2005)

Assim, os resultados apontam que o jovem que teve acesso à universidade e que participa do movimento estudantil possui condições favoráveis para manutenção dos estudos e participação social, evidenciando que (Foracchi, 1972:120)

A composição socioeconômica da população estudantil é reveladora do tipo de influência que a universidade exerce sobre a sociedade. Não há como negar uma definida composição de classe privilegiada, que faz da condição estudantil uma condição socialmente favorecida. A universidade é, ao mesmo tempo, uma instituição de elite e de classe. Assim sendo, pouco contribui para a democratização da sociedade, na medida que perpetua um tipo de cultura e estilo de participação social e cultural estabelecido em moldes de classe. (...) A valorização da formação universitária constitui uma meta social e política das camadas ascendentes. A situação da instituição universitária, no conjunto da sociedade, dependerá, por conseguinte e em larga medida, da intensidade das pressões que tais camadas, através do movimento estudantil, se revelarem capazes de exercer sobre o sistema de poder.

7.2 O movimento estudantil pela voz dos estudantes entrevistados

O movimento estudantil atualmente representa para as lideranças uma esperança de transformação da sociedade, um espaço onde o jovem pode fazer a crítica e formular propostas para essa transformação. Nesse contexto, o movimento seria também um espaço complementar à formação universitária, visto que, a universidade não está conseguindo formar o estudante para transformar a realidade e o jovem não encontra outros espaços para se organizar. Portanto, na opinião dos estudantes, o movimento estudantil teria esse importante papel de organização da juventude.

Desde a década de 70 Foracchi (1972:115) vem fazendo a denúncia, discutindo a falta de identificação do jovem à instituição universitária à medida que a crise da universidade reflete e reproduz a crise da sociedade:

Resulta claro à compreensão estudantil que tais limitações não são inerentes à instituição, mas traduzem o seu modo de articulação com a sociedade. A articulação da instituição universitária com a sociedade é mediada pelo seu silêncio ou sua omissão em relação aos problemas daquela. A preservação da intangibilidade institucional repousa, assim, sobre um compromisso latente, porém persistente. A natureza de tal compromisso não é, evidentemente, econômica: é cultural e política. A universidade conserva, cultiva e transmite a tradição cultural inerente à forma histórica, através da qual o sistema se mantém, o que vale dizer, preserva culturalmente um sistema de dominação.

Assim, a forma da juventude de contestar essa cultura ao ingressar na universidade seria organizar-se através do movimento estudantil, possivelmente até numa tentativa de retomar o papel da universidade, “trazê-la à vida”, concentrar forças numa instituição que ainda teria como fazer a crítica às ideologias tradicionais. (Foracchi, 1972).

Nos tempos atuais Chauí (2001) reforça as denúncias sobre a dificuldade da universidade em formar o estudante para uma efetiva transformação da sociedade à medida que a universidade tem reproduzido os valores “pós modernos” como discutido anteriormente.

Assim, uma das formas de propor alternativas à formação universitária pelo movimento estudantil se consolidou através de experiências promovidas regionalmente por estudantes dos cursos de agronomia e veterinária desde a década de 80 e posteriormente pelos cursos da saúde: os estágios de vivência. As executivas de curso da saúde através da participação em espaços do governo apresentaram propostas de projeto de formação ao ministério da saúde. Torres (2005) analisou a experiência dos estágios de vivência no SUS a partir de 2003 como uma nova estratégia de formação dos profissionais da saúde, alternativa aos processos de ensino tradicionais, discutindo as experiências de construção de estágios de vivência pelo movimento estudantil e a parceria com o ministério da saúde através do projeto VER-SUS.

A institucionalização do movimento estudantil através do projeto pôde ser encarada como positiva à organização dos estudantes ao promover o fortalecimento de executivas já

existentes e criar novas executivas de saúde, numa iniciativa verticalizada, necessária para manutenção do projeto, como apontada pelos entrevistados. Ao mesmo tempo, observou-se que algumas executivas passaram a existir apenas para a participação no projeto e não pela real necessidade de organização dos estudantes através do movimento estudantil.

Os estudantes apontaram também que o movimento estudantil precisa estar próximo de outros movimentos sociais para construir a transformação e unificar algumas lutas, pois o movimento não pensa somente em causas específicas dos estudantes, mas em causas de interesse de toda a sociedade. Assim, além de unificar lutas, o movimento pode ter o papel de divulgação, propagação das idéias de outros movimentos sociais. Nesse sentido, as opiniões dos estudantes se dividem ao classificar o movimento estudantil em movimento social e vanguarda da sociedade. Alguns acreditam que o movimento estudantil é um movimento social com causas específicas dos estudantes e causas gerais, outros já acreditam que ele apenas apóia as lutas de outros movimentos sociais, reforçando o caráter transitório do movimento. Mesquita (2006) aponta a histórica visibilidade e facilidade de interlocução do movimento estudantil com outros setores da sociedade, principalmente a partir da década de 60, analisando a relação do movimento estudantil com outros movimentos sociais como uma necessidade de unificar pautas e formular um projeto nacional que contemple vários segmentos da sociedade, unindo o saber popular ao da academia, ao mesmo tempo renovando as estratégias do próprio movimento estudantil ao absorver algumas dinâmicas e formas de intervenção de outros movimentos sociais. Reforça o caráter positivo de construção, ampliando o leque de discussões e posicionamentos do movimento estudantil.

Gohn (2004: 24-25) discute a atuação dos movimentos populares contemporâneos alertando sobre a mudança de identidades coletivas, discursos e o próprio cotidiano desses movimentos. Durante a década de 90 ampliaram e construíram *redes sociais* através da

unificação de demandas, a institucionalização propiciou a inserção dos movimentos em espaços públicos e na proposição de políticas públicas:

Isso tudo alterou o projeto político dos movimentos populares urbanos no sentido de um projeto político policlassista, um novo projeto político dos movimentos populares, que vai estar contemplando outras questões além de demandas específicas do campo das carências socioeconômicas, indo das questões do modelo de desenvolvimento do país às questões do meio ambiente e do desenvolvimento humano. Na maioria dos casos, não há uma ênfase exclusiva nas questões apenas locais, mas inclui-se outras dimensões. Em parte essas mudanças se explicam pelos efeitos do próprio modelo organizacional adotado: de se atuar em redes.

É possível que a *atuação em redes sociais*, que caracterizou o movimento popular a partir da década de 90, tenha se constituído num importante impulsionador da ampliação das pautas e discussões, que passou a envolver temas variados, e do desenvolvimento de grupos organizados no interior do movimento. No ME, essa tendência também se expressa uma vez que, além das pautas tradicionais relativas à educação e à universidade, os estudantes passaram a se dedicar às discussões sobre diversidade, cultura, saúde e trabalho. Mesquita (2006) apresenta relatos de militantes acerca da constituição de coletivos feministas e de diversidade sexual no movimento estudantil, mas aponta que apesar do fortalecimento e maior visibilidade desses grupos através de uma *rede de militantes*, principalmente a partir da década de 90, eles ainda não alcançaram um bom nível de organização. O crescimento desses grupos deu-se primeiramente no interior das executivas de curso, sendo posteriormente ligados à UNE, com a criação de diretorias, secretarias e encontros nacionais para discussão das questões feministas e de diversidade sexual.

Os resultados deste trabalho indicam que, no espaço das executivas, os temas mais discutidos não estavam concentrados nas profissões, eram amplos, o que pode significar que o

foco do movimento continuava nas pautas comuns ao conjunto dos estudantes independente da entidade a que estavam ligados.

A fragmentação do movimento em temas diversos e em executivas de cursos, e uma conseqüente sobreposição ou, algumas vezes, indefinição de papéis entre as entidades representativas (executivas e UNE) foi lamentada por uma parcela dos estudantes entrevistados.

Um dos principais pontos que parece definir a militância do estudante em determinadas entidades que organizam o movimento é a relação das entidades com os partidos políticos. Os entrevistados relataram desde práticas políticas positivas no interior do movimento – a formação política proporcionada pelos partidos aos estudantes - até práticas negativas de cooptação e sustentação de poder por parte de partidos, chegando até à aversão de alguns estudantes a essa relação.

A visão negativa da relação entre partidos políticos e movimento estudantil pode ser compreendida quando observamos o distanciamento da população em geral da política partidária e de qualquer forma de atividade política. A “pós-modernidade”, *que exprime o rearranjo das forças econômicas capitalistas de cunho neoliberal*, utiliza a estratégia de privatizar a política e encolher o espaço público (Chauí, 1992, Calipo, 2002). Assim, a política vem sendo exercida cada vez mais por políticos dos partidos políticos e cada vez menos pelos cidadãos⁹.

Possivelmente uma parcela de estudantes, mesmo de dentro do ME, reproduza essa ideologia que se manifesta através da aversão aos partidos e se aproxima de grupos que se

⁹ “**A esfera pública trás a marca de sua gênese**, qual seja, a da *pólis* e suas derivações *politikós* e *politéia*, significando a cidade-Estado com sua administração, seus negócios e instituições públicas, enfim tudo o que se refere ao conjunto dos cidadãos que vivem no mesmo território, sob as mesmas leis. A esfera pública tem sua marca dada pela deliberação de criá-la, é artificial. É a esfera dos homens livres das necessidades, e iguais, que discutem, ou seja, usam da palavra e da persuasão para decidir as coisas pertinentes à *pólis*. É a esfera da impessoalidade da aplicação da lei. O poder político está separado da autoridade religiosa, militar e familiar. É a esfera do compartilhamento e da publicidade. Politicamente ele se define como democracia direta. E, por ser um espaço aberto à participação de todos (eleger e ser eleito), cria a possibilidade de recriação da realidade social, ou seja, da historicidade. Dada a natureza da indeterminação da política, torna possível a decisão por novas leis e instituições que podem mudar ou dar nova conformação à sociedade”(Calipo, 2002: 36).

autodenominam apartidários/independentes ou mesmo das executivas de curso que abrigariam temas a princípio considerados menos políticos, relacionados à profissão ou mais próximos do cotidiano do estudante. Stedile (2006:151) afirma que

Há uma crise política também instalada no país, na sociedade brasileira. De que natureza é esta crise? Há uma crise das práticas políticas dos partidos, em especial os de esquerda – nem vou falar dos da direita porque eles não refletem nem a vontade da classe dominante. (...) e há uma crise ideológica na sociedade brasileira, não naquele sentido de utopias, mas no sentido de que as pessoas não se mobilizam mais em torno de valores, as pessoas estão lutando pela sobrevivência, e isso afeta o povo, a base, os militantes e os dirigentes. Essa crise ideológica de valores talvez seja uma das conseqüências mais graves do neoliberalismo. E isso vai para dentro dos movimentos também – o dirigente sindical não quer ser presidente para se transformar num líder de massas, ele quer ser presidente porque algum momento ele vai viver – ele pessoalmente – melhor do que sua categoria, por benesses. Isso é o antivalor: eu quero resolver o meu, e não o da minha categoria.

Foracchi (1972:117) discute a ligação do movimento estudantil aos partidos políticos na década de 70:

É notória a rebeldia do movimento estudantil ao enquadramento ideológico tradicional. É também frequentemente mencionada a dificuldade na articulação das metas estudantis com os programas partidários. As ideologias radicais existentes justapõem-se ao movimento sem vincular-se organicamente a ele. A busca de soluções políticas e ideológicas encaminha-se, no movimento estudantil segundo reformulações próprias, adaptações específicas que apenas fazem entrever alianças efêmeras. Os estudantes ambicionam encontrar, por si mesmos, o significado objetivo da sua condição na sociedade.

O movimento estudantil contemporâneo apresentou sinais de que essa relação com os partidos políticos mudou. O importante número de estudantes organizados em campos políticos, tendências partidárias ou filiados a partidos políticos como observado anteriormente, assim como os relatos dos estudantes sobre as práticas determinadas pela ideologia dos partidos que detém a maioria nas entidades do movimento, como exemplo a UNE, confirmam essa nova conformação do movimento.

As críticas feitas por praticamente a totalidade das lideranças das executivas de curso à direção de um grupo ligado ao PC do B e que está há anos à frente da UNE, denunciam as práticas dentro do movimento estudantil, o que denota uma fragmentação em dois grupos: estudantes ligados ao PC do B X estudantes apartidários ou independentes e estudantes ligados a outros partidos.

Em relação às concepções de saúde do movimento estudantil, a mais enfatizada entre as lideranças foi a multicausal, representada notadamente por fatores relacionados à esfera do consumo, o que os levou a propor o acesso a serviços de saúde como forma de se ter saúde. A concepção multicausal considera a doença como consequência de fatores biológicos e sociais, sem distinguir o peso entre esses fatores. A população é vista como uma somatória de indivíduos com suas características biológicas individuais (Laurell, 1983).

Sobressaem também concepções que se aproximam do pensamento hegemônico “pós-moderno” centradas no indivíduo, na subjetividade e de caráter idealista. Dessa forma as propostas para se ter uma vida saudável relacionaram-se a mudanças de comportamento e aquisição de hábitos saudáveis. Ortega (2004) discute o *discurso biopolítico* adotado na contemporaneidade que *substitui a pluralidade pela identidade, e a opinião pela verdade e a existência de uma única opinião “politicamente correta”*. A valorização de uma imagem ideal que dita que para se ter saúde e ser aceito socialmente é necessário alimentar-se corretamente, beber pouco, ter práticas sexuais seguras, não fumar..., tornou-se a *nova utopia apolítica de nossas sociedades*. Até atividades sociais, esportivas, religiosas passaram a ser consideradas práticas de saúde. Assim, *o auto-melhoramento individual autodisciplinado na procura de saúde perfeição corporal tornou-se a forma dos indivíduos exprimirem a sua capacidade de agência e autonomia em conformidade às demandas do mundo competitivo*.

Poucos estudantes consideraram nas suas formulações, de maneira organizada, a categoria da reprodução social na base do processo saúde-doença. Partiu-se do pressuposto

que, como representantes de um movimento social crítico das desigualdades sociais e em saúde, os estudantes conceituariam o processo saúde-doença a partir do arcabouço teórico-metodológico da Saúde Coletiva, ou seja, como processo social, considerando na sua análise as *formas de trabalhar e de viver* que consubstanciam a reprodução da vida social.

Apesar dos estudantes discutirem a saúde com frequência a partir de políticas e projetos governamentais, dedicam poucos espaços de discussão sobre concepções de saúde no movimento.

8 Considerações finais: para fazer a síntese

De acordo com os objetivos propostos, caracterizou-se neste estudo o perfil dos estudantes que participam do movimento estudantil. Os resultados revelam que os participantes são jovens que provêm de famílias com situação de trabalho e vida estáveis - renda acima da média nacional dos jovens, moradia própria, bom nível educacional dos pais, vínculos de trabalho dos pais estável - se comparados a outros jovens brasileiros. Tratam-se de jovens que, na sua maioria, fazem parte da *Região Concentrada*, na qual a ciência, a técnica e a informação têm avanço notável em relação às outras regiões brasileiras.

Pode-se dizer também que o espaço do movimento estudantil não favorece ou não atrai a participação de mulheres se considerarmos que elas são maioria entre a população em geral e entre universitários, em particular, porém favorece ou atrai maior participação de negros e pardos.

Quanto à participação política do estudante observa-se que, no movimento estudantil, a inserção dos estudantes nos partidos políticos, tendências e campos políticos, é bastante expressiva e representa a importante influência dos partidos políticos no interior do movimento estudantil contemporâneo.

Os temas discutidos pelo movimento são diversos – desde as questões ligadas ao currículo e à profissão até as relacionadas à análise da conjuntura social e política -, assim como os estudantes possuem diversos espaços de militância – CAs, DCEs, executivas de curso, UNE, campos políticos, coletivos -, discussão e formação política, sendo considerados importantes estratégias de formação complementar ao espaço da universidade.

Na área da saúde os estudantes tendem a reproduzir os conceitos da saúde pública, fundamentados na concepção funcionalista da saúde-doença que propõe como intervenção a

responsabilização do indivíduo pela sua saúde. Poucos consideraram a saúde como processo social e, portanto a fundamentam a partir do arcabouço teórico da Saúde Coletiva.

Pode-se concluir que a pesquisa conseguiu levantar um perfil de uma parcela de militantes do movimento estudantil, apresentou principais temas discutidos, a maneira como uma parcela dos estudantes está organizada e a necessidade de mais espaços de discussão sobre concepções de saúde.

Para conhecer melhor o movimento estudantil contemporâneo seriam necessários novos estudos, principalmente no que diz respeito às mudanças nas formas de organização e inserção em partidos políticos, bem como a relação dessas mudanças com o cenário político nacional.

Referências Bibliográficas

Abramo HW. Cenas juvenis: punks e darks no espetáculo urbano. São Paulo: Página Aberta; 1994.

Abramo HW e Branco PPM (org) Retratos da juventude brasileira. Análises de uma pesquisa nacional. São Paulo: Ed. Fundação Perseu Abramo; 2005. p 323-350.

Araújo L e Ristoff D. Missão Inadiável. In: INEP. 2005 dezembro 02. Disponível em: http://www.inep.gov.br/imprensa/artigos/missao_inadiavel.htm (25 abr 2007)

Balachevsky E. Dilemas do movimento estudantil. Jornal da USP. São Paulo; p. 2. 1994 abr. 24

Bardín L. Análise de conteúdo. Trad. de Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro Lisboa: Edições 70; 1977.

BVS. Biblioteca Virtual de Saúde. São Paulo, 2005. Disponível em <http://www.bireme.br> (03 jul 2005)

Calipo SM. Saúde, estado e ética -NOB/96 e Lei das Organizações Sociais: a privatização da instituição pública da saúde? [dissertação] São Paulo (SP): Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo; 2002.

Camarano AA, Leitão e Melo J, Pasinato MT, Kanso S. Caminhos para a vida adulta: as múltiplas trajetórias dos jovens brasileiros. Rio de Janeiro: IPEA; 2004. Texto para discussão nº 1038.

Cândido A. A batalha da Maria Antônia. Jornal do PT. 1988 jun. n.1:18.

Cardoso I. A geração dos anos 1960: o peso de uma herança. Tempo social, São Paulo, v.17, n.2, p.93-107, nov. 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br> (10 jan 2006)

Cardoso R. A trajetória dos movimentos sociais. In: Dagnino, E, organizador. Anos 90, política e sociedade no Brasil. São Paulo: Brasiliense; 1994. p 81-90.

Castells M. Lutas urbanas e poder político. Porto: Cidades em questão; 1976. p 9-19 e 93-125.

Cavalari RMF. Limites do movimento estudantil: 1964-1980. [dissertação] Campinas (SP): Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas; 1987.

Chauí, M. Público, privado e despotismo. In: Novaes A organizador Ética. São Paulo: Companhia das Letras/Secretaria da Cultura, 1992.

Chauí M. Escritos sobre a universidade. São Paulo: UNESP, 2001.

Chizzotti A Pesquisa em ciências humanas e sociais. 5ª ed. Cortez; 2001.

Cohn-Bendit D. Revolta estudantil. Rio de Janeiro: Laudes; 1968.

DEDALUS. Banco de dados das bibliotecas da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2005.

Disponível em <http://www.usp.br> (03 jul 2005)

Demartini ZBF. A questão da análise no processo de pesquisa. In: Lang ABSG, organizadora. Desafios da pesquisa em ciências sociais. São Paulo: CERU; 2001.p.49-72. (Textos, Série 2, n.8).

Doimo A. A voz e a vez do popular: movimentos sociais e participação política no Brasil pós-70. Rio de Janeiro: ANPOCS;1995. p 27-94.

Evers T, Muller-Plantenberg C, Spessart S. Movimentos de bairro e Estado: lutas na esfera da reprodução na América Latina. In: Cidade, povo e poder. São Paulo: CEDEC/ Paz e Terra; 1982. p 110 -164.

Fávero MLA. UNE em tempos de autoritarismo. Rio de Janeiro: editora UFRJ; 1995.

Foracchi MM. Estudante e a transformação da sociedade brasileira. São Paulo: Nacional, 1965.

Foracchi MM. A juventude na sociedade moderna. São Paulo: Pioneira; 1972.

Freire P. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra; 1997.

Gohn MG. Conselhos gestores e participação sociopolítica. São Paulo: Cortez; 2001.

Gohn MG. Movimentos sociais no início do século XXI: antigos e novos atores sociais. 2ª ed. Rio de Janeiro: Vozes; 2004.

Gohn MG. Teoria dos movimentos sociais: paradigmas clássicos e contemporâneos. São Paulo: Loyola; 1997.

Hobsbawn E. A era dos extremos: o breve Século XX. 1914-1991. São Paulo: Cia das Letras; 1995.

Hur DU. COREP/SP: investigação sobre sua construção e consolidação como entidade estudantil. [dissertação] São Paulo (SP): Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo; 2001.

Johnson AG. Dicionário de sociologia. : guia prático da linguagem sociológica. Rio de Janeiro: Zahar; 1997.

Krischke PJ. Questões sobre juventude, cultura política e participação democrática. In: Abramo HW e Branco PPM (org) Retratos da juventude brasileira. Análises de uma pesquisa nacional. São Paulo: Ed. Fundação Perseu Abramo; 2005. p 323-350.

Kowarick L. Escritos urbanos. São Paulo: Editora 34; 2000. p 71-134.

Laclau E. Os novos movimentos sociais e a pluralidade do social. Rev Bras Ciências Sociais 1986; 1 (2): 41-47.

Lang ABSG, Campos MCSS, Demartini ZBF. História oral e pesquisa sociológica: a experiência do CERU. São Paulo: Humanitas; 1998.

Lapassade G. A entrada na vida. Lisboa: Edições 70, 1975.

Laurell AC. A saúde-doença como processo social. In: Nunes ED, organizador. Medicina social: aspectos históricos e teóricos. São Paulo: Global; 1983.

Lavalle A, Castelo G, Bichir RM. Quando novos atores saem de cena, continuidade e mudança na centralidade dos movimentos sociais. In: Política e Sociedade. Florianópolis 2004; (5): 35-53.

Loge CJ. Brado retumbante. O Estado de São Paulo. p. 2. 1992 out. 5

Martins Filho JR. Movimento estudantil e ditadura militar, 1964-1968. Campinas: Papirus;1987.

Martins HHTS. A juventude no contexto da reestruturação produtiva. In: Abramo HW, Freitas MV, Sposito MP, organizadoras. Juventude em debate. São Paulo: Cortez; 2000. p 17-40

Matos AL. Ressurgimento do movimento estudantil: realidade ou ficção? Educação. Porto Alegre: 1993; 16: 79-91.

Medina C. (org) 1968-1988: nos passos da rebeldia. São Paulo: CJE/ECA/USP; 1989.

Melluci A. A invenção do presente: movimentos sociais nas sociedades complexas. São Paulo: Vozes; 2001. p 7-170.

Memória do movimento estudantil. Cronologia do movimento estudantil. Disponível em: <http://www.mme.org.br/> (03 abr 2007)

Mendes Júnior A. Movimento estudantil no Brasil. São Paulo: Brasiliense, 1982.

Meneses AB. Maria Antônia: década de 60. In: Santos MCL Maria Antônia: uma rua na contramão. São Paulo: Nobel; 1988. p. 118-31.

Mesquita MR. Identidade, cultura e política: os movimentos estudantis na contemporaneidade. [tese] São Paulo (SP): Pontifícia Universidade Católica de São Paulo; 2006.

Mesquita MR. Juventude e movimento estudantil. O velho e o novo na militância. [dissertação] Florianópolis (SC): Universidade Federal de Santa Catarina; 2001.

Mesquita MR. Movimento estudantil brasileiro: o desafio de recriar a militância. In: Culturas Juvenis. 2005. Disponível em: <http://cjuvenis.ces.uc.pt/detalhesDocEstudos.aspx?id=63&Page=0> (25 abr 2007)

Ministério da Saúde. Resolução nº 196/96 sobre pesquisa envolvendo seres humanos. Brasília: Brasil; 1996.

Morin E. Juventude. In: cultura de massas no século XX: neurose. Rio de Janeiro: Forense Universitária; 1997. p 147-157.

Mortada SP. Memória e política: um estudo de psicologia social a partir do depoimento de militantes estudantis. [dissertação] São Paulo (SP): Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo; 2002.

Novaes RR. Juventude e participação social: apontamentos sobre a reinvenção da política. In: Abramo HW, Freitas MV, Sposito MP, organizadoras. Juventude em debate. São Paulo: Cortez; 2000.

Oliveira JAS. A mitologia estudantil: uma abordagem sobre o movimento estudantil alagoano. Alagoas: s/n, 1994. p 99-105.

Ortega F. Biopolíticas da saúde: reflexões a partir de Michel Foucault, Agnes Heller e Hannah Arendt. Interface – Comunic, saúde, educ. 2004; 8 (14): 9-20.

Os acontecimentos da rua Maria Antônia (2 e 3 de outubro de 1968). São Paulo: FFLCH/USP; 1988.

Poerner AJ. O poder jovem: história da participação política dos estudantes brasileiros. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1968.

Prossiga. Biblioteca Virtual de Ciência e Tecnologia. São Paulo, 2005. Disponível em <http://www.prossiga.br> (03 jul 2005)

Queiroz VM, Salum MJL. Ensaio para uma nova abordagem em Enfermagem em Saúde Coletiva: resistindo às armadilhas da globalização subordinada e construindo a globalização da solidariedade social em direção à sociedade do tipo novo. FASM Rev. 2001;(n. esp):11-31.

Reis Filho DA. 1969: a paixão de uma utopia. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo; 1988.

Ribeiro MA. ENEP: história e memória de um movimento. [dissertação] São Paulo (SP): Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo; 1998.

Rodrigues Neto LM. Manifestações pró - impeachment apontam para o renascimento do movimento estudantil no país? Maria Antônia, adeus. Folha de São Paulo. 1992 ago. 15, Opinião São Paulo, p. 3.

Sader E. Quando novos personagens entraram em cena. São Paulo: Paz e Terra; 1988. p 9-225.

Saliba ET. A utopia possível nos tempos dos jovens “caras pintadas”. Jornal da Tarde. 1999 jun.19. Caderno de sábado: 5.

Salum MJL, Queiroz VM, Soares, CB. A responsabilidade da universidade pública no ensino de (enfermagem em) saúde coletiva. Disponível em: <http://www.datasus.gov.br/cns/temas/educacaoosaude/edenfer.htm> Acessado em 10/02/2007.

Sanfelice JL. Movimento estudantil: a UNE na resistência ao golpe de 64. São Paulo: Cortez; 1986.

Santos MCL. Maria Antônia: uma rua na contramão. São Paulo: Nobel; 1988.

Santos M, Silveira ML. O Brasil: território e sociedade no início do século XXI. Rio de Janeiro: Record; 2001.

Santos N. História da UNE. São Paulo: Libramento; 1980.

Schwartzman S. A questão da inclusão social na universidade brasileira. In: mesa redonda Inclusão social da universidade: uma questão pertinente?; 2006 novembro 24; Belo Horizonte, BR. Instituto de Estudos do trabalho e sociedade; 2006.

Seganfredo S. UNE: instrumento de subversão. Rio de Janeiro: GRD, 1963.

Silva JIA. Estudantes e política: estudo de um movimento (RN 1960-1969). São Paulo: Cortez; 1989.

Silva MJ, Martinho R. Organizações estudantis da enfermagem nas políticas de saúde: tendências atuais. In: Nursing. São Paulo; 2(19):25-9, dez. 1999.

Soares CB. “Brasil: as idéias correspondem aos fatos” [Abertura do 28º Encontro Nacional dos Estudantes de Enfermagem; 2005 jul 17; São Paulo].

Stedile JP. Sair da crise com a energia do povo. In: Chauí M, Boff L, Stedile JP, Santos WG. Leituras da crise: diálogos sobre o PT, a democracia brasileira e o socialismo. São Paulo: Fundação Perseu Abramo; 2006.

Stotz EN. Movimentos sociais e saúde: notas para uma discussão. Cad. Saúde Pública: Rio de Janeiro: 1994, 10 (2): 264-268, abr/jun.

Teixeira ACC, Paula APP, Silva CCRA, Dagnino E, Lüchmann LHH, Tatagiba L, et al. Sociedade Civil e democracia: reflexões sobre a sociedade brasileira. Idéias 1998-1999; 5 (2) 6 (1):12-42.

Torres OM. Os estágios de vivência no Sistema Único de Saúde: das experiências regionais à (trans)formação político-pedagógica do VER-SUS/Brasil. [dissertação] Salvador (BA): Universidade Federal da Bahia; 2005.

Triviños ANS. Introdução à pesquisa em ciências sociais. A pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas; 1987.

ANEXO A

Roteiro para entrevista semi-estruturada

Pesquisa: “O sentido do movimento estudantil contemporâneo pela voz dos estudantes da saúde”

Pesquisadora responsável: Alessandra Martins dos Reis

Identificação: (número da entrevista) _____

Idade	_____ anos
--------------	------------

Sexo	1	feminino	2	Masculino
-------------	---	----------	---	-----------

Cor/raça/etnia	1	branca	2	preta	3	parda	4	Indígena	5	amarela
-----------------------	---	--------	---	-------	---	-------	---	----------	---	---------

Estado em que nasceu	_____
-----------------------------	-------

Estado civil	1	solteiro (a)	3	união estável (mora junto)	5	viúvo(a)
	2	casado (a)	4	divorciado (a) ou separado (a)		

Tem filhos?	1	sim	Quantos filhos você tem?	1	um	3	três
	2	não		2	dois	4	quatro ou mais
				5	não se aplica		

Sua Faculdade é:	1	Pública	2	privada
-------------------------	---	---------	---	---------

Estado em que se localiza a Faculdade:	_____
---	-------

Curso:	_____
---------------	-------

Ano que está cursando:	1	1° ano	3	3° ano	5	5° ano
	2	2° ano	4	4° ano	6	6° ano

Atualmente está com o curso trancado?	1	sim	2	não
--	---	-----	---	-----

Período do curso:	1	matutino	2	vespertino	3	noturno	4	integral
--------------------------	---	----------	---	------------	---	---------	---	----------

Fonte de renda:	1	Família	3	Estágio	5	Outras fontes:
	2	Bolsa de estudos	4	salário		

Aceita mais de uma resposta

Total de gastos mensais pessoais	1	menos de meio salário mínimo	4	2 a 3 salários mínimos
	2	Menos de 1 salário mínimo	5	3 a 4 salários mínimos
	3	1 a 2 salários mínimos	6	5 ou mais salários mínimos

Salário mínimo: R\$350,00

Reside:	1	Com a família	3	Moradia estudantil	5	República
	2	Sozinho (a)	4	Pensão	6	Outro local:

Escolaridade paterna	1	Analfabeto	6	Superior incompleto
	2	Fundamental incompleto	7	Ensino superior completo

3	Ensino fundamental completo	8	Especialização
4	Médio incompleto	9	Mestrado/doutorado
5	Ensino médio completo	10	Não sabe

Escolaridade materna	1	Analfabeta	6	Superior incompleto
	2	Fundamental incompleto	7	Ensino superior completo
	3	Ensino fundamental completo	8	Especialização
	4	Médio incompleto	9	Mestrado/doutorado
	5	Ensino médio completo	10	Não sabe

Situação atual de trabalho do pai:	1	Desempregado	4	Assalariado com carteira assinada
	2	Aposentado	5	Assalariado sem carteira assinada
	3	Trabalho doméstico sem remuneração	6	Trabalha por conta própria ou autônomo
			7	Não se aplica

Situação atual de trabalho da mãe:	1	Desempregada	4	Assalariada com carteira assinada
	2	Aposentada	5	Assalariada sem carteira assinada
	3	Trabalho doméstico sem remuneração	6	Trabalha por conta própria ou autônoma
			7	Não se aplica

Sobre a residência familiar:	1	Casa ou apartamento	4	Favela
	2	Casa em quintal comum	5	Cortiço
	3	Conjunto habitacional financiado pelo Estado	6	Outra:

Número de cômodos da residência familiar <i>(Excluindo o banheiro)</i>	1	um	3	três	5	cinco
	2	dois	4	quatro	6	seis ou mais

Propriedade da habitação da família	1	Própria quitada	3	aluguel
	2	Própria, paga mensalidade/financiamento	4	Cedida
			5	Outra. Especificar:

Nº de pessoas que vivem na mesma residência da família:	1	1 ou 2 pessoas	3	5 ou 6 pessoas
	2	3 ou 4 pessoas	4	Mais de 6 pessoas

Renda familiar mensal: <i>Salário mínimo: R\$ 350,00</i>	1	< 1 salário mínimo	4	7 a 9 salários mínimos
	2	1 a 3 salários mínimos	5	10 a 15 salários mínimos
	3	4 a 6 salários mínimos	6	16 e mais salários mínimos
			7	Não sabe

Incluir os rendimentos de todos os membros da família, exceto o seu próprio se não morar com a família. Caso viva com a família, inclua também o seu rendimento.

Compõe algum campo político no ME?	1	sim	2	não	Qual?
Filiado a partido político?	1	sim	2	não	Qual?
Participa de tendência?	1	sim	2	não	Qual?

Participa de outros movimentos sociais?	1	sim	2	não	Qual?
--	---	-----	---	-----	--------------

Participa de ONG?	1	Sim	Se sim, qual é o objetivo da ONG?
	2	Não	

Participa de outras atividades em grupo ligadas a: <i>(assinale e especifique o tipo)</i>	
1	Lazer:
2	Comunidade virtual (orkut, grupos de discussão):
3	Religião:
4	Manifestações artísticas(música, teatro):
5	Associação/liga/conselho ligado à educação ou saúde:
6	Voluntariado:
7	Defesa do meio ambiente:
8	Sindicato/conselho/associação profissional:
9	Outros:
10	Não participa

2ª parte – Questões abertas para entrevista

1. Como você começou a participar do movimento estudantil?
2. Qual o papel do movimento estudantil? (Qual é o ideário?)
3. Fale-me sobre sua função/posição/representação/tarefas hoje no movimento?
4. Como é a organização do movimento que você participa? Qual a relação das executivas de curso e a UNE?
5. Quais os principais temas discutidos no movimento estudantil atualmente e como são trabalhados?
6. Você pertence a alguma tendência? Qual? Como você descreveria essa tendência ou qual o motivo que o aproximou dessa tendência?
7. Qual a relação do movimento estudantil com os partidos políticos?
8. O que é preciso para ter saúde?

ANEXO B

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Meu nome é Alessandra Martins dos Reis. Sou estudante do Programa de Pós-Graduação na área de Enfermagem em Saúde Coletiva da Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo. Estou desenvolvendo a pesquisa “O sentido do movimento estudantil contemporâneo pela voz dos estudantes da saúde”. O objetivo dessa pesquisa é compreender o movimento estudantil contemporâneo da área da saúde em sua articulação com o campo da saúde. Assim, solicito por meio deste documento o seu consentimento para participar do estudo. Pedirei que preencha um formulário com os seus dados e participe de uma entrevista individual de aproximadamente 60 minutos de duração que precisarão ser gravadas e transcritas. Gostaria de esclarecer que sua participação é voluntária e que não será cobrado nada por ela, assim como não haverá remuneração financeira caso você participe. Esclareço ainda que você poderá me pedir mais informações a respeito do estudo a qualquer momento e que tem todo o direito de se recusar a participar da pesquisa inclusive podendo abandoná-la quando desejar sem que isso lhe traga prejuízos de qualquer espécie. Não será necessário que você se identifique. O seu anonimato e o sigilo dos dados confidenciais serão mantidos por ocasião da divulgação dos resultados da pesquisa em eventos e/ou periódicos e você receberá uma cópia assinada deste termo, na íntegra. Você concorda em participar?

Desde já agradeço a sua colaboração, Obrigada. Campinas, ____ de _____ de 2006.
_____ Alessandra Martins dos Reis Telefone: (11) 96179927, e-mail: alemreis@hotmail.com

_____ Assinatura do entrevistado

Caso você tenha alguma dúvida, o telefone do Comitê de Ética em Pesquisa da Escola de Enfermagem da USP é (11) 3066-7548

ANEXO C

Tabela 20 - Distribuição dos estudantes entrevistados (Nº e %) segundo área/curso. Campinas, 2006.

Área/ Curso	Nº	%
Área de Ciências Humanas/Curso		
Ciências sociais	28	5,9
Pedagogia	25	5,2
Direito	24	5,0
História	23	4,8
Letras	21	4,4
Administração	18	3,8
Comunicação social	15	3,1
Geografia	9	1,9
Jornalismo	9	1,9
Economia	8	1,7
Ciências econômicas	6	1,3
Publicidade e propaganda	4	0,8
Secretariado executivo trilingue	4	0,8
Arquitetura	3	0,6
Artes cênicas	3	0,6
Relações internacionais	3	0,6
Rádio e TV	3	0,6
Ciências contábeis	2	0,4
Filosofia	2	0,4
Administração pública	2	0,4
Teologia	1	0,2
Turismo/hotelaria	1	0,2
Comércio exterior	1	0,2
Gestão de cooperativas	1	0,2
Artes visuais	1	0,2
Gerenciamento ambiental	1	0,2
Comunicação empresarial	1	0,2
Ciências políticas	1	0,2
Biblioteconomia	1	0,2
Sociologia	1	0,2
Marketing	1	0,2
História e geografia	1	0,2
Direito e ciências sociais	1	0,2
Direito e filosofia	1	0,2
Gestão de políticas públicas e economia	1	0,2
Subtotal	227	47,2
Área de Ciências Biológicas/ Curso		
Enfermagem	47	9,8
Medicina	21	4,4
Psicologia	20	4,2
Serviço social	15	3,1
Farmácia	14	2,9
Engenharia florestal	11	2,3

Nutrição	10	2,1
Educação física	8	1,7
Fisioterapia	8	1,7
Agronomia	7	1,5
Biologia	7	1,5
Fonoaudiologia	5	1,0
Odontologia	5	1,0
Terapia ocupacional	4	0,8
Ciências biológicas	4	0,8
Zootecnia	4	0,8
Veterinária	4	0,8
Biomedicina	3	0,6
Ciências naturais	2	0,4
Engenharia agrônoma	1	0,2
Ecologia	1	0,2
Obstetrícia	1	0,2
Subtotal	202	42
Área de Ciências Exatas/Curso		
Física	6	1,3
Engenharia civil	5	1,1
Química	4	0,9
Matemática	4	0,9
Engenharia ambiental	3	0,6
Sistemas de informação	2	0,4
Engenharia de produção	2	0,4
Engenharia elétrica	2	0,4
Computação	2	0,4
Engenharia química	2	0,4
Estatística	1	0,2
Engenharia mecânica	1	0,2
Design gráfico	1	0,2
Logística	1	0,2
Recursos hídricos	1	0,2
Eletromecânica	1	0,2
Análise de sistemas	1	0,2
Ciências da computação	1	0,2
Processamento de dados	1	0,2
Física e geologia	1	0,2
Tecnologia química industrial	1	0,2
Engenharia de sistemas digitais	1	0,2
Química industrial	1	0,2
Engenharia civil	1	0,2
Física e filosofia	1	0,2
Subtotal	47	9,8
Estudante de pós-graduação	1	0,2
Não respondeu	4	0,8
Total	481	100

ANEXO D

Tabela 21 - Distribuição dos estudantes (Nº e %) segundo formas de lazer. Campinas, 2006.

Lazer	N	%
Esporte	23	4,8
Cinema	9	1,9
Música	8	1,7
Bares	8	1,7
Teatro	8	1,7
Dança	8	1,7
Festas	6	1,2
Jogos	5	1
Outros (leitura, praia, conversa, acampar, malabarismo)	5	1
Não especificou	41	8,5
Não respondeu	360	74,8
Total	481	100

Tabela 22 - Distribuição dos estudantes (Nº e %) segundo participação em comunidades virtuais. Campinas, 2006.

Comunidade virtual	N	%
Orkut	96	20
Grupos de discussão	68	14,1
MSN	11	2,3
Sites	1	0,2
Não especificou	143	29,7
Não respondeu	162	33,7
Total	481	100

Tabela 23 - Distribuição dos estudantes (Nº e %) segundo religião. Campinas, 2006.

Religião	N	%
Católica	35	7,1
Evangélica	7	1,5
Espírita	5	1
Protestante	5	1
Agnóstico	3	0,6
Ateu	3	0,6
Budista	3	0,6
Umbanda	2	0,4
Batista	2	0,4
Outras (alta de souza, messiânica, ananda marga, wicca, xamanismo, desbravadores, candonblé)	7	1,7
Não especificou	32	6,7
Não respondeu	377	78,4
Total	481	100

Tabela 24 - Distribuição dos estudantes (Nº e %) segundo participação em manifestações artísticas. Campinas, 2006.

Manifestações artísticas	N	%
Música/banda/canto/coral	19	4,0
Teatro	12	2,5
Dança	4	0,8
Outras (circo, poesia, artesanato)	3	0,6
Não especificou	43	8,9
Não respondeu	400	83,2
Total	481	100

Tabela 25 - Distribuição dos estudantes (Nº e %) segundo participação em associação, liga, conselho ligado à educação ou saúde. Campinas, 2006.

Associação/liga/conselho ligado à educação ou saúde	N	%
Conselho ligado à saúde	8	1,7
Conselho ligado à educação	5	1
Liga	3	0,6
Outros (SOBRAVIME- Sociedade Bras. de Vigilância ao medicamento, RENETO- rede de ensino em terapia ocupacional, pólo de educação permanente, comunidade de bairro)	4	0,8
Não especificou	47	9,8
Não respondeu	414	86,1
Total	481	100

Tabela 26 - Distribuição dos estudantes (Nº e %) segundo participação em sindicato, conselho ou associação profissional. Campinas, 2006.

Sindicato/conselho/associação profissional	N	%
Associação profissional	3	0,6
Sindicato	3	0,6
Não especificou	28	5,8
Não respondeu	447	93
Total	481	100